

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VIVIANE ONGARO

**Rádio- escola como prática de uma educação libertadora: estudo
de caso no Centro de Socioeducação Curitiba.**

**CURITIBA
2011**

VIVIANE ONGARO

Rádio- escola como prática de uma educação libertadora: estudo de caso no Centro de Socioeducação Curitiba.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino, do Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Profª Drª Rosa Maria Cardoso Dalla Costa.

CURITIBA
2011

Catálogo na publicação
Cláudia Maria de Carvalho – CRB 9ª/1635
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Ongaro, Viviane

Rádio-escola como prática de uma educação libertadora: estudo de caso no Centro de Socioeducação Curitiba / Viviane Ongaro – Curitiba, 2011.
134f.

Orientadora: Profª. Drª. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Educação do Adolescente 2. Rádio na educação. 3. Reabilitação de delinqüentes juvenis – Educação. I. Título.

CDD 370.19

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, criador de todas as coisas. À minha família, minha mãe Altina Dugonski, meu pai Vitor Ongaro meus irmãos Vladimir e Liliane. Aos meus cunhados Duda e Rodrigo e, principalmente aos meus sobrinhos: **Maria Vitória; Bernardo; e João Mateus.** Amo vocês!!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, por me iluminar enquanto escrevo essas palavras, pelo fato de me ouvir e, principalmente me acompanhar todos os dias.

À minha linda, amada e maravilhosa família a quem devo tudo o que sou. Minha mãe Altina Dugonski a guerreira de sempre, minha amiga inseparável, minha razão de ser, minha vida, minha luz. Obrigada mãe por você existir! Esse trabalho também é seu.

Ao meu pai Vitor Antônio Ongaro que, por ser esforço, possibilitou que eu pudesse estudar e estivesse desfrutando deste momento.

Aos meus irmãos Vladimir Vitor Ongaro e Liliane Ongaro Chmielewski meus companheiros de jornada desde a infância, àqueles ao qual recorro sempre e onde sempre encontro um porto seguro. Vocês não imaginam o quanto os amo!!!

Aos meus cunhados Dulciliane Aparecida Ongaro e Rodrigo Chmielewski pela paciência que têm comigo e por sempre estarem dispostos a dar conselhos e me ajudar.

Em especial àqueles que, embora ainda muito pequeninos, tomaram conta da minha vida e do meu coração: Maria Vitória; Bernardo; e João Mateus. Obrigada meus amores por serem sobrinhos tão queridos e por entenderem, inúmeras vezes, que a Dinda Bibi sacrificou passeios com vocês por ser necessário utilizar esse tempo na elaboração desse trabalho. Vocês são a minha luz!

À minha madrinha Carmem Lúcia Dugonski, minha segunda mãe, uma das grandes incentivadoras e companheiras durante o curso de Mestrado.

À minha tia Adilei de Fátima Taverna, por quem tenho um carinho de mãe e que me acompanhou durante todo o curso. Você é uma tia incrível!

Ao meu padrinho Alceu Gabriel Dugonski, meu segundo pai, que há 8 anos nos deixou. Saudades de seu sorriso, do seu apoio, das suas palavras. Te amarei eternamente!

À minha prima Cíntia Veloso por me mostrar o caminho para adentrar no Mestrado. Nunca vou esquecer!

Ao jovem Lucas Luiz Cordeiro, amigo querido que me acompanhou desde o dia em que soube que fui aprovada no Mestrado da UFPR até o dia defesa. Obrigada pela sua ajuda e apoio.

À amiga Danielle Deffert da Rosa pelo companheirismo e dedicação e por me ajudar a entender um pouco mais sobre o projeto de rádio nas unidades de socioeducação.

Aos amigos e companheiros na caminhada do Mestrado: Elizandra Jackiw; Paula Reis; Viviane Alessi; Ana Gabriela Borges; Íris Tomita; João Bitulini; Luiz Otávio Dias e tantos outros que aqui não foram citados, mas que foram fundamentais nesta caminhada. Meu muito obrigada.

A professora Stela Maris Britto Maziero, companheira inseparável durante a pesquisa e ao diretor do CENSE Curitiba, Luciano Aparecido de Souza por abrir as portas da unidade para que pudesse conhecer o processo da socioeducação.

Enfim, à minha orientadora Rosa Maria Dalla Costa pela sua paciência e dedicação. Obrigada professora por sempre estar comigo, mesmo nos momentos em que falhei. Nunca vou esquecer do jeito doce, companheiro e amigo com o qual trata os seus pupilos.

Vou mostrar pra muita gente, que tudo é possível/ na medida que se aprende, tudo se tornar incrível/ pois a justiça mano é falha, prevalece cor, religião, dinheiro/ confiar sempre no Senhor, essa é a trajetória de um guerreiro/ o meu passado não importa, vou viver o meu futuro/abrirei uma nova porta, pra viver num mundo puro/ a solidão é coisa feita, bate e fere o coração/ estando nessa cadeia é que sinto a reação/ não desejo ao meu inimigo, nem na terra, nem na lua/ Jesus Cristo verteu sangue pela minha e pela sua/ a realidade é esta, mas temos que suportar/ a violência é que nos resta, só Deus pra me julgar, sei também que muita gente pode não acreditar/ mas agora eu tenho uma chance, insisto ao mundo eu vou provar/ aos amigos eu deixo o abraço, aos inimigos o perdão/ afinal pra todo mundo deixo a minha gratidão.

RAP escrito por LFP durante o trabalho de Educomunicação do Centro de Socioeducação Curitiba. Desde os 12 anos de idade o adolescente acumula registros de passagem pelo CENSE. Sua última detenção aconteceu por escolha própria. Como não conseguiu convencer a polícia de que estava com mandado de busca e apreensão determinado pela Justiça, resolveu arrombar uma padaria. Quando os policiais o encontraram LFP estava sentado calmamente, comendo e esperando que os policiais o prendessem. Sem família, o CENSE tornou-se seu novo lar

RESUMO

As questões educacionais que envolvem medidas socioeducativas e, portanto, meninos e meninas em privação de liberdade, ainda não receberam da academia a necessária atenção. Essa é uma questão social pouco debatida e que está sendo constituída gradativamente como objeto de pesquisa no setor educacional. As medidas socioeducativas, por sua natureza, conferem ao infrator a responsabilidade de assumir e pagar pelos seus atos. Porém, a real finalidade da medida é pedagógica, conforme estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Assim como nas escolas ditas normais, os Centros de Socioeducação do Paraná começam a estabelecer uma conexão entre educação e comunicação na busca da construção da cidadania a partir do pressuposto básico do exercício do direito a expressão e o uso da palavra. O projeto com o uso do rádio como ferramenta pedagógica nas unidades de socioeducação, levou a busca e descoberta de novas perspectivas no que se refere a educação numa unidade prisional. Portanto, essa pesquisa teve como o objetivo geral conhecer o contexto escolar do Centro de Socioeducação de Curitiba, considerando a prática de uma educação libertadora através do uso do rádio. O referencial teórico baseou-se em Freire (2008) e Kant (1980) para fazer uma relação entre educação para uma prática libertadora. Canário (2006); Behrens (2005); e Illich (1971) analisando a realidade escolar e propondo uma educação aberta para o mundo. Hall (1997); Forquin (1993); Bourdieu (1998); Fischer (2002); Bacegga (2009) e Jacquinet (2009) estabelecendo um elo entre cultura e educação na Era da Informação. Souza (2003); Saviani (2007); Citelli (2004); Orofino (2005); Sancho (2006) e Porto (2001) para o entendimento da conexão entre mídia, comunicação e educação. Saintout (2006); Morin (1996); Canevacci (2005) e Barbero (2008) na discussão entre a mídia e o universo juvenil. Citelli (2006); Arheim (2005); Meditsch (2005); McLuchan (2005); Consani (2007); Filho (2007); e Soares (2006) com rádio educação e sua importância como ferramenta educacional. E por fim, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) para compreender o processo da socioeducação.

Palavras-chave: Educação e a prática da liberdade. Mídia e Educação. Comunicação e Universo Juvenil. Adolescentes em privação de liberdade. Rádio-escola.

ABSTRACT

Educational issues involving educational measures and, therefore, boys and girls in custody, the academy has not received the necessary attention. This is a social question much debated and is gradually being established as a research subject in the educational sector. The educational measures, by their nature, give the offender to take responsibility and pay for their actions. But the real purpose of the measure is educational, as established by the Child and Adolescent (ECA). As in so-called normal schools, the Centers for social education Paraná begin to establish a connection between education and communication in pursuit of the construction of citizenship from the basic assumption of the exercise of expression and the use of the word. With the use of radio as an educational tool in socio-education unit, led the search and discovery of new perspectives with regard to education in a prison unit. Therefore, this research was to understand the general purpose of the school context of social education center in Curitiba, looking into the possibility of a liberating education through the use of radio. The theoretical framework was based on Freire (2008) and Kant (1980) to make a relationship between education a liberating practice. Canary (2006), Behrens (2005) and Illich (1971) analyzing the reality of school and offering an education open to the world. Hall (1997); Forquin (1993), Bourdieu (1998), Fischer (2002); Bacegga (2009) and Jacquinet (2009) establishing a link between culture and education in the Information Age. Souza (2003); Saviani (2007); Citelli (2004); Orofino (2005); Sancho (2006) and Porto (2001) for understanding the connection between media, communication and education. Saintout (2006), Morin (1996); Canevacci (2005) and Barbero (2008) in the discussion between the media and youth universe. Citelli (2006); Arheimar (2005); Meditsch (2005); McLuchan (2005); Consani (2007), Son (2007) and Smith (2006) with radio education and its importance as an educational tool. And finally, the National Socio-Educational Services (SINASE) to understand the process of *sociedade*ção.

Keywords: Education and practice of freedom. Media and Education. Communication and Youth universe. Adolescents in detention. Radio-school.

LISTA DE TABELA

TABELA 1 - ADOLESCENTES SEGUNDO O SISTEMA SOCIOEDUCATIVO E A POPULAÇÃO	55
TABELA 2 - DADOS SOBRE CENSES.....	58
TABELA 3 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO BAIRRO NOVO	65
TABELA 4 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO BOA VISTA	65
TABELA 5 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL REGIÃO BOQUEIRÃO.....	65
TABELA 6 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL REGIÃO DO CAJURU.....	65
TABELA 7 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO BARIGUI	66
TABELA 8 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO MATRIZ	66
TABELA 9 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO PINHEIRINHO	66
TABELA 10 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO PORTÃO.....	67
TABELA 11 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – SANTA FELICIDADE	67
TABELA 12 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – REGIÃO METROPOLITANA.....	67
TABELA 13 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – DEMAIS MUNICÍPIOS DO PARANÁ	68
TABELA 14 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL– OUTRO ESTADO.....	70
TABELA 15 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – OUTRAS REGIÕES	70
TABELA 16 – DROGAS MAIS UTILIZADAS PELOS ADOLESCENTES QUE PASSARAM PELA TRIAGEM DO CIAADI	71

TABELA 17 – CONDIÇÃO ESCOLAR DOS ADOLESCENTES QUE PASSARAM PELA TRIAGEM DO CIAADI.....	72
TABELA 18 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS ADOLESCENTES QUE PASSARAM PELA TRIAGEM DO CIAADI	72
TABELA 19 – DADOS REFERENTES À INTERNAÇÃO	85

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- GRADE DE PROGRAMAÇÃO – RÁDIO CENSE.....	75
QUADRO 2 – RESPOSTAS DOS PROFESSORES SOBRE SE GOSTAM DO QUE FAZEM	103
QUADRO 3 – DESCRIÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES DO CENSE CURITIBA.....	103
QUADRO 4 – RESPOSTA DOS PROFESSORES SOBRE O INTERESSE DOS ADOLESCENTES QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL EM RELAÇÃO AOS ESTUDOS	104
QUADRO 5 - PROFESSORES ANALISAM O USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA	104
QUADRO 6 – OPINIÃO DOS DOCENTES SOBRE O PROJETO DA RÁDIO CENSE CURITIBA	105
QUADRO 7 – RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO CENSE.....	105
QUADRO 8 – DOCENTES APRESENTAM PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO PROJETO RÁDIO CENSE CURITIBA.....	106
QUADRO 9- FAIXA ETÁRIA DOS ADOLESCENTES	107
QUADRO 10 – ORIGEM DOS ADOLESCENTES	107
QUADRO 11 - COM QUEM MORAM OS ADOLESCENTES PESQUISADOS	108
QUADRO 12 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS.....	109
QUADRO 13 - NÚMERO DE IRMÃOS.....	109
QUADRO 14 – INFRAÇÕES COMETIDAS.....	110
QUADRO 15 – NÚMERO DE VEZES QUE O ADOLESCENTE PASSOU PELA UNIDADE	110
QUADRO 16- O QUE A ESCOLA TEM DE BOM E RUIM	111
QUADRO 17- O QUE A ESCOLA TEM DE BOM E RUIM	112
QUADRO 18- O QUE ESTUDAR REPRESENTA.....	112

QUADRO 19- O QUE ESTUDAR REPRESENTA.....	112
QUADRO 20- O QUE ESTUDAR REPRESENTA.....	113
QUADRO 21 – ALUNOS RESPONDEM SE GOSTAM DA RÁDIO CENSE E QUAL O MOTIVO	113
QUADRO 22- DIFERENÇAS ENTRE A ESCOLA NORMAL E A DO CENSE....	113
QUADRO 23 – O QUE OS ADOLESCENTES MAIS GOSTAM NA RÁDIO E SE VOLTARIAM A ESTUDAR CASO HOUVESSE UM PROJETO SEMELHANTE EM SUA ESCOLA.....	114

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. EDUCAÇÃO E LIBERDADE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	16
2.1 A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE.....	16
2.2 CONSTRUINDO UMA ESCOLA ABERTA PARA O MUNDO.....	18
2.3 CULTURA E ESCOLA NA ERA DA INFORMAÇÃO.....	23
2.4 EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS.....	27
3.MÍDIA-EDUCAÇÃO E OS JOVENS NA ERA DA PÓS- MODERNIDADE.....	32
3.1 A MÍDIA E SUA CONEXÃO COM A EDUCAÇÃO.....	32
3.2 A MÍDIA E O UNIVERSO JUVENIL.....	35
3.3 OS JOVENS BRASILEIROS E NÚMEROS DA COMUNICAÇÃO.....	39
4. RÁDIO E EDUCAÇÃO.....	43
4.1 O RÁDIO E O USO DAS PALAVRAS.....	43
4.2 DO SONHO DE ROQUETE PINTO AOS DIAS ATUAIS.....	46
4.3 RÁDIO-ESCOLA: FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....	49
5. OS JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE.....	53
5.1 JOVENS, DESIGUALDADE SOCIAL E CRIMINALIDADE.....	53
5.2 SISTEMA EDUCACIONAL PARA ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI.....	56
5.3 A SOCIOEDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ.....	58
5.4 COMPLEXO DA SOCIOEDUCAÇÃO.....	60
5.5 CENSE CURITIBA.....	63
5.6 INTERNO DO CENSE.....	64
5.7 EDUCAÇÃO NO CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO CURITIBA.....	73
5.8 RÁDIO CENSE: SOCIOEDUCAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO.....	74
6. OS PASSOS DA PESQUISA.....	77
6.1 PASSO 1: AS BASES METODOLÓGICAS.....	77
6.2 PASSO 2: O CONTEXTO DA PESQUISA.....	80
6.3 PASSO 3: A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA.....	87
6.4 PASSO 4: PROCESSO DE OBSERVAÇÃO NO CENSE CURITIBA.....	89
6.4.1 O PRIMEIRO CONTATO COM O ESTÚDIO DE RÁDIO.....	93
6.4.2 O PRIMEIRO CONTATO EM SALA DE AULA.....	96

6.5 PASSO 5: ACOMPANHANDO O TRABALHO NA RÁDIO CENSE.....	99
6.6 PASSO 6: APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO PARA OS DOCENTES.....	101
6.7 PASSO 7: O QUESTIONÁRIO PARA OS ADOLESCENTES.....	106
6.8 PASSO 8: ANÁLISE DE CONTEÚDOS.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	121
ANEXOS.....	134

1. INTRODUÇÃO

Minha relação com a educação começou bem cedo, precisamente aos 6 anos, quando comecei a descobrir as primeiras letras. Na casa humilde de madeira, em Curitiba, havia poucos brinquedos. O mais precioso deles, um “quadro-de-giz” improvisado pelo meu pai num pedaço de madeira velho e pintado com um resto de tinta óleo preta. Naquela época as dificuldades eram imensas. Éramos três crianças e pouco dinheiro.

Não havia giz, mas como toda boa criança, improvisava com pedaço de tijolos ou mesmo “tocos” de giz que, até hoje, não sei como foram parar em minha casa. Aquele era meu mundo particular. Afinal era a professora de alunos imaginários sentados em uma sala de aula ao ar livre. Muitas vezes tinha como espectador meu cachorro Max, um companheiro inseparável de jornada. Para o meu mais fiel amigo ensinava palavras, textos, frases. No meu imaginário, acreditava mesmo que Max estava aprendendo.

Ao chegar à escola, em meados de 1981, me orgulhava por já saber escrever meu nome e conhecer algumas palavras. Minha mãe Altina, mesmo nas dificuldades da vida, me ensinou as primeiras letras, em casa, com sua “técnica pedagógica” rudimentar, mas que surtia o efeito desejado. Afinal, tanto eu quanto meus irmãos chegamos aos bancos escolares sabendo algo.

Embora tenha concluído apenas o antigo primário, minha mãe se esforçava para que os filhos tivessem acesso à educação. Ela mesma quase foi professora em uma época em que os docentes eram indicados por alguém conhecido ou influente nas pequenas cidades fronteiriças a Curitiba. Minha mãe, na sua consciência, preferiu não assumir tal responsabilidade, já que seria responsável pela vida de dezenas de crianças.

Na escola sempre fui uma aluna esforçada. As dificuldades com a matemática me fizeram profetizar que meu mundo estaria inteiramente ligado ao universo das palavras. Como costumávamos dizer naquela época, passava “raspando” quando o assunto eram os números.

Aos 14 anos já havia concluído o ginásio ou como é chamado atualmente, Ensino Fundamental. Nesta época fiquei em uma encruzilhada: ir para o antigo

segundo grau e somente após escolher uma profissão; ou partir para o Magistério. Acabei tendo a influência da prima Andréia Dalazuana na minha decisão. Companheira inseparável da minha infância e adolescência escolheu para ela o caminho do Magistério como rumo na vida. Sua escolha me motivou a também ser uma professora.

Foi no Colégio Loureiro Fernandes que tive os primeiros ensinamentos da docência. Um ano depois, acabei me transferindo para o Colégio Presidente Abraham Lincoln, em Colombo. Durante os três anos de curso tive a oportunidade, por intermédio dos professores, de conhecer autores como Jean Piaget, Maria Montessori, Vygotsky, Bourdieu, Paulo Freire entre tantos outros. Acabei me apaixonando pelo magistério, afinal éramos um grupo de trinta adolescentes que compartilhavam do mesmo sonho: ensinar.

No ano de 1991 me formei normalista. No ano seguinte já havia assumido uma turma no Colégio Municipal Carlos Fontoura Falavinha, em Colombo. Com apenas 17 anos de idade assumi a responsabilidade de abrir as portas do universo escolar para uma turma de 35 crianças, com idade entre 5 e 6 anos.

Foram cinco anos em sala de aula. Época em que aprendi inúmeras coisas. Entre elas a de que todo professor precisa de uma formação continuada e, principalmente precisa estar atualizado com o mundo que o rodeia. Inúmeras vezes me deparei com situações que não sabia responder aos meus alunos.

Embora ainda fosse uma professora bem jovem não conhecia inteiramente a linguagem que as crianças falavam naquela época. O mundo estava mudando e eu estava desatualizada! Eram desenhos, programas e até palavras que faziam parte daquele imaginário infantil e que eu não conhecia. Sentia que era necessário me atualizar, fazer parte do mundo dos meus próprios alunos.

Entretanto minha história mudou e acabei deixando o magistério e abraçando o jornalismo como profissão. Na minha inocente concepção, ser jornalista era uma forma de tentar “mudar” o mundo, uma forma de dar vez e voz, principalmente aos menos favorecidos. Foram 12 anos como repórter e pauteira em um dos maiores jornais do Paraná.

Mesmo estando longe da sala de aula nunca deixei de me interessar pelo assunto. Lia, estudava, discutia e, muitas vezes pautava assuntos relacionados à educação. O que mais me chamava a atenção era a mudança que o cenário

educacional estava vivendo. Não se ensinava mais apenas com o quadro-de-giz, agora os computadores tornaram-se mentores de uma geração inteira.

Isso me levou a reflexão sobre os meios de comunicação e a educação. Certamente foi um estímulo no sentido de aprofundar meus estudos sobre o tema. As reflexões me levaram a apresentar uma proposta de investigação à linha de Cultura, Escola e Ensino, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Inicialmente buscava-se conhecer os modos de aprendizagem mediatizada e quais seus reflexos no dia-a-dia de crianças de escolas de periferia de Curitiba.

A periferia foi o local escolhido já que convivi muitos anos com crianças oriundas dessas regiões, principalmente as do município de Colombo. Eu mesma, oriunda de uma família humilde, fazia parte dessa periferia. Como professora fui testemunha das dificuldades de aprendizagem dessas crianças. Dificuldades que me fizeram chegar à conclusão de que a falta de condições materiais e, muitas vezes a necessidade de trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa, não são os únicos responsáveis pelo abandono e fracasso escolar: a escola também tem sua responsabilidade.

Após o estudo exploratório já havia decidido analisar o rádio como instrumento pedagógico e, principalmente como veículo socializador e transmissor de conhecimento. Entretanto o caminho da pesquisa acabou tomando rumos que não esperava. Descobri que os Centros de Socioeducação do Paraná (CENSES) estavam desenvolvendo um projeto, instalando estúdios de rádio nas unidades e utilizando o veículo como ferramenta educacional. O objetivo era enriquecer as aulas bem como favorecer o processo educativo através do uso da palavra e da expressão.

Até este momento desconhecia o universo da socioeducação e pouco sabia sobre as escolas instaladas nas unidades. Ao iniciar a pesquisa um dado foi relevante para motivar o aprofundamento do tema: o projeto das rádios nos CENSES prima por estimular a inserção social e estabelecer redes sociais de proteção aos adolescentes possibilitando acesso dos jovens a espaços de convivência e participação.

Diz o projeto que “essa articulação parte da premissa de que (...) os problemas de aprendizagem podem contribuir para a conduta infracional, pois

provocam o surgimento de dificuldades de adaptação escolar e evasão, prejudicando o desenvolvimento de suas habilidades sociais”. (PROJETO SOCIOEDUCATIVO DE EDUCOMUNICAÇÃO, 2008, p. 4). Portanto, compreender o adolescente infrator, dando a ele oportunidade e voz, pode ser fundamental no sentido de diminuir o risco de reincidência, aumentar a eficiência das medidas socioeducativas e melhorar seu desempenho escolar.

Neste sentido refleti sobre a dificuldade de expressão verbal e os problemas de aprendizagem desses adolescentes e como o rádio poderia auxiliá-los e favorecê-los no processo educativo. Desta forma configurou-se o objeto da pesquisa tendo como questões centrais: **como o rádio está sendo utilizado no processo socioeducativo dos CENSES? Quais os seus reflexos na vida e no aproveitamento escolar desses adolescentes? O rádio está sendo utilizado dentro de uma perspectiva de uma educação voltada para o diálogo e liberdade de expressão?**

Essa dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Educação e Liberdade na Sociedade da Informação*, busca-se discutir a relação entre a educação e a prática da liberdade dentro do contexto de uma sociedade da informação. Justifica-se pela inegável necessidade da escola, seja num contexto admitido como “normal” ou num sistema prisional, em garantir a liberdade de expressão de seus educandos.

Faz-se ainda uma relação entre cultura e escola entendendo o aluno como um ser inserido num universo histórico-cultural. Assim como afirma Freire, (1980, p 76): “O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação.”

No segundo capítulo, *Mídia-Educação e os jovens na Pós-Modernidade*, correlacionam-se as transformações sociais na Era da Pós-Modernidade e o desafio da escola em integrar as tecnologias da informação e comunicação ao cotidiano dos estudantes. Busca-se ainda discutir o universo juvenil abordando a forma como os jovens vêm e estão inseridos na sociedade da informação, isso porque “ na modernidade, era o ser; na pós-modernidade, é o viver. Na modernidade, a grande questão era adiar para amanhã; na pós-modernidade é o aqui, o agora. Entre a razão da modernidade e o prazer, prefere-se o prazer. Buscam-se as tribos, os

pequenos grupos que dêem a dimensão do hoje, do presente”. (SOUSA, 2003, p. 19).

O terceiro capítulo, *Rádio e Educação*, evidencia o veículo de comunicação rádio como um recurso facilitador no processo ensino-aprendizagem. Analisasse o uso do rádio para fins educacionais, sobretudo, a importância da palavra no contexto de uma educação para prática de liberdade. Ao abordar a Rádio Escola busca-se apresentar a linguagem como forma de tornar o sujeito ativo e mais crítico mesmo porque “a rádio escola propicia ao aluno um olhar amplo sobre os meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento dos seus direitos e deveres. (...) o aluno pesquisa e lê mais, ampliando sua visão de mundo, além de aprender a debater, questionar, discutir, configurando assim, o desenvolvimento do senso crítico e o exercício de desenvolvimento da cidadania. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 15).

O quarto capítulo intitulado *Os jovens em privação de liberdade*, justifica-se como uma forma de introduzir o leitor ao universo da socioeducação. Descreve-se o sistema educacional para os jovens infratores, a situação da socioeducação no Estado do Paraná, bem como o complexo que faz parte do sistema. Busca-se ainda, através da descrição socioeconômica dos internos do Centro de Socioeducação Curitiba e da descrição da Rádio CENSE Curitiba, detalhar o objeto de estudo.

No quinto capítulo, *Passos da Pesquisa*, descrevem-se os parâmetros teóricos que nortearam a metodologia da pesquisa e os passos percorridos desde a construção do problema até a elaboração das categorias de análise dos dados.

No sexto e último capítulo, *Considerações finais*, discutem-se os resultados obtidos durante a pesquisa, através das análises de dados e o processo de observação realizado no Centro de Socioeducação Curitiba.

Ao final deste trabalho são apresentadas as referências utilizadas e organizadas em ordem alfabética, seguidas pelos anexos.

2. EDUCAÇÃO E LIBERDADE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

(..) não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar.
(KANT, 1996, p. 28)

Neste capítulo buscamos aproximar educação, liberdade e cultura fazendo uma co-relação com a presença das mídias na escola e sua contribuição na construção de uma educação aberta para o mundo.

2.1 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Em seu dia-a-dia o homem enfrenta inúmeros desafios. No jogo constante da vida organiza-se, escolhe a melhor resposta, testa, age e faz tudo com a consciência de quem está diante de um desafio. A captação que faz da realidade é naturalmente crítica. Portanto, cada homem é capaz de transcender, o que permite se auto-objetivar reconhecendo universos existenciais diferentes.

As relações que o homem trava no mundo e com o mundo, sejam elas pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas, apresentam uma ordem de características que as diferenciam de qualquer outra esfera animal. Para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente e possível de ser conhecida. Portanto, o homem é um ser de relações e não só de contatos. Ele não apenas está no mundo, mas com o mundo. (FREIRE, 2008).

Utilizando-se de uma perspectiva antropológica-filosófica, procurando resposta ao “que é o ser humano”, Freire (2008) reconhece no homem um ser que jamais será dominado ou domesticado, mas que tem uma ligação em sua essência com a libertação. No ato de discernir o motivo pelo qual existe¹ e não somente vive, o homem descobre sua temporalidade atingindo o ontem, reconhecendo o hoje e descobrindo o amanhã.

Para o autor, a história da cultura do homem se ajusta a dimensionalidade do tempo. O “excesso” de tempo sob o qual vivia o iletrado prejudicava sua própria

¹ Neste sentido a palavra existir ultrapassa o simples significado de viver. Freire (2008) explica que é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. É o existir no sentido de criticidade. (p. 48).

temporalidade e historicidade. Na medida em que toma consciência da emersão do tempo, o homem liberta-se discernindo sua relação com o mundo.

(...) o homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência, senão quando destorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. (FREIRE, 2008, p. 49).

Para Freire (2008) enquanto o animal é essencialmente um ser acomodado e ajustado, o homem é o ser da integração. A partir da relação com a realidade dinamiza o seu mundo e humanizando-o. Cria, recria, decide e temporiza os espaços geográficos e, principalmente faz cultura.

Entretanto o homem moderno vive um dilema: de um lado a luta incessante pela liberdade e do outro a renúncia da capacidade de decidir. No mundo moderno, o homem está reduzido a mero consumidor de produtos econômicos e políticos.

Freire (2008, p. 43) destaca que o homem simples não capta as tarefas de seu tempo já que a ele “são apresentadas por uma elite que as interpreta e lhas entrega em forma de receita e prescrição a ser seguida”. Esse mesmo homem aponta o autor, perde sua liberdade e passa ao anonimato fazendo parte do contingente massificado, sem esperança e sem fé. Já não é mais sujeito e sim objeto.

Insista-se no papel que deverá ter o homem na plenificação e na superação desses valores, desses anseios, dessas aspirações. Sua humanização ou desumanização, sua afirmação como sujeito ou sua minimização como objeto, dependem, em grande parte, de sua captação ou não desses temas. (...) só na medida em que se prepare para esta captação, é que poderá interferir, ao invés de ser simples espectador, acomodado às prescrições alheias que, dolorosamente, ainda julga serem suas. (FREIRE, 2008, p. 52).

Definindo filosoficamente o homem pela necessidade metafísica da educação, Kant (1996) também compartilha da idéia de que cada ser humano é o grande senhor do seu destino. Entretanto o homem precisa adquirir exatamente aquilo que moralmente o torna homem. Isso só é possível graças à educação. A finalidade da educação é justamente a realização da liberdade através da universalização do pensar, de um lado, e do agir de outro.

A liberdade é a questão central do pensamento kantiano. O homem só pode agir sob a idéia de liberdade que é o complemento necessário da razão. Portanto todo o ser dotado de razão deve necessariamente agir sob a idéia de liberdade se opondo a manipulação e a opressão.

Sendo uma relação humana dinâmica e aberta, a educação favorece a justiça social, a paz e o desenvolvimento sustentável. Tanto que a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu artigo XXVI, também vê a educação como prática de liberdade. Diz o texto que a “educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos humanos e das liberdades fundamentais”.

Vale ressaltar que, sem educação, não é possível falar em liberdade. A educação é o lugar do nascimento do homem e a possibilidade de reflorescimento da liberdade. O processo educativo proporciona meios adequados ao exercício da autonomia e da própria humanidade. Somente a educação pode fornecer a base para um plano coletivo da evolução humana. (PEREIRA, 2006).

2.2 CONSTRUINDO UMA ESCOLA ABERTA PARA O MUNDO

A escola que conhecemos hoje em nada se parece com a instituição que teve seu ápice na primeira metade do século XX. Antes baseada num conjunto de promessas originárias do Século das Luzes que associava escola, razão e progresso, essa nova instituição de ensino passa agora do contexto das certezas² e promessas³ para o contexto das incertezas⁴. Essa escola de incertezas emerge nos efeitos do acréscimo de desigualdade, desemprego estrutural, precariedade do trabalho e desvalorização dos diplomas escolares.

² Corresponde à escola da primeira metade do século XX que, a partir de um conjunto de valores intrínsecos e estáveis, funcionava como uma “fábrica de cidadãos”, fornecendo as bases para uma inserção na divisão social do trabalho. A escola funcionava como um registro elitista que permitia a alguns a ascensão social. A escola se isentava da responsabilidade de produzir desigualdades sociais. Aparecia como uma instituição justa em um mundo injusto. (CANÁRIO, 2006)

³ Após a Segunda Guerra Mundial há uma passagem da escola elitista para uma escola de massas. Neste período acontece a expansão quantitativa dos sistemas escolares. A escola é associada a três promessas: desenvolvimento; mobilidade social; e igualdade. (CANÁRIO, 2006)

⁴ Escola que emerge no contexto dos efeitos cruzados do acréscimo de qualificações e desemprego estrutural de massas. A crescente raridade dos empregos com a desvalorização dos diplomas escolares torna-os imprescindíveis e cada vez menos rentáveis. Para cada um, o sucesso supõe o insucesso relativo dos concorrentes. (CANÁRIO, 2006).

O que se pode observar é que a maioria das escolas apresenta uma estrutura para resolver problemas que já não existem mais. Muitas instituições de ensino mantêm apenas a linguagem falada e escrita desconsiderando outras formas culturais de aprendizagem. Outras ainda insistem em manter sua antiga organização celular, ou seja, turma, sala, aula. Raramente há uma organização de espaços flexíveis que permitam o trabalho de aprendizagem individual ou em pequeno e grande grupo.

Instrutora, socializadora e, principalmente reguladora de condutas sociais a escola consiste em fazer preceder o ensino de uma operação prévia tendo autoridade para transformar crianças em adultos que conhecem e aceitam regras. E como argumenta o filósofo alemão Immanuel Kant:

“(a)s crianças são enviadas à escola, de início, não com o propósito de aprender algo ali, mas para que possam acostumar-se a estar sentadas em silêncio e a observar pontualmente o que lhes é dito”. (KANT, 1996, p. 458).

Em seu livro *A Escola Tem futuro?* (2006) Rui Canário explica que nos últimos dois séculos assistimos uma constante expansão da escola que culminou na chamada explosão escolar. A partir da década de 1960, mudança e inovação passaram a fazer parte do vocabulário educacional. Entretanto “a escola que temos no início do século XXI corresponde, na sua essência, ao modelo de escola que estabilizou a transição do século XIX para o século XX” (CANÁRIO, 2006, p. 24).

A mesma opinião é compartilhada por Behrens (2005) que explica que um dos grandes méritos do século passado foi o fato de que os homens despertaram para a consciência da importância da educação. Entretanto o novo milênio nasceu fortemente influenciado pelo método cartesiano⁵ historicamente nascido das concepções de Galileu Galilei.

⁵ O paradigma cartesiano teve sua origem histórica em Galileu Galilei, que introduziu a descrição matemática da natureza reconhecendo a relevância das propriedades quantificáveis da matéria. Descartes (1596-1650) apropriou-se desses estudos para propor o “Discurso do método” que tinha como pressupostos: jamais acolher alguma coisa como verdade sem evidências concretas, dividir cada um dos conceitos em tantas parcelas para resolvê-las; partir da ordem do conceito mais simples para o mais complexo. Esses referenciais alicerçaram a verdade científica do século XX. (BEHRENS, 2005).

Com a persistência da separação entre mente e matéria e a divisão do conhecimento em campos especializados, o homem acaba por adquirir uma visão fragmentada não somente da verdade, mas de si mesmo.

Na visão de Behrens (2005) o paradigma cartesiano não pode ser caracterizado como um erro histórico já que foi responsável por importantes conquistas científicas e tecnológicas. Contudo, os pressupostos deste pensamento contaminaram a educação que passou a ser racional, fragmentada e reducionista.

A visão fragmentada levou os professores e os alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se em cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza. (BERHERNES, 2005, p. 23).

Em pleno século XXI as instituições de ensino permanecem num estágio artesanal que contribui para perpetuação de sua organização inicial: um professor, trinta alunos dispostos um atrás do outro, uma sala retangular, um quadro-de-giz, uma hora aula e, de preferência muito silêncio.

Essa forma de organização cumulativa do conhecimento transformou o currículo num verdadeiro “menu de informações” transmitido de forma seqüencial. Prevalece a lógica de repetição e há uma relação pedagógica de cunho autoritário. A escola desenvolve o princípio de organização similar a produção industrial baseada no taylorismo⁶.

As nossas escolas são, em certo sentido, empresas em que as matérias primas, isto é, as crianças, têm de ser modeladas e transformadas em produtos. As especificações para a manufatura provêm das exigências da civilização do século XX e é tarefa da escola construir os seus alunos de acordo com as especificações apresentadas. Isto exige boas ferramentas, maquinaria especializada, medidas contínuas de produção para ver se o produto está de acordo com as especificações, eliminar os gastos na manufatura e uma grande diversidade do produto. (CUBBERLEY 1916 apud SIROTNIK 1994 apud CANÁRIO, 2006, p. 15).

Canário (2006) faz um alerta para o desencanto escolar. O mesmo desencanto apontado por Behrens (2005) quando afirma que a educação está em crise e que o pensamento cartesiano precisa ser superado. Na opinião de Canário vivemos uma

⁶ Modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro Frederick Taylor (1856-1915), Caracteriza-se pela ênfase nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência ao nível operacional. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taylorismo>.

“crise da escola”, um problema que não foi resolvido nas últimas quatro décadas, nem mesmo através das reformas⁷ que varreram os sistemas escolares do mundo todo: “em vez de as reformas mudarem as escolas, foram as escolas que mudaram as reformas” (CANÁRIO, 2006, p. 16).

Vale ressaltar que durante séculos a aprendizagem esteve diretamente relacionada com a experiência e ligada a própria realidade social. Nas sociedades tribais as crianças aprendiam imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nos rituais. Na Grécia clássica do século V a.C Sócrates transformou a educação favorecendo o pensamento crítico, num período em que o acesso ao ensino era um privilégio de uma minoria.

A partir do século XVIII essa concepção da aprendizagem através da experiência mudou e a escola assumiu o monopólio da educação. O modelo escolar tornou-se hegemônico. Instituiu-se espaço e tempo distinto para a aprendizagem e consagrou-se a dicotomia aprender e agir.

A ruptura com a experiência não-escolar dos alunos trouxe conseqüências na forma de conceber o processo de aprendizagem. A principal delas foi a concessão à escola de quase única instituição responsável pela ação educativa desvalorizando os saberes não adquiridos fora de seus muros. Houve o empobrecimento do campo e do pensamento educativo que deixou de receber referenciais exteriores que permitiam a crítica e a transformação. A educação tornou-se refém da forma escolar.

(...) algumas das características mais marcantes da forma escolar. (...) o menosprezo pela experiência não-escolar dos alunos, que tendem sempre a ser encarados como uma “tábua rasa”, a freqüente dificuldade ou incapacidade que os alunos têm em atribuir sentido às tarefas escolares que lhes são impostas e, por fim, a tendência da escola para ensinar soluções, ou seja, para dar respostas, subestimando a capacidade de pesquisa e de descoberta, que exige competências para equacionar problemas e imaginar diferentes soluções. (CANÁRIO, 2006 p. 15).

⁷ Canário (2006, p.18) relembra que o movimento da educação permanente emergiu, no início da década de 1970, como o momento mais importante do século XX em termos de ruptura crítica com o modelo escolar cuja expansão acelerada havia conduzido ao impasse nos anos de 1950 e 1960. A publicação pela Unesco do relatório “Aprender a ser”, em 1972, marcou uma mudança no pensamento sobre educação. Entretanto, o autor alerta que o último quarto do século XX foi marcado pela “erosão” dos ideais da educação permanente, “relativamente aos quais se deve fazer hoje uma revisitação crítica”.

Freire (1996) também discorre sobre os problemas ocasionados pela ruptura com a experiência fora da escola e defende a autonomia dos educandos. Para o autor o aluno é um ser social e histórico, portanto, quando chega à escola traz consigo uma bagagem de conhecimento que não deve ser desprezada. Freire alerta os professores que formar é muito mais do que treinar.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir aos princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p. 59).

Freire defende a idéia de que saber ensinar não se trata apenas de transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua própria produção e construção. Uma sala de aula deve estar aberta a indagações, curiosidades, perguntas. O autor sugere estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e as experiências sociais que eles têm como indivíduos.

Ilich, um dos maiores críticos do modelo escolar da sociedade moderna, concorda com Freire ao afirmar que a maior parte das aprendizagens ocorre com experiências fora da escola já que “é fora da escola que toda a gente aprende a viver, aprende a falar, aprende a pensar, a amar, a brincar, a desembaraçar-se, a trabalhar” (ILICH, 1971, p. 165).

Quando relacionamos Freire (1996), Ilich (1971), Behrens (2005) e Canário (2006) percebe-se que todos os autores são defensores da reinvenção da escola atual. Propõem um processo que inclui questionamento crítico e ruptura na forma de aprender e ensinar. Canário, por exemplo, reconhece que esta não é uma tarefa fácil, mas que também não é um projeto impossível de ser realizado. E recorre a Paulo Freire para afirmar que uma reinvenção da escola é um sonho possível.

Se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defendermos do frio ou do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza, por que não mudar o mundo que fazemos, o da cultura, o da história, o da política? (FREIRE 2000 apud CANÁRIO, 2006, p. 12).

Discutir a possibilidade de mudança de paradigmas não significa destruir, derrubar, anular já que a história está sustentada num processo contínuo e irreversível. (BEHRENS, 2005). Mas é importante ressaltar que, ainda que se tenha acumulado os frutos de séculos e milênios de desenvolvimento cultural, a realidade exige uma reorganização do conhecimento. Neste momento histórico se exige uma superação como propõe Cardoso:

No sentido dialético (...) para quem superar não é fazer desaparecer, mas progredir qualitativamente, conservando o que há de verdadeiro no momento anterior e levando-o a um complemento, segundo as novas exigências históricas. (CARDOSO, 1995, p. 45)

A crise e a resistência fazem parte do processo de transposição. Se por um lado as mudanças causam mal-estar e derrubam pilares de sustentação de pensamentos, conceitos e ações, por outro lado instigam pesquisadores a reverem teorias e buscarem uma renovação de suas concepções. (BEHRENS, 2005).

2.3 CULTURA E ESCOLA NA ERA DA INFORMAÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado, entretanto altamente diversificado culturalmente. O grande desafio sobre a questão cultural é lidar com a diversidade, com a multiplicidade de tendências. O homem moderno gera incontestáveis formas de ser e de viver desenvolvendo culturas variáveis.

Brandão (2009) explica que somos a única espécie que transcendeu o domínio das leis biológicas já que criamos um mundo de relacionamentos fundado em regras sociais. Para o autor somos seres simbólicos criadores de teias, tramas, redes, sistema de regras, de relações, contos, mitos, poemas, idéias, ideologias e visões de mundo.

Para Brandão (2009), a cultura representa o processo e os produtos do trabalho do homem na complexa transformação de uma natureza dada, em um mundo intencionalmente criado.

A cultura é e está, portanto, nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, assim como nos gestos e nos feitos que nós criamos a nós próprios ao passarmos de organismos biológicos a sujeitos sociais, ao criarmos

socialmente nossos próprios mundos e ao dotá-los e a nós próprios - nossos diversos seres, nossas múltiplas vidas e nossos infinitos destinos - de algum sentido. (BRANDÃO, 2009, p. 3).

A importância da cultura no mundo contemporâneo adquire cada vez mais um papel significativo na vida social. Tudo chega a ser visto como cultural. A cultura estaria descentralizando-se e livrando-se de seus determinismos na vida econômica, nas classes sociais, no gênero, na etnicidade e na religião. (MOREIRA & CADAU, 2003).

O teórico jamaicano, Stuart Hall (1997), vê a cultura como elemento-chave no modo como o cotidiano é configurado e modificado. Em sua opinião, a cultura deve ser vista como algo fundamental que determina a forma, o caráter e a vida. Une-se a ela a condição essencial para o esforço de compreender a vida e a organização da sociedade.

O autor destaca que a humanidade está diante de uma revolução cultural evidenciada pela expansão do domínio, configurado por instituições e práticas culturais. Os meios de produção e troca cultural são múltiplos, principalmente devido ao desenvolvimento tecnológico.

Entre as instituições responsáveis pela perpetuação da cultura, a escola desempenha o papel de socialização contribuindo para que indivíduos interiorizem os valores da sociedade. É a instituição que oferece às novas gerações o que de mais significativo foi produzido pela humanidade. Portanto há uma íntima associação entre escola e cultura.

Forquin (1993) estabelece um elo entre cultura e escola ao afirmar que cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação única. Educação e cultura aparecem com duas faces complementares: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra.

E completa:

A escola é também um mundo social, que tem características próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. (FORQUIN, 1993, 167).

Embora esteja integrada num contexto cultural mais amplo, relacionada com a cultura nacional, a escola produz sua própria "cultura interna". São práticas, normas,

valores, crenças, cerimônias e rituais partilhados por membros da comunidade escolar que remete para a existência de um conjunto de fatores e processos sociais específicos.

A cultura da escola está baseada numa seleção de elementos e reformulação de significados. É um conjunto de características do cotidiano, um mundo dos signos no qual “se banha o indivíduo humano, tão somente por ser humano, e que constitui como que sua segunda matriz” (FORQUIN, 1993, p. 168).

No entanto a cultura da escola sofre influências. Diferentes culturas compõem o ambiente escolar. Cada membro presente - sejam funcionários, professores ou alunos - traz consigo formas variadas de ver o mundo, experiências diversas, manifestações, curiosidades específicas e enfrentamentos.

A “padronização” ditada pela escola acaba por criar uma visão hegemônica de conteúdos e sujeitos presentes no universo escolar. Ao criar sua própria cultura, a escola acaba por assumir uma visão monocultural da educação. Os “outros”, os “diferentes”, os de origem popular, os afrodescendentes desestabilizam essa lógica e instalam outra realidade: a sociocultural.

A escola, nesse contexto, mais que a transmissora da cultura, da “verdadeira cultura” passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas. (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 160).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998), crítico da forma de transmissão cultural hegemônica proposta pela escola, afirma que não se ensina tudo o que compõe uma cultura. Em sua opinião a educação é realizada através de uma combinação particular sobre algumas coisas em omissão a outras.

Para Bourdieu (1998) cada indivíduo é caracterizado por uma bagagem socialmente herdada da família e do meio social em que vive. O homem carrega consigo, o que o sociólogo batizou de “capital cultural”.

No seu estado incorporado⁸ o capital cultural pode definir o futuro escolar de um estudante. As referências culturais, os conhecimentos considerados pela escola

⁸ No entendimento de Bourdieu, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. No estado incorporado se dá na forma de disposições duráveis do organismo, tendo como principais elementos constitutivos os gostos, o domínio maior ou menor da língua culta e as informações sobre o mundo escolar. No estado objetivado, o capital cultural existe sob a forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros. No estado institucionalizado, o capital cultural materializa-se por meio dos diplomas escolares.

como apropriados e legítimos e o domínio da língua culta, facilitam o aprendizado dos conteúdos funcionando como uma ponte entre o mundo da família e o da escola.

Partindo desta análise os alunos de classes sociais favorecidas estariam em vantagem se comparados aos estudantes de classes menos favorecidas economicamente. Ao se depararem com uma forma de transmissão de conhecimento hegemônica que, prima pelo “culturalmente correto”, os estudantes com menos condições sócio-econômicas passam a ver escola como um universo estranho.

Bourdieu (1998) lembra que a escola cobra dos alunos um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar. No entanto a exigência de se seguir uma “cultura legítima” só pode ser plenamente atendida por quem foi previamente, no berço familiar, socializado nesses valores.

Se entendermos, assim como Bourdieu (1998), que a sociedade atual é marcada pela diferença e suas mudanças são constantes é possível chegar a conclusão de que o pilar da cultura geral como única formadora do sujeito começa a ficar abalado. As tradicionais agências de socialização, ou seja, escola e família passam a disputar espaço com outro concorrente: os meios de comunicação de massa (MCM).

A comunicação se tornou uma exigência devido às mudanças sociais. A construção da cidadania e da democracia depende da nova modalidade de se fazer presente no espaço público. A existência sócio-cultural passa agora pela mediação dos meios de comunicação. A comunicação torna-se um direito do cidadão e um dever do Estado.

Embora o primeiro significado da palavra comunicação tenha como idéia o diálogo entre duas pessoas, ou seja, emissor e receptor, o termo aqui apontado, recebe o mesmo sentido ao qual se refere MELO & TOSTA (2008)

Constitui-se uma das mais importantes características da modernidade, distingue-se da comunicação humana pelo uso de tecnologias específicas e pelo surgimento de instituições responsáveis pela sua produção, fenômeno esse que se convencionou chamar de meios de comunicação de massa (MCM), *mass media* ou simplesmente mídia. (MELO & TOSTA, 2008, p. 12)

Fischer (2002) afirma que atualmente é impossível fechar os olhos e negar à mídia o espaço de formação cultural, juntamente com a família e escola. A autora lembra que há outras instituições e grupos sociais responsáveis pela transmissão cultural e que todos se encontram em constante mudança

Assim como Fischer (2002), Baccega (2009) concorda que os meios de comunicação são os maiores produtores de significados compartilhados, algo que jamais foi visto antes na sociedade humana. Para a autora, comunicação e cultura “são inseparáveis, dois lados de uma mesma moeda” (BACCEGA, 2009, p. 253).

A escola divide cada vez mais com a mídia a responsabilidade de socialização de jovens e crianças. Portanto, Jacquinet (2009) explica que “a mini-sociedade, que é a escola, não pode se pensar totalmente fora das evoluções do conjunto da sociedade”. (JACQUINOT, 2009, p. 170). Cabem as instituições de ensino se adaptar a esse novo contexto social, seja uma escola “comum” ou mesmo uma unidade instalada em espaços de privação de liberdade. E como afirma Baccega (2009)

A concepção do campo comunicação/educação está estritamente relacionada à necessidade de implantação de uma nova variável histórica (...) Pensar os desafios das relações comunicação/educação é, sobretudo, pensar formas de fortalecimento da inclusão social, do respeito às diversidades, da garantia aos direitos dos sujeitos. (BACCEGA, 2009, p. 250).

2.4 EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS

Assim como informação e comunicação, a palavra mídia não tem uma definição única. Como aponta Gonnet (2004), trata-se de um vocábulo que foi constantemente enriquecido ao longo de décadas. Do ponto de vista etimológico a palavra *medium* (plural de *media*), deriva do latim e quer dizer “meio”, “centro”, “canal”. O termo também foi utilizado pelos anglo-saxões que foram os responsáveis por introduzir a noção de *mass media*, ou seja, meios de comunicação de massa.

Mesmo não existindo uma definição única das mídias, ao descrevê-la é possível fazer algumas associações: mídia como uma instituição (France Presse, Reuters); como gênero (jornal, revista, etc); ou como técnica (fax, rádio). Entretanto as definições vão além da diversidade (GONNET, 2004).

Utilizando-se de Debray (1993), Melo & Tosta (2008) destacam que a mídia teve três grandes períodos ou idades. O primeiro foi mediado pelos sons, signos e gestos. O diálogo era vivenciado em comunidade e ocorria face-a-face. O segundo período acontece com o advento das tecnologias. A comunicação deixou de ser mediada e passou a ser midiática. Desenvolveu-se no contexto da industrialização e urbanização.

O terceiro período da mídia é o que a humanidade está vivendo. O processo de industrialização passa a dar lugar à sociedade de serviço, da linguagem, dos processos comunicacionais. A comunicação passou de midiática e coletiva para digital e está baseada não mais na representação, mas na simulação do performático e no visual.

Belloni (2005) nos chama a atenção ao lembrar que há 40 anos McLuhan (1993) lançou o famoso desafio “o meio é a mensagem”. A autora explica que, desde então, muitos especialistas buscam compreender como e o quê se aprende por intermédio das mídias.

No campo da educação, a mídia vem disputando a hegemonia na formação de valores, com escola e família. Possuindo uma vocação socializadora tem o poder de disseminar bens culturais, símbolos, imagens e sons. O campo que une educação e mídia representa um novo espaço teórico com capacidade para fundamentar práticas de formação de sujeitos e cidadãos (MELO & TOSTA, 2008).

O conceito “educação para as mídias” nasceu nos anos 60 do século XX. Os estudos se concentravam na explosão dos meios de comunicação de massa. Gonnert (2004) descreve a educação para as mídias como:

(...) educação crítica para a leitura das mídias, qualquer que seja o suporte (escrito, radiofônico, televisivo). O objetivo é facilitar um distanciamento, pela tomada de consciência do funcionamento das mídias, tanto de seus conteúdos como da contextualização dos sistemas nos quais elas evoluem. (GONNET, 2004, p. 23)

Em publicação do CENECA (1992), educação para o meio, ou educação para mídia representa:

Um processo que atende a problematizar tanto o conteúdo como a relação que estabelece o sujeito receptor com os meios de comunicação, confrontando a proposta cultural dos meios (como parte da sociedade) com a

sua, esclarecendo as convergências e as divergências. Em definitivo, o objetivo é produzir um conhecimento para a ação, numa perspectiva de libertação. (CENECA 1992 apud PENTEADO, 2001, p. 27).

De acordo com Gonnet (2004), no início dos estudos sobre mídia educação, o tema era abordado de forma totalmente confusa. Os meios de comunicação eram vistos como uma “ferramenta mágica” de alfabetizar em grande escala, principalmente populações privadas de estruturas de ensino.

A educação para as mídias passou a responder várias expectativas. Entretanto a constituição desse campo de estudo é complexa já que exige o reconhecimento da mídia como outro lugar do saber. Como afirma Baccega (2009).

(...) já não se trata de discutir se devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios; trata-se de constatar que eles são também educadores, e por eles passa a construção da cidadania. (...) a escola já não é o único “lugar do saber”, pois divide esse papel com os meios. (BACCEGA, 2009, p. 240).

Baccega (2009) explica que a interface entre educação e comunicação exige tanto de educadores quanto de educandos, uma capacidade de pensar criticamente a realidade. Esta complexidade faz com que sejam reinventados novos conceitos, formuladas novas categorias de análise, bem como incorporadas outras problemáticas para a compreensão do processo de socialização.

O desafio está em compreender um mundo cujo perfil se define cada vez mais pela mídia. Mídia que tem a capacidade de selecionar o que devemos conhecer, ver, ouvir e discutir.

Ao debater a relação entre escola e mídia, Belloni (1996) sugere a reflexão, o estudo das linguagens da mídia e os temas por ela difundidos. Para a autora não se trata de substituir a palavra pela imagem. Trata-se de integrar as duas linguagens. E enfatiza que é preciso educar o olhar, o ouvido e a percepção, preparando os alunos para serem sujeitos ativos do processo de educação e comunicação.

A relação direta entre mídia e educação eliminou fronteiras e criou um novo profissional em sala de aula: o educador. Esse profissional é o responsável pela mediação tecnológica na educação, pela gestão comunicativa, pela reflexão epistemológica, bem como pelo estímulo de aproximar a educação da comunicação.

Em relação à Educomunicação, ela foi definida desta forma pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP):

Conjunto das ações destinadas a ampliar o coeficiente comunicativo das ações educativas, sejam as formais, as não formais e as informais, por meio da ampliação das habilidades de expressão dos membros das comunidades educativas, e de sua competência no manejo das tecnologias da informação, de modo a construir ecossistemas comunicativos abertos e democráticos, garantindo oportunidade de expressão para toda a comunidade. O ecossistema comunicativo designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. (ANDRADE, 2009, p. 54)

O reconhecimento da importância da comunicação no processo ensino-aprendizagem ainda sofre resistência por parte de educadores. O bom e velho quadro-de-giz é uma realidade em boa parte das escolas brasileiras. Nos locais em que há disponibilidade de recursos tecnológicos, nem sempre o docente está preparado para utilizar estes equipamentos. Tampouco para se tornar um educador. Na maioria das vezes a tecnologia está no presente e o conteúdo no passado.

Soares (1999) afirma que o sistema de ensino ainda não integrou de forma definitiva e adequada, a educação para os meios em suas metas e em suas práticas. Para o autor, a educação para os meios é mais que um conteúdo escolar, já que em alguns casos, deve se converter em ações políticas.

O autor lembra que existe grande disparidade na forma de introduzir parceiros tecnológicos na escola. De um lado estão os professores, receosos e, muitas vezes, resistentes as tecnologias. De outro os alunos com uma gama enorme de aprender, sem restrições, incorporando as tecnologias no seu dia-a-dia. Portanto, a grande questão está em não apenas entender a utilização dos meios, mas resgatar o sentido que dá origem ao uso das tecnologias.

No Brasil, Paulo Freire (1980), em seu livro *Extensão ou Comunicação*, aproximou definitivamente a Educação da Comunicação. O autor abre a discussão sobre a técnica ou pedagogia participativa e criativa. Ele afirma a importância da comunicação no processo de conhecimento e destaca a tarefa do educador que é de problematizar junto aos educandos.

A temática volta a ser discutida por Freire em um dos seus últimos trabalhos. Em *Pedagogia da Autonomia* (1996), volta a recusar o uso de um ensino “bancário”

nas escolas, em que a criatividade do educando é deformada. E completa: “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1996, p. 26).

Freire ainda relata a importância do uso dos meios:

Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante. Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la. (*Ibid*, 1996, p. 139).

Dentro desse contexto Freire também deixa claro que cada vez mais as crianças estão tendo contato com os meios de comunicação de massa. Enfatiza que não basta apenas trazer a comunicação para dentro das instituições de ensino. O importante é saber a quem estão servindo.

E como disse Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*:

Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas menos favorecidas. Não foi por outra razão que, enquanto secretário de Educação da cidade de São Paulo, fiz chegar à rede das escolas municipais o computador. Ninguém melhor do que meus netos e minhas netas para me falar da sua curiosidade instigada pelos computadores com os quais convivem. (*Ibid*, 1996, p. 87).

3. MÍDIA-EDUCAÇÃO E OS JOVENS NA ERA DA PÓS-MODERNIDADE

Uma das tarefas do ensino é estudar a mídia para não ser “engolido” por ela; sua importância depende da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social. Fazer do discurso da mídia um ponto de partida para a reflexão e a crítica sobre os fatos do mundo é fazer da sua leitura uma atividade criativa e crítica.
(GUILLARDI apud ASSUMPÇÃO, 2008, p. 3).

Neste capítulo tratamos à mídia como um instrumento de educação e transformação social na Era da Pós-Modernidade. Abordamos ainda o universo juvenil, a forma como esses jovens e adolescentes vêem o mundo e sua presença e interesse cada vez mais constante pelos meios de comunicação social.

3.1 A MÍDIA E SUA CONEXÃO COM A EDUCAÇÃO

A sociedade está em eterna transformação. O ser humano vive o tempo da transição e da transmissão. A velocidade das mudanças é tamanha que, para alguns autores não estamos vivendo na modernidade, mas na pós-modernidade.

Mauro Wilton de Sousa (2003) em seu livro *Novas Linguagens*, fala sobre essas mudanças. O autor aprofunda a relação entre a modernidade e a pós-modernidade. De acordo com ele, a modernidade é todo um projeto social. Seria um modo de pensar e sentir a vida baseado no princípio de organizar-se racionalmente.

Para o autor, modernidade significa ter o futuro como condicionante do presente. E afirma que pela modernidade “não temos o prazer da vida hoje, o prazer da vida é buscado no amanhã (...). Isso se chama adiamento do prazer” (*ibid.* p. 16). Significa que somos condicionados a viver os melhores anos de nossas vidas buscando o amanhã.

Sousa lembra ainda que os meios de comunicação da modernidade são instrumentos dessa racionalidade. Os meios de comunicação chamados massivos produzem exatamente uma cultura baseada no ideal de viver apenas para o amanhã. A modernidade seria uma espécie de tempo linear: a vida, a seqüência da vida. É uma linha com um antes, um durante e um depois, um durante, um começo, um meio e um fim.

Contudo esse cenário começa a se transformar. A indústria, por exemplo, já não segue mais o movimento taylorista em que o processo de produção era uma continuação planejada. As novas tecnologias estão alterando esta visão.

Devido à velocidade de serviços e da própria internet o ser humano passa a pensar no presente. Ao invés do tempo linear entramos no tempo individual. As tecnologias são utilizadas como instrumento do viver. Na pós-modernidade o que vale é o aqui e o agora.

Desta forma o tecido social está em crise:

As tecnologias são para uso individual. As famílias crescem em suas possibilidades econômicas, e aí então eu tenho uma TV na sala, outra no quarto, outra no outro quarto. Cada um vai para o *seu* quarto e para *sua* TV. Também o computador é individual. Há assim, o que se chama de centralidade da casa. Não há mais a rua, não a mais o estar-junto na praça. (SOUSA, 2003, p. 22).

Nesta fase de transição, os meios de comunicação tomam o seu lugar. São eles os responsáveis por criar espaços relacionais, sociais, de vida. As tecnologias passam a mediar um processo social novo. E a escola não poderia estar fora dessa realidade, tampouco dessa transformação.

Desde a segunda metade do século XX vem se discutindo uma educação que valoriza as formas para-escolares, não-escolares ou mesmo informais de ensino. As atenções se voltam para as potencialidades educativas dos meios de comunicação de massa (MCM) e se começa a debater o uso da tecnologia no processo educativo.

Nasce assim uma nova configuração no conceito ensino-aprendizagem, de educação e de conhecimento. Diversas linhas de pesquisa se configuram nas universidades ou mesmo através de congressos e encontros. Uma vasta gama de ações e reflexões se voltam a essa forma de educação.

Certamente há muitas barreiras a serem ultrapassadas pelo universo escolar. Mas talvez o desafio de inserir os meios de comunicação de massa de forma crítica no contexto da sala de aula seja o mais urgente e desafiador. A escola não pode se furtar a discutir a mídia no seu exercício de fundamentar uma sociedade mais justa. Já não é mais possível se isolar da Sociedade da Informação.

Para Saviani (1997) a disseminação dos meios de comunicação de massa é um processo que a escola não pode ignorar. Para o autor, os MCM têm um peso

importante na vida das crianças. Por isso as instituições de ensino devem se adequar a essa nova realidade incorporando alguns desses instrumentos no seu próprio processo de trabalho.

Diariamente milhões de pessoas recebem mensagens televisivas, radiofônicas e jornalísticas. Essas mensagens provocam alterações de comportamento, proporcionam debates públicos, influenciam na tomada de decisões revelando, muitas vezes, os limites do discurso pedagógico.

Televisão, computador, DVD, jornal e revista concorrendo diretamente com a lousa e o quadro- de- giz. O educador, que agora com o advento da comunicação passa a ser chamado de “educador”, percebe a necessidade de se reconsiderar os modelos didáticos. O conceito de educação e comunicação passa a ser visto como um processo cada vez mais inter-relacionado.

Os educadores terão pela frente que se preparar para os desafios educacionais trazidos com o advento das tecnologias. Caberá a eles utilizarem a mídia na sala de aula atuando de forma a aproximar crianças e adolescentes de um contexto histórico, transdisciplinar e coletivo. (OROFINO, 2005).

O redesenho desses modelos educacionais deve ser entendido como decorrência das novas formas de perceber e sentir o mundo. Tanto professores quanto alunos vivem num espaço social mediatizado. A sociedade de hoje é um emaranhado de teias de comunicação.

De acordo com Citelli (2004), em face das mudanças, o que se espera do novo desenho educativo formal é o compromisso com um ensino em diálogo com as realidades comunicacionais e tecnológicas. O objetivo é fazer com que o aluno possa aprender a aprender.

Penteado (2001) destaca que numa pedagogia concebida para trabalhar em perspectiva da comunicação democrática, os MCM fazem parte do currículo escolar. Isso se torna possível já que supre as necessidades de cultura, aprendizagem, prazer e lazer. Os estudantes passam a dialogar com a cultura da mídia através das suas vivências.

A escola deve reconhecer a universalização da comunicação e o processamento das informações que acabam por globalizar as relações culturais e os valores. Desta forma, deve-se criar um ambiente centrado nos alunos e sua capacidade de

aprender valorizando a informação disponível no processo de construção do conhecimento dos alunos e do professor. (SANCHO, 2006).

Para superar os desafios a escola terá que integrar as tecnologias da informação e a comunicação ao cotidiano dos alunos. Na sala de aula, de modo criativo e crítico. Os investimentos terão que acontecer na formação de professores, em pesquisas voltadas para metodologias de ensino, nos modos de seleção e aquisição de equipamentos, além de materiais didáticos e pedagógicos. (BELLONI, 2005).

Ao conseguir desenvolver este processo será alcançado o objetivo maior que não está circunscrito nos muros escolares. Será uma forma de integrar a escola às necessidades da vida. Porto (2001) descreve a pedagogia da comunicação como:

Não é uma pedagogia sobre os meios de comunicação. É uma pedagogia que estabelece comunicação escolar com os conhecimentos, com os sujeitos, considerando os meios de comunicação. Dialoga-se com os meios e suas linguagens, em vez de falar dos meios. (PORTO, 2001, p. 29).

Certamente as instituições de ensino vêm dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam muitos professores à perplexidade. Por outro lado, os educadores podem ainda ser os mesmos, mas os educandos certamente são outros e tem uma relação muito diferente com a escola.

Por isso a responsabilidade da escola passa agora a ser a de formar indivíduos capazes de se enquadrar na Sociedade da Informação. E como afirma Pretto (1996) a escola precisa superar o paradigma de transmitir conhecimentos prontos e acabados dando espaço para uma formação de um ser humano programador da produção.

3.2 A MÍDIA E O UNIVERSO JUVENIL

A adolescência⁹ e a juventude são descritas como fenômenos biológicos nos quais seus integrantes se encontram em uma determinada faixa etária. No Brasil, o Estatuto da Criança e Adolescente, lei nº 8069/90, artigo 112, considera adolescentes as pessoas com idade entre 12 e 18 anos. Para o Instituto Brasileiro

⁹ Dada a instabilidade dos conceitos sobre adolescência e juventude, utilizaremos na pesquisa ambos os termos para definir o mesmo universo estudado.

de Geografia e Estatística (IBGE) o público jovem é constituído por quem tem a faixa etária entre 15 e 24 anos.

Filho (2008) explica que não existe consenso quanto às diferenças e os nexos entre as noções de adolescência e juventude. Tanto nas esferas acadêmicas quanto comerciais, os dois termos são empregados de forma intercambiável, sem maiores preocupações com a distinção conceitual.

Para Saintout (2006) a juventude possui três traços comuns: é sempre tida como um estado transitório, mudando apenas as formas de definição desta transitoriedade; é um setor de faixa etária considerada hegemônica; e apesar dos diferentes lugares ocupados na cultura, a juventude sempre está subordinada ao poder dos adultos.

A cultura juvenil reflete e extrapola as expressões culturais contemporâneas. Existem expressões globais e universais em jovens das culturas mais diversas. Portanto, cada jovem é um complexo biossocial, parte que expressa o todo. (ROCHA & SILVA, 2008).

Rocha & Silva (2008) apontam que, para compreender a complexidade dos jovens contemporâneos, é preciso pensar a cultura midiática como elemento essencial na formação de suas subjetividades. Entende-se aqui por cultura, um corpo complexo de normas, símbolos e imagens da subjetividade que se expressa por meio do comportamento dos indivíduos. (MORIN, 1986, apud ROCHA & SILVA, 2008, p. 125).

Vale ressaltar que os jovens e adolescentes falam através dos seus idiomas, dos rituais do modo se vestir, tatuar-se, adornar-se, enfim das maneiras escolhidas pela sua tribo. Para Rocha & Silva (2008) os jovens constituem uma parte essencial da cultura fragmentada, parcelada, mas também múltipla e plurivocalizada. E afirmam que:

Sua participação se define pelo consumo simbólico como fabricação de sentidos atravessados por fluxos vinculados à economia, à política e ao imaginário. Isso cria também novas sensibilidades plurais e nomadismos que refletem as determinações da vida urbana e os arcaísmos do *anthropos*, do homem universal cuja linguagem é audiovisual, formando jovens ambivalentes e complexos. (...) Abordar a juventude dessa maneira requer integrar diversos modos de pensar, incluindo as aparentes contradições internas, as desordens e antagonismos, que se tornam complementares. (ROCHA & SILVA, 2008. p. 126).

Canevacci (2005, p. 23) explica que “escola, mídia e metrópole constituem os três eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social”. Categoria que é formadora de corpos físicos e imaginários, concretos e simbólicos, transformados em imagens da percepção e não percepção dos jovens sobre si mesmos. (ROCHA & SILVA, 2008).

O apelo à juventude da cultura de massas, expressa através dos meios de comunicação social, representam jovens consumidores de materiais fabricados por imagens e sons que sugerem as formas de viver e agir. Revistas, jornais, programas de televisão e de rádio vendem uma infinidade de produtos e serviços ao público jovem.

Portanto, a Geração Z, determinação adotada por especialistas para se referir as pessoas nascidas a partir década de 1990, sofre ainda mais com as imposições do mundo moderno. A magreza em excesso, a aquisição da roupa e do sapato de marca, a forma de se comportar para ser aceito.

É saudável preocupar-se com o físico. Na adolescência, no entanto, essa preocupação costuma ser excessiva. É a chamada paranóia do corpo. Nunca houve uma oferta tão grande de produtos de beleza destinados a adolescentes. Hoje em dia, é possível resolver a maior parte dos problemas de estria, celulite e espinhas com a ajuda da ciência. Por isso, a tentação de exagerar nos medicamentos é grande. (A paranóia do Corpo, Veja Especial Jovens, 2001, p. 70).

Os meios de comunicação de massa trouxeram uma nova forma de ver o mundo. Filho (2008) alerta que é preciso compreender o que a mídia faz com os jovens e também o que os jovens fazem com a mídia. E explica que, de um lado estão as comprovações dos efeitos contundentes da mídia nos comportamentos juvenis. De outro as validações quantitativas dos usos táticos e das apropriações da mídia.

Garotos e garotas da Geração Z, em sua maioria, nunca conceberam o planeta sem computador, chats, telefone celular. Sua maneira de pensar foi influenciada desde o berço pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou. Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo televisão, o rádio, o telefone, música e internet. (GERAÇÃO Z, Veja Especial Jovens, 2001, p. 15).

Mais do que em qualquer outra época, a tecnologia e os meios de comunicação estão presentes no dia-a-dia da humanidade. Wolton (2006, p. 9) lembra que em, menos de cem anos, foram inventados e democratizados o telefone, o rádio, a imprensa, o cinema, a televisão, o computador e as redes. O autor explica que foram “transformando definitivamente as condições de troca e de relações, reduzindo as distâncias e realizando a tão desejada aldeia global¹⁰”.

Os jovens, por sua vez, se tornaram os maiores “consumidores” das novas tecnologias. Filho (2008) lembra que, nos últimos anos, surgem todas as modalidades de entretenimento comercial, meios de comunicação e inovações tecnológicas propriamente endereçadas à juventude.

Embora ainda sofram com problemas antigos, principalmente aqueles jovens que vêm de classes menos favorecidas e que têm contato direto com a violência e a injustiça social, a nova geração pode se considerar privilegiada em comparação as outras. Além de ter mais acesso aos meios tecnológicos, inclusive na escola, têm a habilidade de manuseá-los.

No entanto, Barbero (2008) alerta para uma *des-ordem* cultural pela qual a sociedade atravessa. E destaca a defasagem da escola em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelas novas tecnologias. O autor explica que estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidades de alcançar a educação e a informação, mas menos acesso ao emprego e ao poder.

Embora essa juventude tenha maior aptidão para mudanças produtivas é excluída do processo, o que em determinadas situações pode causar angústia. Tem uma maior afluência ao consumo simbólico, mas forte restrição ao consumo material. Enfim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças. (BARBERO, 2008).

Para o autor isso resulta em movimento de jovens que transitam entre o repúdio à sociedade e o refúgio na fusão tribal. Jovens se juntam não mais para dialogar, mas para compartilhar a música e para estar juntos através da

¹⁰ Criado pelo sociólogo canadense Marshall MacLuhan, o conceito de aldeia global está diretamente ligado ao conceito de globalização e corresponde a nova visão do mundo através do desenvolvimento das modernas tecnologias da informação e comunicação. Para McLuhan a informação transmitida eletronicamente colocaria fim as separações geográficas. (Fonte: http://www.notapositiva.com/dicionario_gestao/aldeia_global.htm)

comunicação corporal. Como sentem que, nem a sociedade e a escola não podem oferecer segurança acabam por usar entorpecentes como símbolos e metáfora.

Na opinião de Barbero a política, o trabalho, a escola e a família atravessam sua maior crise: a de identidade.

Enquanto o sujeito emerge, hoje, de um ambiente fortemente imaginal e emocional, a casa, em parte e, sobretudo a escola ainda se prendem a uma racionalidade que, em nome do princípio de realidade, expulsa o sujeito, não tanto pelo princípio do prazer, mas por sua sensibilidade. É esse o mundo em que vive o sujeito jovem, seja ele majoritariamente de grupos, pares, bandos, turmas, guetos, seitas e drogas. (BARBERO, 2008, p 22).

Para Barbero (2008) não se deve desvalorizar no mundo juvenil o lugar ocupado pelas culturas audiovisuais ou mesmo as tecnologias digitais. Mesmo por que é através dessas culturas que o jovem, em sua vida cotidiana, consegue se ver e até mesmo ver o outro. Além disso, a tecnologia precisa ser pensada para além do tempo da máquina, já que “o computador não é uma máquina e sim uma tecnicidade cognitiva (*ibid* p.24)”.

3.3 OS JOVENS BRASILEIROS E OS NÚMEROS DA COMUNICAÇÃO

O contato cada vez mais facilitado do homem com essas tecnologias da informação permite a essa relação mais fluidez e mais liberdade na relação do homem com a máquina, com a tecnologia e com os outros indivíduos, uma vez que as barreiras comunicacionais centradas no espaço e no tempo diminuíram. (AMARAL & DUARTE, 2008, p. 270)

Os adolescentes *hip hop*, *online orkut*, *tv a cabo*, *blog* em muito pouco se comparam com aos jovens dos anos 60 e 70 que saíram às ruas como protagonistas da maior revolução de costumes já vista em todo o mundo. Aqueles jovens que hoje são pais da “*geração orkut*” e que assistem perplexos uma revolução completamente diferente da sua época, se trancavam em seus quartos para se isolar do mundo. Seus filhos também se trancam nos quartos. Só que desta vez não para se isolar, mas para se conectar com o mundo.

Dados do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (Unicef), revelam que o Brasil possui uma população de cerca 60 milhões de pessoas com menos de 18 anos de idade. Esse número equivale a quase um

terço de toda a população de crianças e adolescentes da América Latina e do Caribe.

Ao contrário de gerações passadas, os jovens e adolescentes nascidos na “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2002), têm maior acesso a um número infinito de imagens, sons e informações. Rádio, televisão, cinema, internet fazem parte do cotidiano deste público.

Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, apontou que 175 milhões de brasileiros com mais de 14 anos têm o hábito de assistir televisão. Do total, cerca de 75,2 milhões (49,2% da população) vêem TV por mais de três horas por dia.

Um ponto que chama a atenção no levantamento é o fato de que 8,2% das crianças de até 9 anos e 58,8% dos jovens entre 10 e 17 anos passam mais de três horas assistindo televisão.

Além da televisão, a internet também tem um alcance significativo. Levantamento realizado em 2010 pela F/Nazca, com apoio operacional do Datafolha, revelou que, entre a população com mais de 12 anos, 54% costumam acessar a internet. Este universo equivale a 81,3 milhões de pessoas conectadas com a rede. O Brasil é o 5º país com o maior número de conexões à Internet

O principal local de acesso é a lan house, com 31%, seguido da própria casa, com 27%, e da casa de parentes e de amigos, com 25%. O tempo de conexão dos pesquisados é de 3 horas por dia.

Os dados revelados pela pesquisa brasileira sobre a preferência do uso da internet em lan house, vêm ao encontro do que Barbero (2008) revelou em uma pesquisa realizada em Guadalajara, México, sobre os usos que os adolescentes fazem da internet. Durante a investigação foi constatado que dos três ambientes pesquisados - casa, escola e cibercafé - os jovens tinham preferência de acesso à internet no cibercafé.

Barbero (2008) explica que nos *cibers* os adolescentes navegam em grupo, seja aleatoriamente ou para trabalhos escolares. A escola, por sua vez, foi o lugar apontado pelos estudantes mexicanos como o mais passivo, quase inerte.

(...) onde meninos e meninas só podem usá-lo para realizar tarefas didáticas, através de manuais, e onde qualquer interação não autorizada pelo professor é banalizada. (...) o que a escola ensina não é jogar/desfrutar do computador,

mas somente a realização de tarefas preestabelecidas, que castram pela raiz as potencialidades de buscar e se perder, sem as quais é impossível o interagir, o descobrir, o inovar. (BARBERO, 2008, p. 19).

A forma como usar a internet e seus recursos também mudou. Pelo levantamento da F/Nazca, 60% dos internautas brasileiros já substituíram a plataforma tradicional (TV, rádio ou cinema) para assistir ou ouvir programas ou filmes. Na faixa de 12 a 24 anos, 38% já assistiram a alguma novela, filme, reality show, evento esportivo ou seriado na internet, deixando de assistir ou ouvir os mesmos programas na TV ou no rádio.

O acesso à telefonia celular também atinge números expressivos entre os jovens. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada em 2009, 29% do total de jovens entre 10 e 14 anos tinham celular no Brasil. Eram 5 milhões de aparelhos de telefonia móvel nas mãos desse grupo etário.

O uso do rádio também é constante entre jovens e adolescentes. De acordo com o Instituto de Pesquisas Mídia e Dados e Instituto de Pesquisas (IBOPE): 90,2% dos domicílios brasileiros possuem aparelhos de rádio, ou seja: 38.400.000 casas. A região Sul é responsável pela maior dos aparelhos (.6.653.000) ou 96,0% dos domicílios.

No período de 01 de novembro de 2008 a 30 de junho de 2009, 2.493.485 pessoas, com idade acima de 10 anos, no horário das 05h às 0h, estiveram ouvindo alguma das rádios de Curitiba. Vale ressaltar que a população da capital paranaense, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é de 1.797.408.

No entanto, embora os dados pesquisados mostrem uma maior visualidade eletrônica e contato com os meios de comunicação, os jovens ainda não se livraram do estigma de serem um grupo de recepção que, inúmeras vezes está associado à violência, ao consumismo, a gravidez precoce e mesmo ao sexo irresponsável. (FISCHER, 2005, p. 18). Adjetivos estes, muitas vezes, reforçados pela própria mídia.

Utilizando-se da concepção foucaultiana, Fischer (2005) lembra que somos permanentemente constituídos por diversos discursos. Tornamos-nos sujeitos de certas verdades, no interior de determinados regimes. Porém, os sujeitos constituem

a si mesmos, ultrapassando aquilo que lhes é oferecido como norma ou mesmo regra da vida.

Assim como os demais, os jovens, até pouco tempo, eram considerados receptores passivos, indiferentes e massificados. No entanto várias proposições teóricas têm mudado essa visão. Os receptores, com suas diferenças socioculturais, passaram a ser vistos como sujeitos que têm diferentes entendimentos do conteúdo transmitido pelos meios de comunicação.

Nessa perspectiva, a comunicação passa a ser móvel, plural e em constante transformação. Para Baccega

Os receptores tornaram-se co-produtores do produto cultural. São eles que o revestem de significado, possibilitam a atualização de leituras, rompem caminhos preestabelecidos, constroem trilhas que poderão desaguar em mudanças culturais. (BACCEGA, 2000, p. 51)

Wolton (2006) compartilha da mesma opinião de Baccega (2000) ao garantir que o receptor não é facilmente manipulado pela mensagem. Para o autor, embora a comunicação seja uma atividade social marcada pelas desigualdades e questões de poder, não é autoritária. Os indivíduos aprendem a resistir e manter seu livre-arbítrio. Para comprovar sua teoria Wolton explica que “endereçada a todo mundo, a mesma mensagem não é recebida da mesma maneira por todos”. (p. 33).

Na opinião de Wolton (2006) o receptor é o grande enigma da comunicação. O interesse pelo receptor, independente de sua idade, é crescente, principalmente com a globalização da informação e da comunicação. E completa

(...) muito mais informações trocadas entre indivíduos cada vez mais informados em sociedades mais democráticas onde estes cidadãos são também consumidores confrontados com escolhas cada vez mais numerosas. (WOLTON, 2006, p. 34).

4. RÁDIO E EDUCAÇÃO

Na rádio, os sons e as palavras revelam a realidade com a sensualidade do poeta, e nela se encontram os tons da música, os sons mundanos e espirituais, fazendo assim a música penetrar no mundo das coisas; o mundo se enche de música, e a nova realidade criada pelo pensamento se oferece de modo muito mais imediato e mais concreto do que no papel impresso: o que até a pouco havia sido somente idéias escritas, passou a ser algo materializado e bastante mais vivo. (ARNHEIM apud MEDITISCH, 2005, p. 100:101).

Neste capítulo abordaremos a importância do uso das palavras no processo de uma educação para a prática da liberdade. Enfatizaremos o rádio como veículo de comunicação e educação, sobretudo como instrumento de transmissão de cultura e conhecimento. Abordaremos ainda a importância do rádio escola no processo de ensino aprendizagem.

4.1 O RÁDIO E O USO DAS PALAVRAS

Evidenciando sua força, importância e significado para organizar as ações humanas, os afetos e as sociabilidades, as palavras “vêm resistindo ao fogo dos tempos” (CITELLI, 2006, p. 38). Estando no centro da existência humana, configuraram um ciclo de oralidade primária e secundária, que culminou na criação da escrita.

Entende-se por oralidade primária, a única e exclusiva maneira de enunciar palavras pelo recurso oral através dos sons gerados no aparelho vocálico/fonador e dirigidos até a audição. A oralidade secundária foi estabelecida a partir do momento em que a linguagem verbal agregou uma nova possibilidade expressiva: a escrita.

Na análise de Citelli (2006) “fazemo-nos *no* e *com* o universo das palavras; elas são partes do nosso diálogo envolvendo outros sujeitos e circunstâncias, assim como na maneira de sermos e existirmos”. (*ibid* p. 41). Para o autor a palavra está inserida no complexo sistema de linguagem que entrou em circulação com o advento das novas tecnologias da comunicação e informação.

Ao movimentar o mundo das palavras, os veículos de comunicação fazem mais do que lançar mão de um mediador técnico com capacidade de apresentar e embelezar pensamentos e idéias. Os veículos criam alternativas e escolhas facultadas na informação, no conhecimento e no saber. (CITELLI, 2006)

Centrado unicamente na linguagem verbal oralizada, diferentemente dos demais meios de comunicação, o rádio vincula seu potencial comunicativo a audição. Construtor de imagens acústicas, a partir de signos orais, verbais, musicais, sonoros e do próprio silêncio, o rádio é o meio de comunicação que possui elementos que possibilitam que as imagens adquiram forma.

Para o psicólogo alemão, Rudolf Arnheim (2005) o rádio vai e volta da fantasia para a realidade sem violar suas leis. Sua arte está centrada na palavra. O rádio, segundo o autor, é voltado mais ao intelecto, aos conceitos, ao pensar e ao sentir. Ao contrário da televisão que, como meio visual, se presta a expor fatos, a mostrar e a reforçar o caráter documental.

As observações de Arnheim (2005) são compartilhadas por Citteli (2006) ao descrever que através do rádio as palavras ganham movimento.

Em sentido diferente daquele encontrado na televisão ou no cinema, o imaginário da recepção radiofônica é despertado na medida em que são estabelecidos nexos entre falar e ouvir, provocando inquietações e permitindo aos destinatários construir redes de imagens facultadas pelas seqüências das palavras. (CITTELI, 2006, p. 97).

Em seus questionamentos sobre a linguagem específica do rádio, o professor catalão Balsebre (2005) destaca a função comunicativa deste veículo de comunicação como tendo aspecto duplo: o código; o repertório de possibilidades para produzirem enunciados e a mensagens; e variações particulares sobre a base de códigos. Entretanto, Balsebre alerta que a linguagem moderna fixa também um terceiro aspecto entre o código e a mensagem: o uso social e cultural do rádio.

Assim como Arnheim (2005), Balsebre (2005) compactua da idéia de que o rádio é um meio de comunicação e expressão e não apenas um veículo de difusão de informações. Para o autor

O rádio é um meio de comunicação, difusão e expressão que tem duas metas importantes: a reconstituição e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico, "produtor de sonhos para expectadores, perfeitamente despertos". É um veículo que foi capaz de criar uma nova poesia: a poesia do espaço. (BALSEBRE 1994 apud MEDITISCH, 2005, p. 327).

Nem sempre compreendido em suas teorias e tendo seu trabalho reconhecido apenas na década de 1990, quando pesquisadores começam a entender as rápidas mudanças impulsionadas pelas então novas tecnologias da informação, o filósofo e educador canadense Marshall McLuhan (1993), examina as duas grandes revoluções tecnológicas que impulsionaram mudanças estéticas, culturais e sociais: a invenção da imprensa no século XV e as novas aplicações da eletricidade, com o advento do telégrafo, do telefone, do rádio, da televisão e do computador.

Em *Rádio: o tambor tribal* (2005), o autor analisa a passagem de modelo de comunicação linear, da Era Tipográfica, para Era Eletrônica, com o surgimento do rádio e da televisão. McLuhan percebe que a tecnologia cria uma ambiência por onde o homem transita. E afirma que o rádio abalou os fundamentos enraizados na experiência de um ser humano que vivia num mundo tipográfico para um mundo visual, áudio-táctil, simultâneo e “tribalizado”.

O autor faz essas reflexões na década de 60, num período de explosão dos meios eletrônicos. Vale ressaltar que o desenvolvimento do rádio se deve, principalmente a chegada ao mercado de sucessivas gerações de receptores e pelas inovações tecnológicas no sistema de transmissão.

McLuhan (2005) analisa o poder que o rádio exerce sobre as pessoas. E cita como exemplo o uso que os adolescentes fazem do aparelho enquanto realizam seus deveres de casa ou até mesmo a forma como as pessoas levam consigo os transmissores. Na visão de McLuhan, através do rádio, as pessoas sentem a oportunidade de ter um mundo particular em meio às multidões.

O autor vê neste meio de comunicação um sistema nervoso da informação igualado, segundo ele, apenas pela própria voz humana. E descreve o rádio como possuidor de um manto de invisibilidade que se manifesta numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa.

Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. O tempo é um meio que envolve todas as pessoas por igual. As variáveis do tempo constituem o tópico principal do rádio, banhando-nos em fontes de espaço auditivo. (MACLUHAN 1993 apud MEDITISCH, 2005, p. 144).

McLuhan afirma que o rádio provoca uma aceleração da informação já que reduz o mundo a uma aldeia e cria o gosto pelas fofocas, ramos e picuinhas pessoais. Ao mesmo tempo em que reduz “o mundo a dimensões de aldeia, o rádio não efetua a homogeneização dos quarteirões da aldeia” (MACLUHAN 1993 apud MEDITISCH, 2005, p. 151).

Portanto, os efeitos do rádio não estariam na sua programação. Os efeitos sociais deste veículo de comunicação residem nas suas características, estrutura e funcionamento que acabam por moldar a mensagem.

(...) MacLuhan traduz a idéia (...) que o que mais interessa não é o que diz o rádio, mas o fato de existir e transformar a sociedade. São as transformações que o rádio provoca a sua mensagem, por que é o meio que configura e controla a proporção e a forma de ações e associações humanas. O rádio resgata, pela força de seu conteúdo tecnológico, o vínculo das pessoas com sua comunidade. (BIANCO, 2005, p. 154).

4.2 DO SONHO DE ROQUETE PINTO AOS DIAS ATUAIS

Desde sua criação em 1895, pelo italiano Guglielmo Marconi, o rádio, a primeira mídia eletrônica conhecida pelo homem, foi utilizada nas mais variadas formas. Ora como instrumento político, ora como fonte de informação e utilidade pública, ora como instrumento educacional, este veículo de comunicação provoca uma aceleração da informação ao mesmo tempo em que mexe com o imaginário de seus ouvintes.

Ao analisar o rádio, MacLuhan (2005) afirma que o veículo afeta as pessoas pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação. O autor explica que o rádio proporcionou a primeira experiência maciça de implosão eletrônica e, a reversão da direção e do sentido da civilização ocidental letrada. E descreve que:

Para os povos tribais, para aqueles cuja existência social constitui uma extensão da vida familiar, o rádio continuará a ser uma experiência violenta. (...) Para estes, o rádio é absolutamente explosivo. (MACLUHAN apud MEDITISCH, 2005, p. 145).

Entretanto, alerta MacLuhan (2005), as sociedades altamente letradas que já subordinaram a vida familiar a outras atividades, como os negócios e a política, têm conseguido absorver e neutralizar a implosão do rádio sem revolução. Ao contrario

das comunidades que ainda não possuem senão uma breve e superficial experiência de cultura letrada.

No Brasil, como descreve Consani (2007), a primeira transmissão ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro. Feita do alto do Corcovado, só foi possível graças a um transmissor de 500 watts da Westinghouse. Oitenta receptores receberam a mensagem. O primeiro programa foi o discurso do então presidente da República Epitácio Pessoa.

Desde o início das transmissões no Brasil o rádio, manteve uma relação intrínseca com a cultura e a educação. Idealizado pelo médico, antropólogo e educador Roquete Pinto, o rádio foi visto como veículo do futuro. Roquete Pinto percebeu o quanto importante era o uso deste meio de comunicação para garantir a democracia e o acesso à educação.

Entretanto, a princípio, o objetivo não foi alcançado. Duas questões importantes foram decisivas para que o rádio não desempenhasse seu papel educacional. A primeira está relacionada a questão econômica. Ao contrário do que acontece atualmente, os receptores eram caros e importados. Como explica Consani (2007, p. 33) “pouquíssimas pessoas dispunham, efetivamente, de condições para usufruir do novo meio de comunicação”.

A segunda questão foi a concentração do rádio nas mãos de grupos de voluntários que investiam em uma programação voltada a elite. Ópera, recitais de poesia, concertos e palestras faziam parte da programação. Não havia espaço para a produção e exibição de música popular.

Na década de 30 inicia as transformações do rádio no Brasil. O decreto nº. 21.111 de 01/03/32 autorizava que 10% da programação tivesse comerciais. Artistas e produtores são contratados. O erudito passa a ser popular e começa a disputa entre rádios concorrentes. A concorrência tem seu lado positivo já que desenvolve a técnica de se produzir programas bem como a popularidade do veículo.

A década de 40 ficou conhecida como a Época de "Ouro do Rádio". A programação era toda voltada ao popular. A audiência era surpreendente, um fenômeno que só seria visto 30 anos depois com a chegada da televisão no País. A audiência dos programas passou a ser medida pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBOPE) criado em 13 de maio de 1942.

A primeira radionovela, “Em busca da felicidade” foi transmitida em 1942. Esportes e radiojornalismo também passaram a fazer parte da programação. Um dos programas de maior sucesso da época foi o Repórter Esso. A copa do mundo também marcou esta época do rádio brasileiro.

Nas décadas de 1950 e 1960 há uma nova tentativa de resgate da visão educacional através do uso do rádio. Surge a metodologia freireana aliada aos ideais de Roquete Pinto. Através do Movimento de Educação de Base¹¹ (MEB) são instaladas escolas radiofônicas em diversos estados brasileiros. Nos dois primeiros anos, o trabalho foi limitado à alfabetização e a divulgação de informações sobre saúde, associativismo e técnicas agrícolas a população da região Norte e Nordeste.

A proposta foi interrompida em 1964 devido ao golpe militar. Como a bandeira do MEB era de luta e promoção da justiça social, a proposta educativa foi reprimida, mas o governo militar não deixou de se interessar pelo uso do rádio como ferramenta educativa.

Surgem outros projetos com caráter de ensino à distância. Uma das propostas foi o Projeto Minerva criado pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura. O projeto consistia num programa obrigatório, veiculado em cadeia nacional, cinco horas por semana. Terminou em 1980 devido a escassez de recursos.

Durante um bom tempo o governo brasileiro optou por abandonar a idéia de utilizar o rádio no processo de educação. Entretanto, nas décadas de 1990 e 2000, outras iniciativas surgiram no sentido de dar continuidade ao caráter educativo do rádio. A consolidação dos movimentos sociais foi fundamental para a retomada do rádio como instrumento no processo ensino aprendizagem.

Entre as iniciativas das duas últimas décadas estão as rádios educativas, rádios comunitárias e rádios escolares. Vale ressaltar que, em nossa abordagem, centralizaremos a atenção na rádio escolar, mais precisamente, na rádio em funcionamento no Centro de Socioeducação Curitiba.

¹¹ Criado pela Igreja Católica em 1961, com apoio do Governo Federal, propunha-se a desenvolver programa de alfabetização e educação de base, por meio de escolas radiofônicas, a partir de emissoras católicas. Após dois anos de atuação reformulou radicalmente seus objetivos e seus métodos de ação, aliando-se a outros movimentos de cultura popular do período. Com interrupções e refluxos, o MEB existe até hoje, tentando fazer ressurgir seu modo de atuação original. Fonte: <http://www.forumeja.org.br/meb>.

4.3 RÁDIO-ESCOLA: FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA.

Apesar de relativamente antigo, se comparado com os demais meios de comunicação, como a internet e o telefone celular, o rádio representa um instrumento rico em possibilidades pedagógicas. Intrinsecamente ligado ao universo das palavras ganhou um *status* diferenciado em relação às demais tecnologias: é o veículo cujo potencial está relacionado a comunicação dialógica horizontal e interativa convertendo-se em um ponto de encontro de pessoas e grupos, sejam alfabetizados ou não alfabetizados.

Como primeiro artefato eletrônico a penetrar no espaço doméstico, o rádio possui características intrínsecas e extrínsecas. Entre as características extrínsecas decorrentes de condições históricas, como explica Consani (2007), destaca-se a seletividade, a personalidade, a adaptabilidade e a identificação.

Entretanto são nas características intrínsecas que o rádio se apresenta como veículo de comunicação de potencialidade educativa. Liberdade imaginativa, alcance geográfico, simplicidade de produção, baixo custo, agilidade e, sobretudo o uso da palavra e da linguagem estão entre as características intrínsecas do rádio.

Desde a década de 1990, as instituições escolares têm utilizado o rádio como ferramenta pedagógica em decorrência de alguns fatores: consolidação dos movimentos sociais, projetos educativos de organizações não-governamentais e propostas governamentais que abrem espaço para a difusão de um trabalho voltado ao ensino da língua não só a partir do grupo dominante, mas da valorização dos estudantes.

Dentro desta perspectiva, as rádios escolares apresentam uma proposta de construção de cidadania e formação identitária, através do uso da palavra. Defensor do uso da palavra como forma de uma educação libertadora e acreditando que a igualdade social pode ser alcançada através da educação, Freire (2005) propõe o diálogo e o direito à voz para conduzir o indivíduo a um nível crítico capaz de emancipá-lo.

Em suas reflexões Freire (2005) vê o diálogo como um processo dialético construído entre a ação e a reflexão. A palavra, para Freire (*ibid*, p. 89), é utilizada

como “meio para que ele (*sujeito*¹²) se faça”. O diálogo é o “encontro dos homens e mulheres mediatizados pelo mundo, para pronunciá-los, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (*ibid* p. 91)

Portanto, na visão de Freire (2005), a postura de educadores e educandos deve ser pautada por diálogos verdadeiros, intensos, abertos, curiosos, questionadores e capazes de construir sujeitos livres. Necessidades que podem ser supridas pelo uso do rádio em sala de aula.

Só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (*Ibid*, 2005, p. 115).

Ao citar Freire, Soares (2006) mostra a importância do rádio no processo de ensino-aprendizagem dentro da filosofia de uma educação libertadora. E destaca que, embora pareça um veículo de comunicação do passado, o rádio, por suas características, garante a expressão da palavra dos sujeitos aprendentes.

O uso do rádio em escolas privadas de classe média alta (...) ou junto a instituições que trabalham com crianças provenientes de famílias com renda familiar de um salário mínimo (...) pode parecer até meio fora de moda, diante do avanço das tecnologias digitais que trouxeram o computador para dentro da sala de aula e com ele a internet. A paixão pelo rádio explica-se, porém, pela descoberta de que a linguagem radiofônica tem sido capaz de facilitar o ideal de educadores, como Paulo Freire, de construir um processo educativo a partir do lugar cultura, social e político onde os alunos se encontram. (SOARES, 2006, p. 2).

O uso dos meios de comunicação contextualizado para a realidade escolar contribui para o exercício da cidadania, o conhecimento das diversas linguagens e a compreensão da realidade social. Lembrando que as pessoas pautam suas conversas em função do que é apresentado pela mídia. Os sujeitos lêem, ouvem e trazem consigo as marcas do mundo. (CITELLI, 2004).

O educando, por sua vez, é um sujeito em formação, possuidor de uma história social e cultural que deixa marcas em seu comportamento. De acordo com Citelli (2004) *ser no mundo antes de ser na escola* já que o jovem se desloca da

¹² Grifo do autor.

casa para sala de aula e leva consigo conhecimentos, muitos de senso comum que entrarão no jogo discursivo ditado pelo professor.

Vale ressaltar que a concepção de rádio escola difere dos modelos das emissoras de rádios educativas criadas nas décadas de 1960 a 1980. As escolas radiofônicas tinham uma metodologia baseada em grupos de audiência. O rádio era uma espécie de “professor eletrônico” e sua programação era transmitida por uma emissora de radiodifusão em Frequência Modulada (FM) ou Amplitude Modulada (AM).

As rádios escolares têm um caráter diferenciado já que são concebidas de acordo as possibilidades técnicas e financeiras da instituição de ensino. A programação é transmitida através de sistema de som tendo a programação apenas ao alcance das instalações internas.

De acordo com Filho (2007) o ponto que difere o rádio escolar da rádio educativa está relacionado ao processo de produção e recepção. Na rádio educativa os programas são gravados ou exibidos ao vivo sendo elaborados por profissionais da educação e da comunicação. Chega ao aluno/ouvinte através de linguagem e formato fechados. Na rádio escolar a produção é o organismo vivo em que o conhecimento é construído pelo cidadão-aprendiz.

Na rádio escolar educandos e educadores são ativos no processo da produção assumindo a direção de todos os sentidos. O interesse não é preparar jornalistas ou comunicadores, mas cidadãos que estejam conscientes de si e dos outros. A cada programa há uma espécie de retro-alimentação estabelecendo a conexão com os conhecimentos seguintes. (FILHO, 2007).

Soares (2006) lembra que, principalmente Organizações Não Governamentais (ONGs), tem o entusiasmo em desenvolver projetos voltados para rádio escola. Por cuidarem de grupos pequenos essas organizações garantem controle sobre o processo e, principalmente apoio financeiro para os projetos. A característica deste trabalho está pautada na liberdade e a criatividade com que os promotores implantam atividades participativas. É o uso democrático dos recursos tecnológicos.

Entretanto, alerta Soares (2006), tem-se a impressão de que a escola está na contramão da abertura da liberdade e da criatividade. O autor destaca que nas instituições de ensino tudo parece estar sempre para começar. No caso do rádio, os

educadores perdem o entusiasmo em utilizá-lo como ferramenta pedagógica no momento em que percebem que liberdade e criatividade estão diretamente ligadas a barulho.

Outros ainda se perguntam: por que entregar equipamentos de som a estudantes indisciplinados, amantes de ruídos estridentes que se deliciam em repetir aos quatro ventos as baixarias que costumam ver e ouvir, todos os dias, na rua, ou mesmo na televisão ou no rádio comercial? (SOARES, 2006).

Assim como Soares (2006) Barbero (2002) reconhece na escola um local no qual a voz é sufocada. Ao impedir de falar a sua palavra, o aluno é tolhido de sua criatividade e perde a oportunidade de reescrever sua própria história. No entanto, a escola pode mudar esse estigma tornando-se um ambiente de potencial reflexivo e criador.

Isso nos leva a acreditar que a rádio escola pode potencializar uma transformação tornando o aprendizado mais dialógico, permitindo ao professor trabalhar com o aluno a sua realidade. Ao desenvolver a capacidade de oratória, expressão, desinibição, liderança, trabalho em grupo e aumento do repertório lingüístico, o docente abre espaço aos estudantes para o exercício da cidadania.

5. OS JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."
(FREIRE, 2000, p. 65)

Descrevemos neste capítulo o cenário da socioeducação. Num primeiro momento abordamos o universo juvenil e as desigualdades sociais que podem levar a criminalidade. Posteriormente são analisados os elementos que compõe a pesquisa: o sistema educacional para os jovens infratores e a rádio CENSE Curitiba.

5.1 JOVENS, DESIGUALDADE SOCIAL E CRIMINALIDADE

Relatório de Monitoramento de Educação elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2008 e intitulado *Educação para todos em 2015: alcançaremos à meta?* mostra que 34 milhões de pessoas são analfabetas em solo sul americano.

De acordo com o relatório somente no Brasil 800 mil jovens não sabem ler e escrever. Os índices de analfabetismo são maiores em estados como Alagoas (8,2%), Piauí (7%) e Maranhão (6,6%). Dos que procuraram à escolarização, muitos abandonam o ambiente escolar para ingressar no mercado (informal) de trabalho procurando aumentar a renda da família.

Dados publicados pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) mostram que o Brasil possui 25 milhões de adolescentes na faixa de 12 a 18 anos. Eles representam aproximadamente 15% da população brasileira. O País é marcado por uma imensa desigualdade social. Apenas 0,1% da população rica detêm 13,5% da renda nacional, contra os 50% mais pobres, que detêm 14,4% da riqueza.

A entidade destaca que a desigualdade social constatada nos indicadores traz sérias conseqüências na vida, principalmente da população infanto-juvenil.

Em relação a negros e brancos a diferença é ainda maior. Em geral a população negra apresenta um quadro socioeconômico e educacional mais

desfavorável em relação à população branca. De acordo com os dados do SINASE, do total de pessoas que vivem em domicílios com renda per capita inferior a meio salário mínimo somente 20,5% representam os brancos, contra 44,1% dos negros. Os dados divulgados pelo SINASE foram coletados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2005.

A maior pobreza está presente nas famílias de adolescentes negros. Cerca de 20% dos adolescentes brancos vivem em famílias cujo rendimento mensal é de até dois salários mínimos, enquanto que a proporção correspondente de adolescentes não brancos é de 39,8%. A taxa de analfabetismo também é maior. São 12% entre os negros contra 5,7% entre os brancos.

Os dados apresentados pelo SINASE revelam ainda que muito embora 92% da população de 12 a 17 anos esteja matriculada, 5,4% ainda são analfabetos. Na faixa etária de 15 a 17 anos, 80% dos adolescentes freqüentam a escola, mas somente 40% estão no nível adequado para sua faixa etária, e somente 11% dos adolescentes entre 14 e 15 anos concluíram o ensino fundamental. Na faixa de 15 a 19 anos, diferentemente da faixa etária dos 7 a 14 anos, a escolarização diminui à medida que aumenta a idade.

Em relação ao analfabetismo funcional a situação é ainda pior. Dos jovens brasileiros com idade entre 15 e 24 anos, 15% são analfabetos funcionais, ou seja, não têm habilidade de leitura e escrita compatíveis com a sua escolaridade. Os dados são do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) divulgados em 2009.

Longe da escola, longe das condições de viver dignamente e perto da criminalidade. Levantamento estatístico da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria Especial dos Direitos Humanos identificou que existiam no Brasil, em 2004, 39.578 adolescentes no sistema socioeducativo. Este quantitativo representava 0,2% do total de adolescentes na idade de 12 a 18 anos existentes no Brasil.

O termo Sistema Socioeducativo se refere ao conjunto de todas as medidas privativas de liberdade. Nela estão incluídas as internações ou mesmo sistemas de semi-liberdade, medidas não privativas de liberdade como liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade, além da internação provisória.

TABELA 1 - ADOLESCENTES SEGUNDO O SISTEMA SOCIOEDUCATIVO E A POPULAÇÃO TOTAL DE ADOLESCENTES DE 12 A 18 ANOS - POR REGIÃO

REGIÕES	ADOLESCENTES NO SSE*	POPULAÇÃO DE 12 A 18 ANOS**
Brasil	39.578	25..499,418
Centro-Oeste	3.601	1.704.139
Sudeste	22.022	9.790.356
Sul	6.413	3.406.985
Norte	2.048	2.180.849
Nordeste	5.494	8.417.089

FONTE: DADOS DA SEDH/SPDCA (MURAD ET ALI, 2004).
 CENSO DEMOGRÁFICO (IBGE, 2000) CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DA POPULAÇÃO –
 RESULTADOS DA AMOSTRA.

Com a criação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) houve um avanço no atendimento a esses jovens em conflito com a lei. O atendimento passou a ser de caráter educativo e não mais punitivo. O Estatuto definiu categorias de medidas socioeducativas. Entre elas as de: advertência; obrigatoriedade de reparo a danos; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida; inserção de regime de semiliberdade; e internação em estabelecimento educacional.

Para definir parâmetros de execução das medidas estabelecidas pelo ECA, a Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SPDCA/SEDH) da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) promoveram uma ação conjunta que contou com a participação de diversos atores da sociedade civil, representantes do Poder Judiciário.

Em 2006 foi aprovado o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). O objetivo foi traçar estratégias e ações articuladas entre União, Estados e Municípios. O SINASE priorizou então a aplicação de medidas em meio aberto, com a recomendação de privação somente em caráter excepcional. Desta forma buscou-se superar a cultura de internação.

De acordo com o SINASE o atendimento socioeducativo deve assegurar aos adolescentes, mesmo àqueles em privação de liberdade, todos os direitos fundamentais, como à educação, ao esporte, ao lazer e à convivência familiar e comunitária.

Outro levantamento, feito pela Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, mostrou que em 2007 o número total de jovens que cumpriam medida socioeducativa era de aproximadamente 60 mil. Desses, 26,6% recebiam atendimento em meio fechado, sendo que a maior parte, 71%, era de jovens em regime de internação. De acordo com os dados, é possível verificar que a maior parte dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa o fazem em meio aberto. (SINASE, 2006).

No período de dez anos, houve um aumento do número de jovens atendidos em restrição de liberdade. Se em 1996 o número de adolescentes nessa modalidade de atendimento era de pouco mais de 4 mil, no ano de 2007, esse universo passou a ser de 11.400 jovens.

Utilizando o que estabelece o ECA, o Estado vem desenvolvendo outras medidas além da privação de liberdade. Em alguns casos a prestação de serviço está servindo como forma de “punição” a esses adolescentes. De acordo com a SEDH mesmo essas alternativas revelam dados preocupantes: há estados que mantêm altos índices de jovens em privação de liberdade. É o caso de São Paulo em que 4,7 mil meninos e meninas estão internados. Pernambuco fica em segundo lugar com mil adolescentes em sistema de privação de liberdade. .

Além da parceria entre governo federal e prefeituras o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) prevê normas mais específicas para o funcionamento de Centros de Socioeducação. Há um número máximo de adolescentes por unidade. Ainda são desenvolvidas atividades de lazer e, principalmente de educação.

5.2 SISTEMA EDUCACIONAL PARA ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

No Brasil o direito a educação foi garantido pela Constituição Federal de 1988 através do artigo 6º. Desde então o Estado passou a responsável por garantir uma educação de qualidade a todos os brasileiros.

Embora seja um dever do Estado, o Poder Público não é o único que deve garantir o acesso à educação. O artigo 205 da Constituição Federal prevê ainda que a educação também seja dever da família. À sociedade cabe promover, incentivar e colaborar para que esse direito seja mantido e, principalmente assegurado a todos.

Crianças e adolescentes têm esse direito garantido de duas formas, conforme prevê a lei: na primeira pela própria Constituição Federal; e na segunda pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). O artigo 4º da Lei 8.069/90 determina que a educação seja uma absoluta prioridade sendo uma responsabilidade tanto da família, quanto da sociedade e do próprio Estado.

De acordo com o ECA, em seu artigo 53 “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Nesse sentido, a lei assegura: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; direito de ser respeitado por seus educadores; direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; direito de organização e participação em entidades estudantis; e acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência.

A lei prevê que até mesmo jovens que tenham cometido atos infracionais têm o direito preservado de acesso à educação. O artigo 101, inciso III garante a previsão de matrícula e frequência obrigatória para esses adolescentes em estabelecimento oficial de ensino fundamental. Independente da situação a qual o adolescente se encontra, tem garantido por lei o direito à educação formal. Mesmo em medidas privativas de liberdade. Neste caso o estabelecimento de internação deve oferecer escolarização e profissionalização.

Portanto as medidas socioeducativas devem contemplar objetivos socioeducacionais. Durante o período de cumprimento de pena, esses jovens devem ter a oportunidade de superar sua condição de excluídos. Devem estar sujeitos a formação através do desenvolvimento de valores positivos que irão contribuir na participação da vida social.

5.3 A SOCIOEDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ

No Estado do Paraná o cumprimento das medidas socioeducativas fica a cargo do Instituto de Ação Social do Paraná (IASP). A instituição tem trabalhado na perspectiva ação-reflexão-ação entre o saber teórico e a prática experienciada.

De acordo com dados apresentados pela entidade através de um caderno orientativo:

A proposta político-pedagógica parte da compreensão do adolescente em conflito com a lei como uma questão que congrega temáticas e olhares múltiplos, buscando, a partir disso, a proposição de práticas que atuem sobre as diversas facetas das condições pessoais e sociais da vida desses jovens, para, a partir delas, alterar o curso de suas trajetórias de vida. (INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL DO PARANÁ, CADERNOS DO IASP, 2007, p. 14).

Pelas orientações do IASP (2007) o ato infracional cometido pelo adolescente nada mais é do que a revelação de um contexto de violência e transgressão do pacto social.

Atualmente o termo educandário foi abolido no Estado e substituído por outros espaços batizados de CENSES. Centros de Socioeducação ou CENSES são espaços de atendimento ao adolescente em cumprimento de medida judicial. De abrangência regional ofertam os programas de internação ou internação provisória. Alguns municípios do Estado do Paraná também dispõem de um programa de semiliberdade, realizado em um espaço físico separado do Centro de Socioeducação, mas vinculado a este administrativamente.

Os Centros de Socioeducação objetivam a construção de uma nova vida para esses adolescentes ou mesmo a reconstrução “de projetos de vida reais e possíveis de ser realizados, que alterem suas rotas de vida, desatrelando-os da prática de atos infracionais”. (CADERNOS DO IASP, 2007).

Os CENSES no Paraná são compostos pelas seguintes unidades:

TABELA 2 - DADOS SOBRE CENSES

CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO (CENSE)	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA	CAPACIDADE
<u>Curitiba</u>	Internação Provisória	100

<u>Joana Miguel Richa</u>	Internação	30
<u>São Francisco</u>	Internação	100
<u>Fênix</u>	Internação	18
<u>Ponta Grossa</u>	Internação e	70
	Internação Provisória	
<u>Londrina I</u>	Internação Provisória	80
<u>Londrina II</u>	Internação	60
<u>Cascavel I</u>	Internação Provisória	20
<u>Cascavel II</u>	Internação	70
<u>Fazenda Rio Grande</u>	Internação	30
<u>Pato Branco</u>	Internação e	20
	Internação Provisória	
<u>Toledo</u>	Internação	20
<u>Paranavaí</u>	Internação e	20
	Internação Provisória	
<u>Laranjeiras do Sul</u>	Internação e	70
	Internação Provisória	
<u>Campo Mourão</u>	Internação e	20
	Internação Provisória	
<u>Foz do Iguaçu</u>	Internação e	110
	Internação Provisória	
<u>Santo Antonio da Platina</u>	Internação e	20
	Internação Provisória	
<u>Umuarama</u>	Internação e	20
	Internação Provisória	

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DA CRIANÇA E JUVENTUDE (SECJ).

Nas unidades de socioeducação do Paraná a proposta político-pedagógica estabelece: espaço para a prática de convivência; a vinculação afetiva; o significado histórico-social do aprendizado; e o desenvolvimento integral do adolescente. Vários são os programas propostos para alcançar tais objetivos.

O Programa de Educação nas Unidades de Socioeducação é chamado de Proeduse. Desenvolvido através de parceria com a Secretaria de Estado da Criança

e Juventude (SECJ) juntamente com a Secretaria de Estado da Educação (SEED), busca garantir acesso à escolarização aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas cumprindo o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Vários outros programas socioeducativos fazem parte do sistema. Entre eles: o Apoio à Liberdade Assistida (LA); à Prestação de Serviços à Comunidade (PSC); e o Apoio ao Jovem Educando previstos nos artigos 117 a 199 do ECA. Em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE visa à complementação de ações socioeducativas para os adolescentes que saem do sistema de privação ou restrição de liberdade.

Outro programa desenvolvido é o de Apoio e Inserção Social (PAIS). O PAIS têm por objetivo a construção de instrumentos de defesa dos direitos dos adolescentes e das famílias, a aproximação maior da política socioeducativa com a realidade objetiva e subjetiva dos familiares e adolescente, além de abrir canais permanentes de participação e interferência na política de atendimento, defesa e garantia de direitos.

Criado em 2004, o Programa Aprendiz dá oportunidade para que adolescentes entre 14 e 18 anos em cumprimento de medidas socioeducativas participem de programas de profissionalização. Contratados na condição de aprendizes em serviços administrativos pelos órgãos do Governo Estadual, os adolescentes desenvolvem atividades com o acompanhamento de um orientador, recebem meio salário mínimo regional, benefícios trabalhistas e previdenciários e ainda participam de curso de qualificação profissional na área administrativa. Desde sua implantação cerca de 2.000 adolescentes foram atendidos.

5.4 COMPLEXO DA SOCIOEDUCAÇÃO

Baseado no artigo 88, inciso V¹³ do Estatuto da Criança e do Adolescente iniciou-se em 1993 as primeiras discussões para a estruturação em Curitiba de um

¹³ Em seu artigo 88 o ECA prevê: “integração operacional de Órgãos do Judiciário, Ministério Público, defensoria, segurança Pública e Assistência Social, preferencialmente em um mesmo local, para efeito de agilização do atendimento inicial a adolescente a quem se atribui autoria de ato infracional”.

centro de atendimento integrado para atendimento de jovens que cometeram ato infracional. A primeira opção foi ocupar as dependências do antigo Centro de Estudo, Diagnóstico e Indicação de Tratamento (CEDIT), localizado à Rua Pastor Manoel Virgíneo de Souza, 1310, no bairro Capão da Imbuía.

O projeto previa o funcionamento, num mesmo local, de cinco órgãos que passariam a compor o recém criado Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator (CIAADI). Numa área total de 24.270,35 m² foi dado início as reformas sob a responsabilidade do antigo Instituto de Ação Social do Paraná (IASP) hoje Secretaria de Estado da Criança e Juventude (SECJ).

Dezesseis anos após sua inauguração o CIAADI é constituído atualmente por: Tribunal de Justiça (TJ) através da Vara de Adolescentes Infratores (VAI); Procuradoria Geral de Justiça (PGJ) através do Ministério Público do Estado do Paraná (MP); Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP) através da Delegacia do Adolescente (DA); Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania (SEJC) com a Defensoria Pública (DP); e Secretaria de Estado da Criança e da Juventude com o Centro de Socioeducação Curitiba e Semiliberdade Masculina.

O Estatuto da Criança e do Adolescente determina que deva haver integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e assistência social, preferencialmente num mesmo local. O objetivo é agilizar o atendimento inicial ao adolescente que cometeu ato infracional. (art. 88, inciso V do ECA).

Ao ser flagrado em delito ou com mandado de busca e apreensão decretado pela Justiça, o adolescente é encaminhado pela Polícia Militar, Polícia Civil, Guarda Municipal, comunidade ou Juizado (Agente de Proteção) até as dependências do CIAADI. Ao chegar à Delegacia do Adolescente (DA) é avaliada a legalidade da prisão, efetuado o registro da queixa e montado os autos de infração.

Paralelamente os plantonistas do CENSE Curitiba verificam a situação de busca e apreensão, cadastram o adolescente, avaliam sua situação física e de saúde, relacionam os pertences ou objetos furtados, avisam os familiares, elaboram o relatório social e em caso de necessidade determinam o abrigo do adolescente nas dependências do Centro de Socioeducação.

A documentação é encaminhada ao Ministério Público (MP). Ao MP cabe determinar: se a ocorrência é leve. Neste caso o adolescente é liberado e marcada

uma nova reunião com pais ou responsáveis para orientação; ou se a ocorrência é grave. Neste caso o adolescente aguarda nas dependências do abrigo do CENSE a entrevista com o promotor.

Após ouvir o jovem e examinar a documentação o promotor pode liberar o adolescente e comunicar o fato ao Juizado pedindo a extinção do processo. Pode ainda representar o adolescente junto à Vara de Adolescentes Infratores solicitando a internação provisória e o processo regular no prazo de 45 dias.

Ao receber a representação do MP cabe ao Juiz: acolher o pedido do Ministério Público e extinguir o processo; desconsiderar a representação e colocar o adolescente em liberdade; ou acatar a representação e determinar a internação do adolescente por 45 dias, nas dependências do CENSE.

No prazo máximo de 45 dias o Juiz profere a sentença podendo aplicar ou não medidas socioeducativas¹⁴. Em caso de internação o adolescente é inserido no Plano Personalizado de Atendimento (PPA). Obrigatoriamente o jovem terá que participar de escolarização, atividades esportivas e de terapia ocupacional, além de ser atendido individualmente por uma equipe do CENSE.

Caso o juiz opte pela internação os locais disponíveis em Curitiba para receber esses adolescentes são: abrigo (Casa do Piá); clínica para tratamento de drogadição; semiliberdade; CENSE Piraquara (internação masculina); CENSE Joana Miguel Richa (internação feminina); CENSE Fênix (de alto risco).

Conforme estabelece o Estatuto da Criança e Adolescente em seu artigo 121 § 3º, em nenhuma hipótese o período máximo de internação poderá ultrapassar três anos. Atingindo o limite estabelecido o adolescente deverá ser liberado.

¹⁴ De acordo com o ECA (art. 112) são consideradas medidas socioeducativas: Liberdade Assistida (LA) . Neste caso o adolescente sairá do CENSE e irá para casa, mas no período não inferior a 6 meses será acompanhado por equipe especializada. O objetivo é que construa uma trajetória de desenvolvimento pessoal e participação coletiva. Está prevista também Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). É a realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não superior a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas, etc, não podendo ultrapassar oito horas semanais e não prejudicar a escolaridade ou o trabalho. (CENSE Curitiba, INFORMATIVO DO EDUCANDO, 2010, p. 3).

5.5 CENSE CURITIBA

O CENSE Curitiba, local escolhido para realização desta pesquisa, é uma Unidade Social do Governo do Estado do Paraná de internação provisória mantido pela Secretaria de Estado da Criança e do Adolescente (SECJ). Fundado em 1994 integra o complexo do CIAADI e atende adolescentes entre 12 e 17 anos.

Com capacidade de atendimento para cem adolescentes sendo 92 do sexo masculino e oito do sexo feminino é uma unidade de passagem, ou seja, o adolescente permanece no local até que a Justiça determine sua sentença. O CENSE ainda é responsável pela semiliberdade com capacidade para atender dezesseis adolescentes.

Ao contrário da unidade de passagem, a semiliberdade recebe adolescentes com medida inicial ou de continuação determinadas pela Justiça. Atende jovens da Comarca de Curitiba oriundos do CENSE Curitiba ou do CENSE São Francisco, em Piraquara. Dentre as atividades desenvolvidas pela semiliberdade estão: inscrição dos adolescentes em cursos regulares da escola pública; inscrição em cursos profissionalizantes; e encaminhamento para o mercado formal de trabalho.

Para o atendimento dos jovens tanto da semiliberdade quanto da unidade de passagem estão lotados 178 funcionários distribuídos em: 135 no CENSE Curitiba; 21 na semiliberdade; e 13 no Programa de Educação nas Unidades Socioeducativas (PROEDUSE). O programa é desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação (SEED) por meio do Departamento de Educação de Jovens e Adultos.

É competência do Centro de Socioeducação: recepção e triagem dos adolescentes (com plantão 24 horas); abrigamento masculino e feminino antes da definição judiciária; internação provisória masculina e feminina; recebimento de adolescentes em descumprimento de medida socioeducativa masculino e feminino; e semiliberdade apenas para adolescentes do sexo masculino.

Ao ser encaminhado ao CENSE Curitiba o jovem é incluído no Plano Personalizado de Atendimento (PPA). O plano prevê a base para construção do projeto de vida do adolescente considerando suas perspectivas presentes e futuras. Deve conter metas objetivas envolvendo situações como: imagem pessoal; saúde corporal; hábitos; educação formal; trabalho; esporte; cultura; lazer; e relacionamentos.

Implica no comprometimento do adolescente mediante a observância de passos estratégicos rumo à viabilização das metas planejadas. É acompanhado por uma equipe interdisciplinar do centro, contando com apoio da família e da rede social mobilizada e, também com a ciência do juiz. (CADERNOS DO IASP, 2007, p. 39).

Cabe também ao CENSE, durante o período que os jovens permanecem na unidade, elaborar estudo de caso com o objetivo de auxiliar a Vara da Infância e da Juventude na aplicação de medida sócio-educativa ou proteção. O documento é elaborado por uma equipe de professores, profissionais da saúde e educadores sociais sob a coordenação de um técnico.

5.6 INTERNOS DO CENSE

Dados estatísticos do CENSE em 2009 revelaram que a maioria dos adolescentes atendidos pela triagem¹⁵ pertence à Comarca de Curitiba. Há também internações de jovens vindos de Comarcas da Região Metropolitana (RMC), litoral paranaense e até de outros estados. Todos são atendidos de forma igualitária, mas apenas os jovens de Curitiba podem cumprir a semiliberdade no complexo do CIAADI conforme estabelece o regimento do Centro.

No ano de 2009, 3.088 adolescentes passaram pelo Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator. Do total, 2.346 adolescentes eram de Curitiba. Da Região Metropolitana foram 424 jovens (13,96% dos atendidos), 266 adolescentes de outros municípios (8,76%) e apenas dois de outros estados (0,07%). Portanto os jovens da capital paranaense representaram em 2009, 77,21% dos atendimentos no CIAADI.

Em 2009 as regiões de Curitiba com maior número de jovens que cometerem ato infracional foram: Pinheirinho (13,13%); Cajuru (12,24%); Boa Vista (10,14%); Bairro Novo (9,05%); Portão (8,95%); Boqueirão (7,93%); Santa Felicidade (7,83%); Região Matriz (5,40%); e Barigui (0,23%). Os jovens pertencem as seguintes regiões/ bairros:

¹⁵ Os dados são resultados das informações obtidas com o jovem infrator em primeira entrevista, ou seja, ao ser apresentado à Delegacia do Adolescente. O relatório foi concluído e impresso pelo Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator em 21 de janeiro de 2010).

TABELA 3 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO BAIRRO NOVO

Sítio Cercado	196	6,45%
Umbará	23	0,76%
Campo de Santana	22	0,72%
Bairro Novo	22	0,72%
Ganchinho	12	0,39%
TOTAL	275	9,05%

FONTE: CIAADI

TABELA 4 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO BOA VISTA

Bairro Alto	68	2,24%
Santa Cândida	55	1,81%
Pilarzinho	33	1,09%
Atuba	32	1,05%
Boa Vista	29	0,95%
Barreirinha	28	0,92%
Bacacheri	18	0,59%
Abranches	16	0,53%
Cachoeira	15	0,49%
Tingui	11	0,36%
Tarumã	2	0,07%
Taboão	1	0,03%
TOTAL	241	7,93%

FONTE: CIAADI

TABELA 5 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO BOQUEIRÃO

Boqueirão	108	3,55%
Alto Boqueirão	64	2,11%
Xaxim	57	1,88%
Hauer	12	0,39%
TOTAL	241	7,93%

FONTE: CIAADI

TABELA 6 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO CAJURU

Cajuru	215	7,08%
Uberaba	102	3,36%
Capão da Imbuia	32	1,05%
Jardim das Américas	9	0,30%

Vila Oficinas	9	0,30%
Guabirota	5	0,16%
TOTAL	372	12,24%

FONTE: CIAADI

TABELA 7 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO BARIGUI

Vila Verde	7	0,23%
TOTAL	7	0,23%

FONTE: CIAADI

TABELA 8 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO MATRIZ

Prado Velho	40	1,32%
Rebouças	29	0,95%
Centro	21	0,69%
Ahú	13	0,43%
Jardim Botânico	10	0,33%
Mercês	8	0,26%
Juvevê	8	0,26%
Bom Retiro	6	0,20%
Hugo Lange	5	0,16%
Bigorriho	5	0,16%
Cristo Rei	4	0,13%
Batel	4	0,13%
Cabral	4	0,13%
Centro Cívico	2	0,07%
Jardim Social	2	0,07%
São Francisco	1	0,03%
Alto da Rua XV	1	0,03%
Alto da Glória	1	0,03%
TOTAL	164	5,40%

FONTE: CIAADI

TABELA 9 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO PINHEIRINHO

Cidade Industrial	187	6,16%
Tatuquara	102	3,36%
Pinheirinho	84	2,76%
Capão Raso	26	0,86%
TOTAL	399	13,13%

FONTE: CIAADI

TABELA 10 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO DO PORTÃO

Parolin	70	2,30%
Novo Mundo	52	1,17%
Fazendinha	49	1,61%
Portão	30	0,99%
Santa Quitéria	21	0,69%
Guairá	18	0,59%
Água Verde	15	0,49%
Lindóia	9	0,30%
Fanny	5	0,16%
Vila Izabel	3	0,10%
TOTAL	272	8,95%

FONTE: CIAADI

TABELA 11 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL - REGIÃO SANTA FELICIDADE

Campo Comprido	78	2,57%
Santa Felicidade	69	2,27%
São Braz	33	1,09%
Orleans	11	0,36%
Santo Inácio	9	0,30%
Mossunguê	9	0,30%
Vista Alegre	8	0,26%
Campina do Siqueira	7	0,23%
Butiatuvinha	5	0,16%
São João	4	0,13%
Seminário	4	0,13%
Cascatinha	1	0,03%
TOTAL	238	7,83%

FONTE: CIAADI

Em relação à RMC as cidades que tiveram maior número de jovens em conflito com a lei em 2009 foram:

TABELA 12 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – REGIÃO METROPOLITANA

Colombo	124	4,08%
São José dos Pinhais	81	2,67%

Almirante Tamandaré	44	1,45%
Pinhais	42	1,38%
Piraquara	30	0,99%
Campina Grande do Sul	27	0,89%
Fazenda Rio Grande	24	0,79%
Araucária	23	0,76%
Campo Largo	19	0,63%
Quatro Barras	4	0,13%
Rio Banco do Sul	3	0,10%
Campo Magro	3	0,10%
TOTAL	42%4	13,96

FONTE: CIAADI

Em relação a outros municípios do Paraná as estatísticas mostram que:

TABELA 13 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – DEMAIS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Lapa	18	0,59%
Paranaguá	15	0,49%
Guaratuba	14	0,46%
União da Vitória	13	0,43%
Guarapuava	13	0,43%
Matinhos	11	0,36%
Foz do Iguaçu	11	0,36%
Toledo	10	0,33%
Sarandi	8	0,26%
Não informado	7	0,23%
Arapongas	6	0,20%
Curitiba	6	0,20%
Goioerê	6	0,20%
Cianorte	5	0,16%
Cascavel	5	0,16%
Maringá	4	0,13%
Telêmaco Borba	4	0,13%
Francisco Beltrão	4	0,13%
Rio Negro	4	0,13%
Palmas	4	0,13%
Ibiporã	4	0,13%
Antonina	4	0,13%

Quitandinha	3	0,10%
Ponta Grossa	3	0,10%
Rolândia	3	0,10%
Cornélio Procópio	3	0,10%
Centenário do Sul	3	0,10%
Castro	3	0,10%
Cândido de Abreu	3	0,10%
Cambe	3	0,10%
Assis Chateaubriand	3	0,10%
Morretes	2	0,07%
Piraí do Sul	2	0,07%
Ampére	2	0,07%
Assaí	2	0,07%
Pontal do Paraná	2	0,07%
Prudentópolis	2	0,07%
São José das Palmeiras	2	0,07%
Umuarama	2	0,07%
Londrina	2	0,07%
Capanema	2	0,07%
Mandaguaçu	2	0,07%
Contenda	2	0,07%
Realeza	2	0,07%
Paranavaí	1	0,03%
Pérola	1	0,03%
Querência do Norte	1	0,03%
Santa Mariana	1	0,03%
São José do Triunfo	1	0,03%
São Miguel do Guaçu	1	0,03%
Terra Boa	1	0,03%
Tijucas do Sul	1	0,03%
Tunas do Paraná	1	0,03%
São Jerônimo da Serra	1	0,03%
General Carneiro	1	0,03%
Andirá	1	0,03%
Astorga	1	0,03%
Balsa Nova	1	0,03%
Barracão	1	0,03%
Bituruna	1	0,03%
Campo Mourão	1	0,03%

Chopinzinho	1	0,03%
Cidade Gaúcha	1	0,03%
Coronel Vivida	1	0,03%
Cruzeiro do Oeste	1	0,03%
Jardim Olinda	1	0,03%
Foz do Jordão	1	0,03%
Paiçandu	1	0,03%
Jardim Alegre	1	0,03%
Marechal Cândido Rondon	1	0,03%
Mandirituba	1	0,03%
Lunardelli	1	0,03%
Dois Vizinhos	1	0,03%
Laranjeiras do Sul	1	0,03%
Grandes Rios	1	0,03%
Jacarezinho	1	0,03%
Inácio Martins	1	0,03%
Imbituva	1	0,03%
Icaraíma	1	0,03%
Guaraniaçu	1	0,03%
Luziana	1	0,03%
TOTAL	266	8,76%

FONTES: CIAADI

TABELA 14 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – OUTRO ESTADO

São Paulo - SP	70	2,30%
TOTAL	70	2,30%

FONTES: CIAADI

TABELA 15 – NÚMERO DE JOVENS QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL – OUTRAS REGIÕES

Outros	2	0,07%
TOTAL	2	0,07%

FONTES: CIAADI

A maioria dos delitos cometidos em 2009 foi de adolescentes do sexo masculino. Foram 2.381 passagens de homens (78,37%) contra 657 de mulheres (21,63%). Tanto entre homens quanto entre mulheres a maioria dos delitos ocorreu com maior frequência na faixa etária entre 15 e 18 anos. Os adolescentes do sexo

masculino nesta faixa etária representaram 88,28% dos atendimentos. Em relação às mulheres foram 77,62%.

O número de reincidência também é maior entre os meninos. Foram 824 reincidentes do sexo masculino contra 158 do sexo feminino. Passagens pela primeira vez no CIAADI foram 1.557 meninos contra 499 meninas.

Os delitos mais cometidos pelos adolescentes, tanto do sexo masculino quanto do feminino foram respectivamente: roubo (17,22%); lesão corporal (14,12%); furto (11,06%); posse de entorpecentes (7,04%); ameaça (5,89%); tráfico (5,27%); porte de armas (3,36%); pichação (2,83%); danos e homicídios com 2,50% cada; e outros (6,02%).

Dos adolescentes que passaram pela recepção e triagem do CIAADI em 2009, 1.218 eram usuários de drogas contra 628 que nunca usaram. Dos jovens 604 relataram que não usam entorpecentes e 534 já fizeram uso de algum tipo de droga.

As drogas mais utilizadas foram:

TABELA 16 – DROGAS MAIS UTILIZADAS PELOS ADOLESCENTES QUE PASSARAM PELA TRIAGEM DO CIAADI

Maconha	552	31,51%
Mais de uma substância	517	29,51%
Tabaco	327	18,66%
Crack	178	10,16%
Álcool	120	6,85%
Solventes	23	1,31%
Cocaína	22	1,26%
Cola	8	0,46%
Heroína	4	0,23%
Extasis	1	0,06%
Total	1.752	100,00%

FONTE: CIAADI

Em relação à situação familiar dos adolescentes que tem família apenas 28,87% informaram que moram com os pais biológicos. 39,63% moram apenas com a mãe. Outros 7,83% moram com parentes, seguidos por 5,37% que moram apenas com o pai. Dos adolescentes que passaram pelo CIAADI em 2009, 5,86% informaram que moram com outras pessoas e outros 4,31% moram em instituições.

Outros 2,63% disseram que moram com o padrasto contra 0,56% que moram com a madrasta. Outros 1,15% moram na rua e 1,02% respectivamente moram com pais adotivos ou moram sozinhos.

Dos adolescentes que não tem família, 0,66% moram em instituições, 0,33% não souberam informar, 0,33% moram com parentes, 0,16% moram com outros e 0,13% respectivamente moram na rua ou mesmo sozinhos.

Em relação à situação ocupacional 1.451, ou seja, 47,76% não trabalham. Outros 744 (24,49%) trabalham. Dos adolescentes 520 (17,12%) nunca trabalhou e 323 (10,63%) já trabalharam. Dos que trabalham apenas 15,19% estão registrados. O restante, 84,81% trabalha sem carteira assinada.

Quanto ao grau de escolaridade meninos e meninas informaram que:

TABELA 17 – CONDIÇÃO ESCOLAR DOS ADOLESCENTES QUE PASSARAM PELA TRIAGEM DO CIAADI

ESTÁ NA ESCOLA	TOTAL	%
Ensino Médio incompleto	450	27,06%
Ensino Fundamental 7ª série	316	19,00%
Ensino Fundamental 5ª série	269	16,18%
Ensino Fundamental 6ª série	262	15,75%
Ensino Fundamental 8ª série	260	15,63%
Ensino Fundamental 4ª série	49	2,95%
Ensino Médio Completo	30	1,80%
Ensino Fundamental 3ª série	14	0,84%
Ensino Fundamental 2ª série	11	0,66%
Ensino Fundamental 1ª série	2	0,12%

FONTE: CIAADI

TABELA 18 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS ADOLESCENTES QUE PASSARAM PELA TRIAGEM DO CIAADI

NÃO ESTÁ NA ESCOLA	TOTAL	%
Ensino Fundamental 5ª série	450	32,73%
Ensino Fundamental 6ª série	316	22,98%
Ensino Fundamental 7ª série	232	16,87%
Ensino Fundamental 8ª série	110	8,00%
Ensino Médio incompleto	99	7,20%
Ensino Fundamental 4ª série	78	5,67%
Ensino Fundamental 3ª série	36	2,62%
Ensino Fundamental 2ª série	25	1,82%

Não informado	9	0,65%
Ensino Fundamental 1ª série	9	0,65%
Ensino Médio Completo	6	0,44%
Não alfabetizado	5	0,36%

FONTE: CIAADI

5.7 EDUCAÇÃO NO CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO CURITIBA

Todos os internos, independente do período de permanência no CENSE, participam de atividades pedagógicas. Acesso ao ensino regular, educação artística, pintura em gesso, recreação, atividade física, palestras, tapeçaria, pirografia, orientação à saúde e religião são algumas das atividades desenvolvidas de forma obrigatória.

O artigo 123 do Estatuto da Criança e Adolescente garante a escolaridade aos jovens em privação de liberdade. Diz o parágrafo único: “durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas”. Diz ainda o artigo 124: “são direitos do adolescente privado de liberdade, entre outros os seguintes: receber escolarização e profissionalização; realizar atividades culturais, esportivas e de lazer”.

Embasado no que estabelece o Sistema Nacional de Socioeducação (SINASE), são traçados os princípios norteadores do trabalho pedagógico desenvolvido pelo CENSE Curitiba. A socioeducação entende a educação como “um processo de construção orientado, pelo qual o homem, situado no mundo e, com o mundo, concretamente, transforma a si mesmo e o que está em sua volta, tornando-se sujeito de seu próprio destino”. (CADERNO DO CIAADI, 2010, p. 10).

De acordo com as diretrizes do CENSE tanto educando quanto educador devem ser vistos como fonte de iniciativa, liberdade, dignidade e capacidade de transformação.

A educação como prática de liberdade não é a expressão e a vontade de uma pessoa ou um pequeno grupo, mas a expressão e o resultado de um trabalho integrado, onde funcionários e os adolescentes devem estar e se fazer presentes. O processo educativo acontece a partir de vínculos que se criam e solidificam entre educador e educando. (CADERNO DO CIAADI, 2010, p. 11)

5.8 RÁDIO CENSE: SOCIOEDUCAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO

Em 19 de agosto de 2009 entra no ar a Rádio CENSE Curitiba. Com o slogan “socioeducação nas ondas do rádio” a emissora, instalada no interior da unidade, tem como objetivo o complemento escolar desenvolvido no Centro de Socioeducação. O início da programação radiofônica torna o CENSE Curitiba o segundo Centro de Socioeducação do Paraná a receber uma emissora de rádio com o intuito de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de adolescentes em conflito com a lei.

De acordo com a coordenadora do projeto, a professora Stela Maris Britto Maziero, a estrutura da rádio começou a ser montada no dia 6 de agosto de 2009, ou seja, treze dias antes do início das atividades. Uma sala foi disponibilizada para a montagem dos equipamentos. Microfones, caixas acústicas, fones de ouvido, mixer de áudio, monitor de estúdio, além de computador foram adquiridos para que o estúdio estivesse pronto.

A professora foi convidada pela direção da unidade para coordenar o projeto de rádio e confessa que teve que estudar sobre educomunicação para dar início aos trabalhos. Maziero ministra aula de Artes para os estudantes e não tinha experiência alguma na área de comunicação. A partir de leituras e pesquisa conseguiu criar uma grade de programação semanal com programas de cunho educativo.

A grade inicial foi composta de nove programas. Os temas escolhidos procuraram vir ao encontro da realidade da unidade de Internação Provisória. Principalmente ao encontro das necessidades básicas dos internos. Para escolher os assuntos a serem abordados na grade de programação a coordenadora contou com a participação de um colega, professor de Português. Apenas os dois ficaram responsáveis pela rádio. Os demais docentes não participaram do processo de implantação do projeto.

Maziero explica que cada programa elaborado para a rádio CENSE tem um objetivo específico. A sessão Tá Ligado, por exemplo, que vai ao ar de segunda a sexta-feira e que tem a sua primeira edição às 8h20 e a segunda edição às 13h15, aborda as noções de higiene dos alojamentos ajudando a lembrar os meninos sobre suas obrigações quanto a forma de cuidar de seus pertences.

Vale ressaltar que ao chegar ao CENSE Curitiba cada adolescente recebe uma cartilha em que constam seus direitos e deveres. Um dos deveres é realizar tarefas de rotina como levantar seu colchão ou dobrar os cobertores. Se o adolescente não cumprir a determinação terá que cumprir um dia de medida disciplinar. A medida disciplinar corresponde a permanecer em seu alojamento e não participar das atividades.

A coordenadora do projeto afirma que a partir do início da programação houve redução nas medidas disciplinares. “Antes eram de quatro a cinco castigos por dia. Com o serviço que a rádio presta em lembrá-los da necessidade de cuidar dos seus pertences, houve uma redução significativa dos castigos”, destaca.

Outros programas e temas ainda fazem parte da programação. Literatura brasileira, saúde, geografia e religião são alguns dos assuntos que compõe a Rádio CENSE Curitiba. Além da grade de programação (abaixo), há ainda as programações musicais que contam com a participação dos adolescentes. O estilo musical mais pedido é o rap seguido pelo rock e pela música sertaneja. As programações musicais seguem um critério rigoroso: as letras das músicas não podem fazer apologia às drogas, ao sexo ou a violência.

QUADRO 1- GRADE DE PROGRAMAÇÃO – RÁDIO CENSE

NOME DO PROGRAMA	HORÁRIO	DIA DA SEMANA	TEMÁTICA
Sessão Ta ligado	8h20 13h15	Segunda-feira e Sexta-feira	Noções de higiene e ordem sobre alojamento como: levantar o colchão, dobrar as cobertas, etc. Informações sobre a Gripe A (H1N1)
Lá vem História	9h	Segunda- feira	Contar histórias ou lendas com enfoque preferencialmente paranaense, de forma individual ou coletiva.
Conta Cantos	14h	Segunda-feira e Quinta-feira	Uma nova forma de se ouvir sobre geografia brasileira e história brasileira, vivendo os lugares através do conhecimento e da música.
Saúde com Ciência	13h30	Terça-feira	Proposta de educar e formar hábitos que promovam a saúde e o bem estar.

Toque de Poesia	13h30	Quarta-feira	Um programa para quem gosta de poesia, com leitura de textos poéticos dos autores clássicos da Literatura Brasileira.
Cense repórter	15h20	Segunda e Sexta-feira	Notícias sobre o desenvolvimento do trabalho cotidiano do CENSE com destaque para os setores.
Nossa andar diário	8h15 11h40 18h	Segunda-feira a Domingo	Mensagens de reflexão bem como preces para as refeições.
È bom saber	15h	Segunda-feira Quarta-feira e Sexta-feira	Sessão de curiosidades sobre profissões e outros assuntos como ruas e logradouros da cidade, origem dos nomes.
Hoje é dia	10h	Diário	Sessão de divulgação de aniversariantes, promoções, festas e outras atividades de destaque.

FONTE: CENSE CURITIBA

Embora tenha iniciado suas atividades apenas em 2009 no CENSE Curitiba, o projeto foi criado pela SECJ em outubro de 2008 para ser realizado em todo o Paraná. De acordo com dados do projeto, que foi apresentado ao Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA), o rádio é um recurso privilegiado como facilitador no processo de aprendizagem e um recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade socioeducativa.

Entre os objetivos do projeto estão: a utilização das tecnologias da informação e comunicação para superar a distância entre produtores e receptores de informação e cultura estimulando atitudes crítica e proporcionando prazer conhecimento; dinamizar a aula de professores e alunos; garantir o acesso democrático à informação; diminuir o número de adolescentes que reincidem na prática do ato infracional.

6. OS PASSOS DA PESQUISA

A atividade da pesquisa é empreendida no intuito de descobrir e construir novos conhecimentos; para tal é necessário desenhar ou projetar o caminho a ser seguido, uma vez que cada caminho poderá levar o investigador a alcançar diferentes resultados, devendo assim avaliar as restrições e oportunidades colocadas pelo contexto dentro do qual pretende trabalhar. (TEIXEIRA, 2003, p. 182)

Ao redigir este capítulo estabelecemos as bases teóricas que fundamentaram o desenvolvimento metodológico da pesquisa. Descrevemos os passos da pesquisa, o método de recolha de dados, os sujeitos e o universo a ser analisado.

PASSO 1: AS BASES METODOLÓGICAS

Com a proposta de analisar o uso da rádio-escola para uma educação como prática de liberdade no CENSE Curitiba, optou-se, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, por um estudo de caráter qualitativo. Buscou-se entender o fenômeno em sua profundidade, lembrando que ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a pesquisa qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações.

Abrangendo uma pesquisa em educação que passa pela análise de vários conhecimentos dentro da Ciência Social, como Sociologia, Antropologia, Direito, Lingüística e Pedagogia, optamos pela análise qualitativa justamente por ser mais flexível e aceita em outras áreas do conhecimento.

Durante a pesquisa buscamos compreender a relação entre sujeitos e objetos. Vale ressaltar que o homem se configura como sujeito e também como objeto. Neste caso, sujeito e objeto foram analisados não em seu significado positivista, através da idéia de leis da natureza e determinista, mas considerando suas relações dinâmicas referentes à história, ao meio social e cultural em que vivem.

Para Gamboa (2000)

“a ciência é um produto social histórico. (...) dentro desta visão de processo, em vez de priorizar um ou outro pólo da relação, destaca-se a própria relação, determinada, fundamentalmente, pelo todo social histórico” (GAMBOA, 2000, p. 104)

Ao estabelecer uma linha de pesquisa na qual o sujeito a ser analisado são adolescentes em sistema de privação de liberdade, a metodologia qualitativa mostra ser a mais adequada. Esta afirmativa está baseada nas idéias de Rayou (2005) que explica que a metodologia qualitativa penetra nas construções infanto-juvenis relativas à vida política e à ação no espaço público em geral.

Oliveira (1998) lembra que entre os métodos existentes no universo da pesquisa, o caminho escolhido pelo pesquisador deve ser seguro e uma via de acesso para interpretação com coerência. Essa compreensão torna-se fundamental para o avanço e entendimento da produção de conhecimento.

Recorrendo a Bogdan & Biklen (1994) enumeramos as principais características da pesquisa qualitativa consideradas durante a realização desta pesquisa.

- Consideração do ambiente natural como fonte direta de dados;
- Preocupação com a compreensão do contexto;
- Presença do pesquisador no *lócus* da pesquisa, em tempo significativo para elucidar questões educativas;
- Interesse pelo processo e não apenas pelos resultados;
- Recolha de dados “em situação”, complementados por informações obtidas através do contato direto.

Ao primar pela pesquisa *in loco*, pela recolha de dados de forma direta e pela compreensão do contexto, neste caso a unidade do Centro de Socioeducação Curitiba, nos baseamos em Bogdan & Biklen (1994, p. 48) cuja afirmação é de que “para o investigador qualitativo divorciar o acto, da palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado”.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, optamos pela análise de estudo de caso por considerá-lo mais adequado ao universo da pesquisa, ou seja, uma unidade prisional. Baseamo-nos principalmente no que Lessard-Hébert (1990, p.169) dizem ao afirmar que estudo de caso “é o menos construído, portanto o mais real; o menos limitado, portanto o mais aberto, o menos manipulável, portanto o menos controlado”.

Yin (2001) explica que o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se analisar acontecimentos contemporâneos. Conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, entretanto, acrescenta duas fontes de evidências usualmente excluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistêmica de

entrevistas. Além disso, possui a vantagem de poder lidar com uma variedade maior de evidências.

No que tange as pesquisas em educação, Merriam (1988) nos reporta ao estudo de caso como um processo interpretativo e sensível ao fenômeno humano e a sua complexidade. O autor o define por quatro aspectos: particularista; descritivo; heurístico e indutivo.

Merriam (1988) descreve o estudo de caso como particularista pelo fato do interesse do pesquisador ser um caso específico. É descritivo porque o resultado é uma descrição completamente detalhada do caso estudado. É heurístico, pois permite uma compreensão exaustiva do caso estudado. E, finalmente é indutivo, pois parte da observação de terreno e por raciocínio indutivo.

Hebert, Goyette e Boutin (2005, p. 95) destacam que na abordagem indutiva o pesquisador realiza “a formulação de teorias ou de modelos com base num conjunto de hipóteses que podem surgir quer no decurso, quer no final da investigação”. GIL (1999) e LAKATOS & MARCONI (1993) explicam que no raciocínio indutivo o conhecimento é fundamentado na experiência. Neste caso, a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações.

Para Lessard-Hébert (1990) quanto mais a pesquisa se situa no contexto da descoberta, mais o objeto é considerado dentro de seu contexto. A mesma idéia é compactuada por Mazzotti & Gewandszajder (2002, p. 70) ao afirmarem que “a partir das interpretações surgem novas questões que levam a buscar novos dados complementares”.

Em todo processo de investigação inúmeros caminhos a serem percorridos, inúmeras questões a serem analisadas, mas apenas uma pequena parte compreendida ao longo de toda a investigação. Já que nem tudo o que inicialmente acreditamos ver é o realmente vemos.

Dentro da pesquisa proposta na unidade de socioeducação, o ambiente escolar se torna perspectiva de investigação. O cotidiano deste universo apresenta inúmeros aspectos a serem decifrados. Da criação e transformação de conhecimento através do uso do rádio, às relações sociais construídas no âmbito da instituição, o cotidiano escolar pode ser investigado em diferentes aspectos. Através de uma perspectiva

sociocultural da etnografia escolar, conforme afirma Mafra (2003), a escola é “esmiuçada” avançando nas formas de produzir conhecimento.

A pesquisa se dará pela seguinte seqüência:

- Entrevista com a equipe pedagógica;
- Observação em sala de aula, obedecendo a critérios pré-estabelecidos;
- Observação no estúdio da Rádio CENSE Curitiba, obedecendo a critérios pré-estabelecidos;
- Aplicação de questionários, com questões abertas e fechadas, aos docentes da instituição (anexo 5);
- Aplicação de questionários (com questões abertas e fechadas) aos meninos em privação de liberdade (anexo 4).

A clareza dos procedimentos e a contextualização do objeto de estudo respaldam a escolha do pesquisador e constituem o primeiro passo da pesquisa. O segundo passo objetivou a exploração do contexto estudado, passando pelo estudo exploratório ao conhecimento do objeto de estudo.

O terceiro passo constitui na construção do problema. O quarto passo descreve o processo de observação dentro da unidade do Centro de Socioeducação Curitiba. No quinto passo mostramos o trabalho prático realizado no estúdio da rádio CENSE. No sexto passo apresentamos os resultados das entrevistas realizadas com os docentes. No sétimo e último passo, relatamos as entrevistas realizadas com os adolescentes e suas perspectivas sobre educação e o uso do rádio em sala de aula.

Na seqüência, todo o caminho da pesquisa passa a ser descrito.

6.2 PASSO 2: O CONTEXTO DA PESQUISA

Em março de 2009, ao iniciarmos o Mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), pensávamos num projeto diferente ao proposto neste trabalho. Sob o título provisório, “*Os modos de aprendizagem mediatizada, sua transmissão e seu reflexo no dia-a-dia dos estudantes das escolas públicas da periferia de Curitiba*”, pretendíamos conhecer o contexto escolar das instituições públicas da periferia de Curitiba levantando o envolvimento dos alunos com os diversos modos de aprendizagem mediatizada.

A proposta incluía descobrir como os recursos comunicacionais estavam sendo utilizados em sala de aula e quais os reflexos no cotidiano dos estudantes de baixa renda levando em consideração o processo de ensino-aprendizagem. Na pesquisa analisaríamos ainda como professores e alunos assimilavam tais conhecimentos.

Dentro das orientações repassadas através do Seminário de Pesquisa I em Cultura, Escola e Ensino iniciamos o estudo exploratório. Por se tratar de escolas da rede pública de ensino de Curitiba, a primeira medida foi realizar uma entrevista junto a Secretaria Municipal de Educação. Através de informações repassadas pela entrevistada professora Patrícia Adriane Elias Pisani, pertencente ao apoio técnico da Secretaria Municipal de Educação e coordenadora do projeto Rádio Escola da Prefeitura Municipal de Curitiba, foi possível detectar que:

- As escolas da capital paranaense desenvolvem trabalhos com o uso dos MCM em sala de aula;
- Embora haja vários instrumentos a serem utilizados, apenas rádio e jornal são os que estão em evidência;
- Em relação ao meio escrito, o projeto *LER E PENSAR* (Projeto em Parceria com o jornal *Gazeta do Povo*) é o mais utilizado embora existam outros mecanismos, como jornais de bairro, por exemplo, que não são utilizados;
- O projeto de rádio é o único em eventual expansão. Hoje 70 estudantes participam, mas a meta é alcançar todos os estudantes da rede pública municipal de ensino de Curitiba.

Após a entrevista ficou claro que o objeto de pesquisa seria o uso do rádio nas escolas. Bastava agora detectar quais escolas da periferia de Curitiba estavam utilizando o meio de comunicação como ferramenta de ensino e seriam potencialmente estudadas dentro da proposta do trabalho.

Embora boa parte da metodologia estivesse traçada houve mudanças no projeto. Isso em decorrência de novas descobertas: não apenas as escolas de Curitiba participam de projetos de rádio em sala de aula. Os Centros Socioeducacionais (CENSEs) também desenvolvem trabalho semelhante.

Com pouco conhecimento no universo da socioeducação, o primeiro desafio foi buscar autores que esclarecessem todo o processo que envolvia meninos e

meninas¹⁶ em privação de liberdade. A busca por essas informações iniciou-se pelo entendimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei que substituiu o antigo Código de Menores, criado em 1979.

A primeira e mais importante constatação que verificamos através do ECA foi a de que pela lei, crianças e adolescentes tornaram-se sujeitos com direitos e deveres civis, humanos e sociais. A partir do ECA passaram a ser considerados cidadãos em desenvolvimento tendo o seu universo protegido. (PASTORELLI, 2001).

No antigo Código de Menores essas crianças e adolescentes eram tratados pela legislação como “seres inferiores”. Pastorelli (2001) explica que, na prática, o Código de Menores dispunha sobre a assistência, proteção e vigilância da criança e/ou adolescente, que se encontrasse em abandono, exposto, carente ou mesmo apresentasse desvio de conduta.

O ECA estabeleceu ainda o conceito e a aplicação a medidas socioeducativas. Para as crianças entre 0 e 12 anos, a lei prevê medidas e orientação e acompanhamento. Para os adolescentes, entre 12 a 18 anos, há possibilidade de medidas que vão desde advertência até a internação.

O que mais nos chamou a atenção durante as primeiras leituras sobre o tema, foram as transformações ocorridas em relação à educação após a implementação do ECA. A escola deixou de ser a única responsável pelas decisões sobre a educação. Com o intuito de transformar as instituições de ensino em “centros de formação de cidadãos”, família, estudantes e a própria comunidade passaram a terem direitos e deveres no processo educacional, inclusive dividindo responsabilidades.

Em relação à socioeducação houve um avanço significativo no processo educacional com a implementação do estatuto. O capítulo III, que aborda as Garantias Processuais, estabelece em seu artigo 124, incisos XI e XII que os adolescentes em privação de liberdade devam receber escolarização e profissionalização. A lei prevê ainda a realização de atividades culturais, esportivas e de lazer. Portanto, as unidades de internação, inclusive as de passagem, devem

¹⁶ O termo menor não deve ser utilizado por ser considerado discriminatório e estigmatizante. Tanto a Constituição Federal quanto o Estatuto da Criança e Adolescentes utilizam os termos “criança”, “adolescente”, “menino”, “menina” e “jovem”.

obrigatoriamente manter professores em seus quadros administrativos e alunos regularmente matriculados.

Dentre as informações coletadas foi possível descobrir ainda que: os CENSES têm adolescentes em cumprimento de medidas judiciais na faixa etária entre 12 e 18 anos; os jovens permanecem, na maioria dos casos, em regime fechado; e que os espaços de atendimento ao adolescente ofertam programas de internação e/ou internação provisória. Alguns municípios do Paraná dispõem de programas de semiliberdade, realizado em um espaço físico separado do Centro de Socioeducação, mas vinculado a esse administrativamente.

Nas unidades vários projetos são desenvolvidos. São eles: programas de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) e de Liberdade Assistida (LA), previstos nos artigos 117 a 119 do ECA; Programa de Apoio ao Jovem Educando; Programa de Apoio e Inserção Social; Programa de Educação nas Unidades de Socioeducação (Proeduse); e Programa Aprendiz.

Munida dessas informações, o passo seguinte foi entrar em contato com os órgãos responsáveis pelas unidades. A Secretaria de Estado da Criança e da Juventude (SECJ) é responsável por políticas que garantam o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tanto nas medidas de proteção, quanto nas medidas de socioeducação.

Durante entrevista (anexo 1) com Ricardo Peres da Costa, coordenação da Socioeducação no Estado do Paraná, foi possível conhecer um pouco mais do projeto, além de dar o pontapé inicial da pesquisa.

Foi possível detectar que:

- O projeto de rádio nos CENSEs iniciou em 2007 através de uma iniciativa de um socioeducador que era radialista;
- O trabalho teve início em Foz do Iguaçu com uma unidade de 110 meninos entre 12 e 18 anos;
- O objetivo foi reunir ferramentas de educação e comunicação;
- Através da utilização dos estúdios de rádio foi possível adequar os conteúdos de escolarização usando para isso música, jingles, notícias e outros recursos de uma rádio.
- Nem todos participam do projeto, apenas quem tem aptidão bem como autorização do juiz;

- Além de Foz do Iguaçu outras 8 unidades começaram a desenvolver o trabalho na metade de 2009. São elas: Curitiba, no Tarumã; São Francisco, em Piraquara; Ponta Grossa; Cascavel; Laranjeiras do Sul; e duas em Londrina;
- O trabalho nos Centros de Socioeducação é inédito;
- Embora esteja sendo realizado desde 2007 os educadores que atendem estes meninos ainda não se sentem seguros em trabalhar com o recurso, segundo o coordenador Ricardo Peres.

Embora os esclarecimentos tenham sido produtivos se mostrou necessário, em decorrência do pouco conhecimento da pesquisadora sobre a socioeducação, realizar outra entrevista. Desta vez, com o promotor de Justiça Murilo José Digiacono do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e Adolescente do Paraná. Através da entrevista (anexo 2) foi possível detectar que:

- Os trabalhos nos CENSES devem ser intensificados para que a reincidência seja zero;
- Que no processo de recuperação o jovem deve ser sempre ouvido;
- Que os governantes devem ter boa vontade para que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) seja realmente cumprido.

Após as entrevistas iniciou-se o levantamento de dados sobre a realidade dos meninos em privação de liberdade. Constatou-se que, além dos dados necessários e fundamentais para a pesquisa, tornava-se essencial conhecer a realidade desses meninos antes mesmo de adentrar na unidade prisional. Seria necessário desnudar os *pré-conceitos* e a forma como a maioria da sociedade vê os jovens infratores: marginais; delinqüentes; irremediáveis.

Confessamos, que até este momento, havia um certo receio em relação aos sujeitos entrevistados. Medo do universo encontrado por trás dos muros de uma unidade de internação, medo da reação dos adolescentes em relação à pesquisa, medo de falta de segurança na unidade. Receios estes, objeto de intensa reflexão, principalmente ao analisar as considerações feitas por Michel Foucault em *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (2004).

Foucault apresenta a distinção entre infrator e delinqüente, dando-nos o norte sobre qual o tipo de sujeito poderíamos encontrar no CENSE. Diz Foucault: “Infrator é todo aquele que infringiu as normas jurídicas estabelecidas, enquanto o

delinqüente é aquele que tem um comportamento estruturado em cometimentos reiterados de crimes” (FOUCAULT, 2004, p. 86)

Os dados sobre as unidades de internação foram colhidos através dos relatórios estatísticos mensais preenchidos pelas unidades do IASP e consolidadas pelo Núcleo de Planejamento com referência ao ano de 2005. Vale ressaltar que, até esse momento da pesquisa, esses foram os únicos dados disponibilizados para a pesquisadora, até então sem autorização para adentrar nas unidades podendo aprofundar e atualizar outros dados estatísticos.

TABELA 19 – DADOS REFERENTES À INTERNAÇÃO

FATOR	INTERNAÇÃO PROVISÓRIA	INTERNAÇÃO
Sexo	90% masculino	93% masculino
	10% feminino	3% feminino
Idade	34,3% com 17 anos	39% com 17 anos
	27,6% com 16 anos	24% com 16 anos.
Situação familiar	47,9% mora com 1 dos pais	43% mora com 1 dos pais
	29,6% mora com os pais	35% mora com os pais
Situação escolar	69,8% abandonou o 1º grau	40% abandonou o 1º grau
	22,6% cursando o 1º grau	11% cursando o 1º grau
Situação ocupacional	53,2% não trabalhava	34% não trabalhava
	21% nunca trabalhou	46% nunca trabalhou
Vínculo empregatício	74,6% não registrado	44% não registrado
		48% não informado
Passagem	58% primários	77% primários
	42% reincidentes	23% reincidentes
Delitos freqüentes	35% roubo	38% roubo
	13% crime com entorpecentes	16% homicídios
	12% furto	9% crime com entorpecentes

Uso de substâncias	63,8% usuários ou já usaram 31,2% nunca usou	82% usuários ou já usaram 12% nunca usou
Tipos de substâncias	41% maconha 22% crack 15% álcool	42% maconha 16% crack 18% álcool
Município de residência	28% Curitiba 19% Londrina 10% Cascavel 10% Foz do Iguaçu	18% Foz do Iguaçu 11% Londrina 11% Cascavel 8% Curitiba
Número de novas entradas	2238 adolescentes	496 adolescentes

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DA CRIANÇA E JUVENTUDE (SECJ).

Embora os números fossem referentes ao ano de 2005, alguns itens chamaram a atenção. Foram eles :

- 90% das internações provisórias e 93% das internações em regime fechado são de jovens do sexo masculino;
- As meninas representam 10% das internações em unidades provisórias e 3% das em regime fechado;
- A maioria dos jovens têm idade entre 16 e 17 anos;
- 69,8% dos adolescentes em internação provisória e 40% em regime fechado de internação haviam abandonado a escola ainda no antigo 1º grau.

Esses dados nos levaram a reflexão sobre os motivos pelos quais os jovens abandonaram o ambiente escolar e, posteriormente optaram pelo mundo do crime. Falta de oportunidade, necessidade de trabalhar para o sustento da família, problemas de adaptação, falta de motivação por parte da escola devido o distanciamento entre o conteúdo escolar e a realidade da vida e problemas com drogas foram alguns dos motivos de reflexão. Lembrando que, até este momento, eram apenas hipóteses ou “achismos” sobre o assunto.

Portanto seria necessário trabalhar na construção do problema fazendo um elo sobre o projeto inédito do uso do rádio na unidade e o processo de ensino aprendizagem dos adolescentes infratores. Questionamos até que ponto o uso do rádio motivaria os adolescentes a voltarem a estudar e se seu uso seria relevante para melhoria no aprendizado.

Outro ponto que foi motivo de questionamento referia-se ao que o próprio promotor de Justiça Murilo José Digiacoно do Centro de Apoio Operacional das

Promotorias da Criança e Adolescente do Paraná, havia relatado durante a entrevista: o fato de se dar voz a esses adolescentes. O rádio seria o veículo a dar oportunidade de expressão a esses jovens?

Iniciou-se então todo um processo de aproximação para que a pesquisa pudesse ser realizada numa unidade de socioeducação. Por se tratar de adolescentes e, sobretudo meninos em privação de liberdade, uma série de medidas tiveram que ser tomadas. Assinatura de termos de responsabilidade, bem como instruções de segurança tanto da pesquisadora quanto dos adolescentes foram repassadas de forma minuciosa.

Nessas condições deu-se início a pesquisa, através da etapa da construção do problema.

6.3 PASSO 3: A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA

A utilização dos meios de comunicação de massa (MCM) no processo de ensino-aprendizagem tem sido objeto de diversas pesquisas. É inegável reconhecer que a mídia faz parte do cotidiano das crianças e dos jovens do mundo todo independente de sua condição social ou econômica. O estudante de hoje tem acesso à internet e está constantemente em contato com programas de rádio e televisão. (GADOTTI, 2005)

Pretto (1996) lembra que o sistema formal de educação está experimentando uma invasão da cultura tecnológica seja pela pressão da indústria cultural ou mesmo pela pressão exercida pelos próprios alunos. Desta forma, utilizar os MCM como ferramenta pedagógica pode ser uma alternativa para aproximar crianças e jovens do seu cotidiano auxiliando-os em compreender a sociedade em que vivem.

A necessidade de desenvolver propostas pedagógicas capazes de conceber o ensino como comunicação dialógica causa interesse em educadores e pesquisadores. Docentes começam a perceber a escola não apenas como um espaço de transmissão de saberes, mas, sobretudo, como um local de produção, reelaboração e descoberta de novos conhecimentos. (PENTEADO, 2001).

Freire (1980) entende que a presença da comunicação no espaço escolar auxilia na formação de um ambiente dialógico que permite uma maior participação nas relações de ensino. Para Freire o diálogo é o elemento fundamental para a

descoberta do mundo. Afinal, como dizia o autor, ninguém se educa sozinho. Educar é um ato de amor e comunhão entre os homens.

A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos, possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta já que educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 1980, p. 69)

Dentro da proposta para uma educação dialógica, o rádio é o veículo de comunicação que garante a expressão dos sujeitos, sendo responsável pela liberdade imaginativa, à linguagem, a palavra, a voz e a agilidade. Nascido com um caráter educacional e cultural é um veículo barato e de fácil acesso a todas as camadas sociais. (CONSANI, 2007).

Desde 1922, ano da primeira transmissão radiofônica no Brasil, o rádio continua mantendo uma relação direta com a educação. É responsável pela consolidação dos movimentos sociais, projetos educativos de organizações não-governamentais (ONGs), construção da cidadania e a compreensão da linguagem interativa.

Embora seja um instrumento instigante o uso do rádio e seus benefícios na construção de cidadãos mais críticos e conscientes costuma ser debatido com frequência em projetos voltados para crianças e adolescentes que freqüentam a escola considerada “normal”. Raramente o uso desse veículo é discutido quando falamos em outro público: adolescentes infratores. Vale ressaltar que, esses adolescentes, também estão inseridos no processo educacional brasileiro e tem, por lei, seus direitos adquiridos quando o assunto é educação.

Embora pouco divulgado à sociedade, nos Centros de Socioeducação do Paraná (CENSEs) o uso do rádio como instrumento pedagógico é uma realidade desde 2007. Tanto adolescentes em regime total de privação de liberdade quanto os que permanecem em casas de passagem têm à disposição o rádio como ferramenta indispensável no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com o Instituto de Ação Social do Paraná (IASP), responsável pela execução das medidas socioeducativas de privação e restrição de liberdade, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que o cumprimento de medidas socioeducativas para adolescentes que praticam ato infracional deve contemplar objetivos socioeducacionais. É obrigação do Estado que esses adolescentes tenham

acesso às oportunidades de superação de sua condição de exclusão e à formação de valores positivos para participação na vida social. (IASP, 2007).

Devido a essas questões torna-se importante a investigação do uso do rádio como instrumento pedagógico nos Centros de Socioeducação do Paraná. É importante verificar como o uso deste meio vem transformando a realidade educacional dos adolescentes em privação de liberdade.

Torna-se necessário conhecer o ambiente escolar desses adolescentes e levantar o envolvimento com este tipo de mídia. A presença massiva dos MCM no cotidiano da sociedade vem alertando educadores para sua importância na transmissão e na construção de conhecimentos, valores e conceitos culturais. (PENTEADO, 2001).

Neste contexto o problema se apresenta: afinal, como o rádio está sendo utilizado no processo socioeducativo dos Censes? Quais os seus reflexos na vida e no aproveitamento escolar desses adolescentes? O rádio está sendo utilizado nos CENSES dentro de uma perspectiva de uma educação voltada para o diálogo e liberdade de expressão?

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa consiste em conhecer o contexto escolar do Centro de Socioeducação de Curitiba, considerando a prática de uma educação libertadora através do uso do rádio.

Para se alcançar o objetivo geral será necessário os seguintes objetivos específicos:

- Verificar a presença desta linguagem comunicacional;
- Analisar quais os motivos para utilizá-la;
- Verificar a utilização do instrumento rádio pelos educadores (docentes);

Finalizando essa etapa da pesquisa passamos agora para ao início dos trabalhos com a observação no Centro de Socioeducação de Curitiba.

6.4 PASSO 4: PROCESSO DE OBSERVAÇÃO NO CENSE CURITIBA

Oliveira (2010) analisa a observação como um instrumento que fornece detalhes enriquecedores ao pesquisador. Baseando-se na descrição utiliza os cinco sentidos humanos. O autor lembra que observação e entrevista são os instrumentos mais utilizados em pesquisa qualitativa, bem com o uso do questionário.

Lüdke e André (1986 *apud* OLIVEIRA, 2008) discorrem sobre o caráter científico da técnica de observação. As autoras explicam que as observações dos pesquisadores são muito pessoais, sendo influenciadas por vários fatores como: história de vida; bagagem cultural; grupo social a que pertence; e aptidões.

No processo de observação, a organização é o grande aliado do pesquisador. Para tanto a elaboração de esquemas (anexo 6) para analisar e organizar dados torna-se imprescindível durante o percurso da pesquisa. Vale ressaltar que a observação permitirá ao leitor imaginar o contexto pesquisado através de detalhes fornecidos pelo pesquisador.

Ao iniciarmos o trabalho no Centro de Socioeducação Curitiba optamos pela observação participante cuja característica permite ao investigador imergir no mundo dos sujeitos observados, buscando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que vivem.

Moreira (2002) explica que a observação participante se constitui em

(...) uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental. (MOREIRA, 2002, p. 52).

Justifica-se a técnica como instrumento científico de investigação pelo fato de ser controlada e sistemática, implicando na existência de um planejamento cuidadoso para o processo de observação. Questões como “o quê” e “o como” norteiam o objeto e foco da investigação. (OLIVEIRA, 2008)

Norteados por essas concepções iniciamos em julho de 2010, as visitas ao Centro de Socioeducação Curitiba. O primeiro contato só foi estabelecido na metade do ano letivo por dois motivos: primeiro devido à demora na liberação de entrada da unidade; e segundo pelo fato da professora responsável pela Rádio Cense Curitiba estar licenciada, retornando ao trabalho apenas em setembro de 2010.

Por ser um ambiente de privação de liberdade foi necessária autorização por parte da Secretaria de Estado da Criança e da Juventude (SECJ) para que a pesquisa fosse realizada. Devido ao grande número de documentos a serem preenchidos a liberação foi demorada e burocrática. Entretanto, a partir da liberação, a pesquisadora foi recebida na unidade tendo total acesso ao local pesquisado.

Entre as regras a serem cumpridas para realização da pesquisa na unidade estavam: a proibição de portar ou atender celular; não ofertar cigarros e alimentos aos adolescentes; e não comentar assuntos que pudessem ser configurados como apologia ao crime e violência. E o mais importante: não divulgar nomes ou qualquer outra informação que possa identificar os adolescentes durante o processo de pesquisa.

A primeira visita a unidade aconteceu num dia especial no CENSE. A equipe pedagógica havia organizado uma festa junina para os internos. A unidade estava toda decorada. Boa parte da decoração feita com a ajuda dos próprios internos. Dentre as atrações da festa, a dança da quadrilha organizada por alunos e professores.

Fomos convidados a participar da festa, sobretudo na organização e preparação dos alimentos a serem servidos aos adolescentes. Até então não havíamos entrado em contato com os jovens, apenas com os funcionários da educação, segurança e administrativo.

A festa aconteceu no pátio coberto, local em que são realizadas as aulas de Educação Física. Num primeiro momento apenas as meninas, que permanecem em uma galeria separada a dos meninos, estavam no pátio. Elas aguardavam o grupo de meninos de uma das galerias.

Naquele dia, duas galerias rivais tinham “jurado” (*na linguagem dos adolescentes*) umas as outras. Briga por causa de uma das meninas internadas. Para evitar confronto, os professores e a chefia de segurança da unidade decidiram liberar os adolescentes em dois grupos diferentes. Policiais armados escoltavam os jovens até o pátio.

O sentimento ao entrar em contato pela primeira vez com adolescentes foi de medo. O clima de tensão era iminente boa parte devido à informação de rivalidade entre as galerias. Entretanto, ao participar da festa pudemos observar e refletir sobre as palavras de COSTA (1999). O autor coloca que não se está diante de um infrator, que por acaso é um adolescente, mas, ao contrário, estamos diante de um adolescente que, por circunstâncias, cometeu um ato infracional.

Mesmo em situação de privação de liberdade, pudemos perceber que o comportamento dos jovens era idêntico a qualquer outra pessoa da mesma idade. Olhares e flerte no pátio, cabelos cortados e pintados conforme as “tribos”,

linguagem carregada de gírias e muita tatuagem. Recordamos então de Barbero (2008)

Os jovens nos falam hoje através de outros idiomas: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, também do emagrecer para se adaptar aos modelos de corpo que lhes propõe a sociedade, pela moda e a publicidade. (BARBERO, 2008, p. 23)

Observando o comportamento dos adolescentes percebemos que boa parte das tatuagens refere-se a frases sobre a família e também ao universo da criminalidade. Perguntamos a um dos adolescentes sobre a frase no antebraço direito que dizia: “Mãe, amor eterno”.

É para lembrar que ela existe e que tá lá fora me esperando. Bom prá nós sabe que tem uma família lá fora. Amor mesmo, amor verdadeiro só da mãe da gente. Nem a minha mulher me ama deste jeito. Mas eu amo meu filho assim. (Declaração do ADOLESCENTE D, 16 anos)

A primeira visita também serviu para conhecermos a estrutura de funcionamento do CENSE, bem como a rotina vivida pelos meninos e meninas da unidade. Esse reconhecimento da unidade foi fundamental durante o período de observação, principalmente para verificar características do comportamento dos jovens, bem como se as regras rígidas interferiam no processo de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar que, no primeiro dia no Centro de Socioeducação, o adolescente recebe uma cartilha em que constam seus direitos e deveres.

Dentre as regras a serem seguidas pelos adolescentes do CENSE Curitiba estão:

- Rigorosidade de horários e tarefas;
- Arrumação do próprio alojamento: ao adolescente cabe arrumar a cama, varrer e passar pano sempre que necessário;
- Cuidados com higiene pessoal: tomar banho, escovar dentes, lavar as mãos antes de ir ao banheiro, cortar cabelo e barba;
- Respeito à integridade física e moral dos demais internos, funcionários e visitantes;
- Chamar os funcionários pelo nome, cargo/função ou senhor (a), de forma respeitosa;
- Acatar as determinações dadas pelos funcionários;
- Zelo pela estrutura do prédio, materiais pedagógicos, equipamentos, rouparias e objetos pessoais;

- O não cumprimento das normas decorre em medida disciplinar que pode ir desde advertência até suspensão de recompensas e visitas.

Uma das “recompensas” retiradas no caso do não cumprimento das normas refere-se ao estúdio de rádio. Os adolescentes são privados de participar da atividade, caso desobedeçam às regras. Ao questionar a pedagoga do Centro de Socioeducação Curitiba, Rosângela dos Santos Arbigaus Kreuzsch, elas nos explicou que os adolescentes tentam de todas as maneiras, não burlar as normas, para participar das aulas de rádio.

Eles não querem perder a oportunidade de estar no estúdio de rádio. Por isso tentam seguir as normas à risca. A rádio ajudou até no comportamento dos adolescentes. O número de meninos que permanecem na cela por desobedecer as regras diminuiu por conta do interesse aulas de rádio. (Pedagoga do Centro de Socioeducação Curitiba, Rosângela dos Santos Arbigaus Kreuzsch)

Outra característica da estrutura do CENSE são as celas. Os adolescentes estão distribuídos em um pavilhão em quatro alas. As alas têm dormitórios próprios. Cada cela contém uma única cama. Portas e janelas têm grades. Um educador social é responsável pela ala. A segurança é feita pela polícia.

Como estabelece o calendário escolar, julho era período de férias dos jovens. Somente oficinas estavam sendo realizadas para manter os adolescentes ocupados enquanto o período letivo não retornava. Entre as oficinas foi organizada uma de rádio.

Embora a professora responsável não estivesse na unidade fazia quatro meses, um locutor da rádio Lumen FM acompanhava os adolescentes no estúdio de rádio. O objetivo do locutor, que ajudou no início da implantação do estúdio na Rádio CENSE Curitiba, era dar noção aos adolescentes sobre comerciais, locução e produção musical.

6.4.1 O PRIMEIRO CONTATO COM O ESTÚDIO DE RÁDIO

O estúdio da rádio CENSE Curitiba é pequeno, mas possui os equipamentos necessários para o seu funcionamento. As paredes têm isolador acústico para a gravação. Todas as galerias recebem o som dos programas produzidos pela rádio.

Entretanto, os programas ainda não estão em pleno funcionamento, como veremos a seguir.

Dois dias após conhecermos a unidade fomos ao CENSE e acompanhamos a última aula da oficina de rádio realizada pelo locutor da Lumem FM. Os adolescentes, um grupo de sete alunos, foram alojados na pequena sala do estúdio do operador de som.

Como única mulher pertencente ao grupo, o locutor alertou os adolescentes sobre a importância de não falar palavrões durante a aula, principalmente em decorrência da minha presença. Determinação que os adolescentes seguiram à risca. Inclusive, por falta de cadeiras, um dos adolescentes ofereceu o seu próprio lugar para que pudéssemos acompanhar o trabalho.

A aula teve início com a explicação sobre o que é um comercial na rádio. O locutor da Lumem mostrou a função do departamento comercial, a forma como trabalham e como, após as vendas, são produzidos os comerciais nas rádios. Os adolescentes receberam informações sobre locução. Alguns efeitos sonoros foram utilizados durante a aula.

Durante o período de explicação os adolescentes permaneceram em silêncio. Olhos atentos aprendendo como mexer na mesa de som, como produzir um comercial. O locutor chegou a sugerir que, após o cumprimento da pena, os adolescentes utilizassem o conhecimento no estúdio de rádio para produzirem comerciais a pequenos comerciantes de seus bairros.

Os adolescentes adoraram a idéia. Era uma forma de ganhar dinheiro utilizando apenas um software livre, baixado no computador de casa, para a gravação dos comerciais. Um deles, inclusive, sugeriu o uso de uma bicicleta, com um equipamento de som na garupa, para percorrer o bairro e divulgar produtos.

Ao término da aula, o locutor explicou as dificuldades em trabalhar com os meninos. A primeira delas é que o CENSE Curitiba é uma unidade de passagem. Alguns jovens permanecem por 45 dias no local e, após esse período, ou retornam para casa ou são encaminhados para a internação. Portanto, o grupo de trabalho é sempre variado e muito rotativo. Há uma necessidade constante de retomar assuntos que já haviam sido abordados. Isso causa tédio nos alunos que já haviam visto aquele conteúdo.

Outra dificuldade refere-se ao entendimento de todos os docentes sobre a finalidade da rádio na unidade. Neste primeiro momento descobrimos que apenas dois professores assumiram o desafio da Rádio CENSE Curitiba. O primeiro acabou tendo que sair do projeto e da unidade, assumindo outra escola. E o segundo docente teve que se ausentar por motivo de licença prêmio. Durante o período que os dois docentes se ausentaram, o projeto não foi assumido por outra pessoa ficando relegado a segundo plano.

A pedagoga do Centro de Socioeducação, Rosângela dos Santos Arbigaus Kreusch, assumiu que os professores ainda desconhecem a linguagem e pouco usam como ferramenta pedagógica. Constatação essa, comprovada nos questionários respondidos pelos docentes e que serão apresentados nos próximos passos da pesquisa.

A rádio no CENSE Curitiba é ainda algo novo. Foi realmente muito pensado o funcionamento da rádio na unidade. Embora seja uma ferramenta importante no processo ensino-aprendizagem a determinação da Secretaria de Educação é que os professores das disciplinas curriculares não podem estar totalmente interligados com a rádio. Podem colaborar, mas não podem executar diretamente as atividades. Desta forma, foi destacada a professora Stela para a rádio. Mas todos os professores participam de alguma forma, principalmente na produção e correção de textos. A rádio ainda está em fase experimental. Estamos ainda na fase do namoro. Temos um trabalho grande pela frente. Acredito que será a própria professora Stela a maior motivadora dos outros professores. (ROSÂNGELA DOS SANTOS ARBIGAUS)

Embora os professores não possam estar totalmente interligados com a rádio, como afirma a pedagoga, a descrição do projeto do Governo do Estado sobre Educomunicação nos Centros de Socioeducação, reconhece que:

A deficiência no processo de comunicação entre escola aluno é tida como um dos entraves na concretização do processo ensino-aprendizagem. A linguagem do rádio é mais acessível e deve favorecer nesse processo educativo. (PROJETO SOCIOEDUCATIVO DE EDUCOMUNICAÇÃO. A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PROTEÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES, 2008, p. 2)

Diz ainda o projeto que:

As ações da equipe de trabalho serão realizadas em uma concepção metodológica baseada na multidisciplinaridade, ou seja, o saber sobre o adolescente com o qual se trabalha construído através da contribuição de

cada profissional. Todos os conhecimentos se integram na proposta de superação do senso comum e das visões estereotipadas, moralistas e redutoras sobre o adolescente autor de ato infracional. PROJETO SOCIOEDUCATIVO DE EDUCOMUNICAÇÃO. A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PROTEÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES, 2008, p. 8)

6.4.2 O PRIMEIRO CONTATO EM SALA DE AULA

Embora seja uma unidade na qual os jovens estão em privação de liberdade, a estrutura física da sala de aula não é diferente de uma escola “normal”. Quadro-de-giz, carteiras, armários e materiais diversos compõem o ambiente escolar. Mas, ao contrário da escola “normal”, no Centro de Socioeducação há grades nas janelas.

Cada professor tem sua sala fixa, assim pode fazer a decoração, conforme sua disciplina. Nossa observação foi realizada na sala de Artes já que a professora desta disciplina é a responsável pelo estúdio de rádio.

As turmas são pequenas, apenas com seis ou sete adolescentes e as aulas têm em média 50 minutos. Durante as aulas, um educador social permanece na porta aguardando os adolescentes. Entretanto o professor realiza seu trabalho sozinho em sala não havendo interferência por parte do educador social.

Durante as aulas os alunos têm livre acesso a materiais cortantes, como tesouras, por exemplo, mas por medida de segurança o material escolar é mantido trancado nos armários. Lápis, caneta, régua, apontador e borracha são distribuídos no número exato de alunos. Ao final da aula o professor recolhe o mesmo número de materiais distribuídos. Caso tenha sumido algo, os estudantes são revistados. Tudo para evitar uma possível rebelião ou mesmo agressão entre os internos.

Para que todos os adolescentes possam freqüentar a sala de aula são divididos em grupos de até 7 estudantes. Ao todo são oito grupos distribuídos entre as letras A até H. Os grupos A, D, E, F, G e H são compostos por adolescentes da 5ª série ao Ensino Fundamental. Os grupos B e C são os estudantes de 1ª a 4ª série.

Os adolescentes do grupo A foram os primeiros a ter aula com a professora de rádio no dia 03 de novembro de 2010. Ao entrarem na sala ficaram curiosos com a nossa presença. A professora explicou que se tratava de um estudo do uso do rádio no CENSE. A partir dessa abertura as manifestações logo começaram.

Os alunos reincidentes, ou seja, que já estiveram no CENSE mais de uma vez e, portanto, conheciam o trabalho da rádio, começaram a questionar a professora sobre o período em que a rádio esteve desativada. Eles queriam saber os motivos pelo qual apenas músicas estavam fazendo parte da programação. E o porquê de não estarem mais indo ao estúdio.

A maioria reivindicava, pois queria gravar rap¹⁷. No decorrer da pesquisa percebemos que esse é o sonho da maioria dos estudantes que passam pelo CENSE Curitiba. Eles vêem na música uma forma de conseguir se expressar e combater o que consideram injustiça social.

É importante registrar que, embora os adolescentes estivessem trabalhando com um tema específico naquela aula, neste caso a elaboração de um comercial, percebemos que a professora responsável pelo projeto abre espaço para que os adolescentes também criem através do rap durante e até mesmo depois da aula. Não foram poucos os casos em que os adolescentes já chegaram com o rap pronto, apenas para correção do português e, com uma imensa vontade de gravar.

Após um pedido de explicação por parte dos adolescentes, a professora contou que estava em licença, mas que a partir daquela aula, os trabalhos na rádio estavam sendo retomados. No entanto, a rádio não iniciaria conforme havia parado no início do ano letivo. Vale ressaltar que, antes da licença da professora a rádio tinha uma programação diferenciada. (anexo 7).

O primeiro tema abordado em sala foram os meios de comunicação. A professora instigava os adolescentes a falarem sobre o uso dos meios no dia-a-dia das pessoas e sua importância na transformação da sociedade. Percebemos que os estudantes tinham opiniões variadas, mas na maioria dos casos, tinham medo de expor o que pensavam temendo serem ridicularizados pelos outros alunos.

Em seguida a professora iniciou a explicação sobre a redação comercial, desde o contato publicitário até a gestão artística. Cada passo foi esmiuçado pela docente. Os alunos ficam atentos às explicações e participam ativamente da aula,

¹⁷ Conhecido como *emceeing*, em inglês, o Rap é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades negras dos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rap>.

fazendo perguntas. Entre as questões levantadas, a possibilidade de utilizar humor em uma propaganda para rádio.

De forma didática, a professora mostrou o que é um *briefing*¹⁸ e ensinou cada passo para a construção de uma propaganda para rádio, passando por: nome da empresa; ramo de atividade; endereço; produto. Para auxiliar os estudantes, trouxe ainda exemplos no sentido de ajudá-los na criação dos textos.

Serviço funerário, loja de calçados, serviço de pet shop, supermercado e loja de roupas foram algumas das empresas escolhidas pelos adolescentes para criação da propaganda.

Observamos a dificuldade de criação textual dos adolescentes. Eles não sabiam como iniciar a redação. Pediam auxílio constante para a docente e sugestões aos colegas. Numa determinada situação que, nos chamou a atenção, um adolescente auxiliou um dos colegas, citando frases e exemplificando casos. A docente não interferiu neste processo. Permitiu que trocassem idéias e debatessem a questão.

Assim como o grupo A, todos os demais grupos participaram da mesma atividade em dias alternados, conforme o calendário escolar do CENSE. A pesquisadora acompanhou o processo em todos, num período de dez dias.

A docente nos explicou que, no reinício do trabalho do rádio no CENSE, o objetivo era ensiná-los a criar textos para melhorar a questão gramatical e, posteriormente levá-los até o estúdio para que pudessem gravar seu próprio comercial.

Em todas as observações feitas em sala de aula, as mesmas características foram notadas entre os adolescentes: receio do ridículo ao criar textos e se comunicar; dificuldades na criação dos textos; pobreza de vocabulário; necessidade de expressar as idéias através do papel; ansiedade em ver o seu comercial gravado na rádio; e, sobretudo forte sentimento de colaboração.

Mesmo com as dificuldades foi possível detectar que:

¹⁸ O *briefing* é um conjunto de informações, uma coleta de dados passadas para o desenvolvimento de um trabalho, documento. O *briefing* deve criar um roteiro de ação para criar a solução que o cliente procura, é como mapear o problema, e com estas pistas, ter idéias para criar soluções. É uma peça fundamental para a elaboração de uma proposta de pesquisa de mercado. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Briefing>.

- Havia diálogo aberto entre docente e discentes;
- A criação dos textos era um processo democrático onde não havia interferência por parte do professor;
- Errar e acertar fazia parte do processo de aprendizagem;
- Os erros eram corrigidos simultaneamente, com as discussões entre professor e aluno.

6.5 PASSO 5: ACOMPANHANDO O TRABALHO NA RÁDIO CENSE

No primeiro dia de acompanhamento de gravação na Rádio CENSE Curitiba, realizado em 11 de novembro de 2010, fomos surpreendidos por um bilhete entregue por um dos internos. Um fato inesperado nos fez refletir sobre a importância da rádio, do uso da palavra e de uma educação libertadora para esses adolescentes em privação de liberdade. O bilhete dizia:

Só Deus pode me julgar. As grades podem ferir meu corpo, mas jamais meus pensamentos. Quem inventou as grades não sabe a dor da saudade. (ADOLESCENTE L, grupo H).

Os adolescentes chegaram ao estúdio acompanhados pelo educador social. Era possível verificar a ansiedade e a curiosidade daqueles que iriam gravar pela primeira vez. Os que já conheciam a rádio estavam preocupados em saber o que teria de novidade. Era um misto de alegria, liberdade e vergonha. Dos sete alunos que estavam no estúdio de rádio, apenas um se prontificou a gravar por primeiro. Os demais ficaram apenas na expectativa antes da gravação.

Entre risadas, comentários e sugestões de entonação de voz, o aluno L gravou um comercial sobre o pet shop *Cachorro Loko*. O texto já havia sido construído em sala de aula. Dizia o texto:

Somente no pet shop cachorro loko você encontra o melhor para seu bichano e a cada três consultas a quarta é por nossa conta. Ração, medicamentos, banho e tosa. Tudo isso com a melhor equipe de profissionais de Curitiba. Rua Vitor Ferreira do Amaral, nº 750, bem pertinho da sua casa. Fone: 3222-0123. (ADOLESCENTE L).

A facilidade com que o adolescente fez a locução incentivou outros a também gravarem. A professora só interferia quando a algazarra tomava conta do ambiente e atrapalhava as gravações. Uma das gravações mais divertidas e comentadas durante a aula foi do aluno V, criador do seguinte slogan: “Seu gás acabou! Ligeirinho disque gás entregou”.

Outro comercial a causar alvoroço foi do aluno M. Os adolescentes consideraram o slogan criado pelo colega como o “*máximo*”. Dizia o comercial:

Só aqui na Rip Curl você encontra roupa de primeira qualidade e o preço que o cliente gosta. Venha! Não perca! Você vai surfar nas nuvens! Venha nos visitar: Rua Jacomel Telles, nº 69, Alto Boqueirão. Telefone: 3346-5660

Dentre os sete estudantes do grupo, apenas um teve dificuldades na gravação do comercial. Por ser um aluno novo, não havia participado da criação dos textos tendo que fazer a leitura de um trabalho realizado por outro adolescente. Embora com dificuldades foi possível realizar o trabalho com auxílio da professora e dos próprios colegas.

No período de 11 a 17 de novembro acompanhamos a gravação de todos os grupos. Os grupos A, D, E, F, G e H compostos por adolescentes da 5ª série ao Ensino Fundamental foram os que menos tiveram dificuldades para se expressar e gravar. Os grupos B e C, dos estudantes de 1ª a 4ª série, foram os que apresentaram maior dificuldade. Mesmo tendo idades entre 13 e 17 anos, mal conseguem ler e escrever.

Em todos os grupos foram verificadas as mesmas características:

- Primeiramente vergonha por gravar perto dos colegas;
- Medo de errar durante a leitura;
- Dificuldades de leitura;
- Descontração após a perda inicial do medo;
- Necessidade de expressar opiniões;

Após a etapa de gravação acompanhamos ainda o trabalho de edição dos comerciais. Essa etapa foi realizada entre os dias 22 e 29 de novembro. Vale ressaltar que, durante a edição dos comerciais os estudantes aprenderam a cortar excessos do comercial e, principalmente colocar trilha sonora.

O trabalho foi demorado já que era realizado individualmente. O mais importante é que toda a trilha sonora era escolhida pelos próprios adolescentes. Entre as músicas escolhidas as de preferência foram: rap; rock; e sertaneja.

Ouvimos a opinião dos adolescentes após o comercial pronto. Entre eles o adolescente S que ficou impressionado com o resultado.

Não sabia que tinha esse talento (rss). É tão estranho ouvir a própria voz no rádio. Mas foi legal. Pelo menos aqui tive a oportunidade de falar. Diferente até mesmo da minha escola. Lá a gente não fala nada. (ADOLESCENTE S, 17 ANOS).

6.6 PASSO 6: APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS PARA OS DOCENTES

A realização de uma pesquisa envolve o confronto entre dados, evidências, informações e conhecimentos teóricos. Ao construir uma porção do saber, a pesquisa busca suprir a curiosidade, a inquietação e a atividade investigativa do pesquisador. (LUKE & ANDRÉ, 1986).

Embora nem todos os projetos de pesquisa utilizem o questionário como instrumento de coleta e avaliação de dados, em trabalhos voltados a investigar o ambiente educacional, esse tipo de pesquisa pode identificar as lacunas no processo de ensino aprendizagem, bem como melhorar as metodologias de ensino. (POVOA, 2005)

Ao escolhermos a aplicação de questionário buscamos: economizar tempo e obter o maior número de dados possíveis; atingir o maior número de pessoas simultaneamente; obter respostas rápidas e precisas; e encontrar maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato dos entrevistados.

Primeiramente optou-se por perguntas de múltipla escolha. Ao instituímos este tipo de questão buscamos: facilitar a aplicação, processo e análise de dados; e apresentar poucas possibilidades de erros. (MATTAR, 1994).

Entretanto, verificamos que apenas questões de múltipla escolha não iriam suprir as necessidades da pesquisa. Seria necessário abrir espaço livre para a opinião tanto de docentes quanto de discentes do Centro de Socioeducação Curitiba. Desta forma, optou-se por acrescentar no questionário, perguntas de questão aberta.

Baseamos-nos no que diz Mattar (1994) em relação às vantagens das questões abertas: estimulam a cooperação; cobrem pontos além das questões fechadas; garantem menor influência nos respondentes; e proporcionam comentários, explicações e esclarecimentos.

Os primeiros sujeitos a responderem o questionário foram os professores do Centro de Socioeducação Curitiba. Dez professores estão lotados na unidade. Os docentes não pertencem ao quadro de funcionários da Secretaria de Estado da Criança e da Juventude (SECJ), mas da Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Trabalhar numa unidade de socioeducação é uma opção dada pela secretaria aos docentes. Caso preencham a vaga dispõem de vantagens como um percentual extra por estarem trabalhando em um “local de risco”.

Ao propormos o questionário aos professores objetivávamos descobrir como os docentes vêem os alunos, o uso do rádio dentro da unidade e se utilizam o veículo de comunicação como ferramenta no processo ensino-aprendizagem. Do total de dez professores, apenas seis responderam as questões. Os demais não devolveram os questionários respondidos.

Dentro das respostas em questões fechadas foi possível analisar que a média de idade dos docentes lotados no Centro de Socioeducação varia entre 36 e 50 anos. Em relação ao grau de instrução dos professores que participaram da pesquisa, três são especialistas e os demais têm curso de Mestrado. Dentre os entrevistados, cinco estão no magistério há mais de 20 anos. Apenas uma professora tem menos de 10 anos de profissão.

Buscamos verificar o tempo de atuação dos docentes na unidade de internação. Os dados que constatamos foram que:

- Apenas um trabalha faz 10 anos na unidade de socioeducação;
- Quatro dos educadores do CENSE tem menos de 10 anos na unidade;
- Apenas um professor tem apenas um ano de serviço no CENSE Curitiba.

A segunda etapa do questionário foi constituída de perguntas abertas e estava relacionada à escolha da profissão do docente, a análise que este profissional faz do comportamento dos adolescentes na unidade de socioeducação e o interesse dos alunos pelos estudos.

Ao questionarmos os professores sobre se gostam do que fazem as respostas apresentadas foram as seguintes:

QUADRO 2 – RESPOSTAS DOS PROFESSORES SOBRE SE GOSTAM DO QUE FAZEM

PROFESSOR 1	Gosto muito do meu trabalho porque como alfabetizadora, no caso do CENSE, oportunizar aos adolescentes em conflito com a lei o domínio da leitura e da escrita, ou seja, um pouco de cidadania é muito gratificante.
PROFESSOR 2	Gosto de dar aulas de Educação Física e todas outras atividades com orientação para o esporte.
PROFESSOR 3	Não gostaria de ser professor de outras matérias. Não tem rotina na função
PROFESSOR 4	Eu amo o que faço. Porque todo dia eu tenho um desafio. Se eu consigo fazer com que meus alunos se interessem pela Arte e seus processos estou colaborando para a reinserção em sociedade de maneira consciente.
PROFESSOR 5	Sim, pois estar no meio dos adolescentes é muito prazeroso, apesar de ser estressante às vezes.
PROFESSOR 6	Gosto muito. Me sinto realizado ao perceber o desenvolvimento dos alunos.

Na questão em que descrevem o comportamento dos adolescentes do CENSE Curitiba as respostas foram as seguintes:

QUADRO 3 – DESCRIÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES DO CENSE CURITIBA

PROFESSOR 1	Os adolescentes em princípio são ansiosos e agitados, mas, em sala de aula, com o decorrer do tempo tornam-se cooperativos e receptivos.
PROFESSOR 2	Muito diverso. Temos disciplina aqui, mas a atitude do adolescente varia muito.
PROFESSOR 3	São perspicazes, sabem a necessidade e agem para atendê-las
PROFESSOR 4	Como os adolescentes do CENSE Curitiba ainda não estão sentenciados, ou seja, eles estão aguardando decisão judicial, não temos problemas de comportamento, que cumprem as regras e as orientações estabelecidas até com certa tranqüilidade.
PROFESSOR 5	A maioria são educados, não faltam com o respeito, melhor que os alunos da escola.
PROFESSOR 6	Muito bom. No início do período de internamento parecem indiferentes, mas logo conseguem perceber o quanto pode ser interessante aprender.

A terceira pergunta referia-se ao interesse dos adolescentes do CENSE pelos estudos, conforme a análise dos professores. Para os docentes:

QUADRO 4 – RESPOSTA DOS PROFESSORES SOBRE O INTERESSE DOS ADOLESCENTES QUE COMETERAM ATO INFRACIONAL EM RELAÇÃO AOS ESTUDOS.

PROFESSOR 1	A grande maioria retoma os estudos quando estão internados e redescobrem “o gosto” pela aprendizagem, porém normalmente não prosseguem os estudos após o período de internação.
PROFESSOR 2	Pelos estudos não sei. Mas para praticas esportes é grande.
PROFESSOR 3	Nós o cativamos, motivamos e o ensinamos o gosto e a necessidade.
PROFESSOR 4	A maioria dos adolescentes que chegam no CENSE passa por um processo de despertar o interesse pelos estudos ou resgatá-los. Trata-se de uma reconquista pelo gosto da aprendizagem.
PROFESSOR 5	Alguns tem interesse maior que outros.
PROFESSOR 6	Muito bom. Apesar de demonstrarem muitas lacunas no seu processo de escolarização.

Buscando analisar o uso dos meios de comunicação em sala de aula, mais precisamente do rádio, na unidade de socioeducação propusemos a seguinte questão aos professores: Qual sua opinião sobre o uso dos meios de comunicação em sala de aula? Obtivemos as seguintes respostas:

QUADRO 5 - PROFESSORES ANALISAM O USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

PROFESSOR 1	Considero o uso dos meios de comunicação válido. Com criatividade e bom senso o professor pode enriquecer muito suas aulas.
PROFESSOR 2	Acho ótimo.
PROFESSOR 3	Ótimo. Todos os instrumentos são úteis e servem para abordagem da informatização.
PROFESSOR 4	Em minha opinião os meios de comunicação são usados com consciência, conhecimento enriquecem a aula, porém o seu uso deve ser objetivo e não usado somente como “uma ferramenta diferente”, pois isso pode fazer com que se perca o significado.
PROFESSOR 5	Acho muito bom quando estão em perfeito funcionamento.
PROFESSOR 6	Favorecem a abordagem do conteúdo.

A questão 19 (anexo 5) abordava diretamente o desenvolvimento do projeto da Rádio CENSE Curitiba. Perguntamos qual a opinião dos docentes sobre o projeto. E as respostas foram:

QUADRO 6 – OPINIÃO DOS DOCENTES SOBRE O PROJETO DA RÁDIO CENSE CURITIBA

PROFESSOR 1	Em sua essência é um excelente projeto, porém sofre muitas interferências devido a dinâmica da unidade.
PROFESSOR 2	O projeto é um sucesso. Os meninos que o digam.
PROFESSOR 3	Criativo. Já produziram muito material didático e de lazer.
PROFESSOR 4	É sem dúvida um projeto inovador que oportuniza o enriquecimento, mas ainda no começo, no início. Estamos aprendendo os princípios da educomunicação e seus benefícios.
PROFESSOR 5	Excelente.
PROFESSOR 6	É uma forma de valorizar o trabalho desenvolvido na unidade e ampliar os horizontes dos adolescentes.

Na pergunta 20 (anexo 5) questionamos se o docente participa do projeto da Rádio CENSE e qual o motivo, caso não participasse. Os seis entrevistados responderam:

QUADRO 7 – RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO CENSE

PROFESSOR 1	Não participo. Não existe motivo.
PROFESSOR 2	Não. A professora de rádio não gostou das materiais que eu fiz. (brincadeira)
PROFESSOR 3	Sim. Passando conteúdo referente a atualidade de geografia.
PROFESSOR 4	Sim. Sou a coordenadora do projeto.
PROFESSOR 5	Não. Apenas 4 meses aqui, ainda não estou inteirado de tudo.
PROFESSOR 6	Sim. Comento com os alunos a respeito da programação. Procuo relacioná-la com o nosso trabalho em sala de aula.

A última questão de relevância para a pesquisa referia-se aos pontos positivos e negativos identificados com o trabalho da rádio (questões 22 e 23 do anexo 5). Os professores explicaram que:

QUADRO 8 – DOCENTES APRESENTAM PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO PROJETO RÁDIO CENSE CURITIBA

PROFESSOR 1	Infelizmente tenho pouco conhecimento sobre o trabalho desenvolvido na Rádio CENSE, porém escuto comentários dos alunos mostrando-se bastante animados em participar. Não verifiquei pontos negativos.
PROFESSOR 2	Satisfação dos adolescentes que é o ponto alvo. Quanto a pontos negativos cito a limitação do sistema que impede a maior qualidade de desempenho.
PROFESSOR 3	O aluno está ouvindo seu próprio trabalho. Quanto a ponto negativo cito: falta de tempo e cronograma que atenda os profissionais e os dias de hora atividade.
PROFESSOR 4	Como ponto positivo especialmente a mudança de postura dos meninos em sala de aula que estão mais interessados e disciplinados. Não identifico pontos negativos no trabalho em si, apenas problemas técnicos porque como fomos a primeira rádio neste formato de educomunicação, exceto Foz do Iguaçu que possui formato diferente, sofremos com problemas de qualidade na montagem, como isolamento insuficiente, local de instalação inadequado.
PROFESSOR 5	Criatividade.
PROFESSOR 6	Não há pontos negativos. Entre os positivos a integração dos alunos e a ampliação dos assuntos entre os adolescentes.

6.7. PASSO 7: O QUESTIONÁRIO PARA OS ADOLESCENTES

Os questionários com os adolescentes foram aplicados entre os dias 19 e 22 de novembro de 2010. Ao todo foram cinquenta meninos entrevistados. Havia necessidade de se aplicar o questionário em poucos dias devido à rotatividade dos adolescentes do CENSE. Muitos dos que participaram das aulas de rádio, com as atividades de produção de texto publicitário, narração e edição, estavam prestes a retornar para suas casas após o período de 45 dias de internação provisória. Outros ainda seriam transferidos para a unidade de internação em Piraquara, após serem julgados e condenados pela Justiça.

O questionário (anexo 4), que conta com perguntas abertas e fechadas, foi centrada nos adolescentes do sexo masculino já que as meninas da unidade não participam do projeto de rádio. Como a única professora a trabalhar com a rádio pertence à disciplina de Artes e as adolescentes não têm essa disciplina, acabam

por ficarem excluídas do projeto. No entanto, dentro do universo de análise proposto, todos os meninos das quatro galerias, distribuídos em oito grupos responderam aos questionários.

A primeira dificuldade dos adolescentes em responder as questões referia-se ao ato de escrever. Além da dificuldade em descobrir como se redigia determinada palavra, os estudantes do ensino fundamental mal conseguiram escrever o nome. Neste caso, optamos por anotar as respostas de alguns adolescentes.

Esse problema nos fez refletir sobre o que Mattar (1994) estabelece como desvantagem das questões abertas: quando feitas através de questionários autopreenchidos, esbarram com as dificuldades de redação da maioria das pessoas e mesmo com a “preguiça” de escrever. Mesmo com as dificuldades foi possível colher o questionário de todos os adolescentes.

A primeira etapa do questionário, com perguntas fechadas, estava relacionada a idade, a localidade em que moram, com quem moram e o grau de escolaridade dos pais e dos irmãos dos adolescentes. Buscou-se desta forma conhecer o contexto social e econômico vivido pelos jovens em privação de liberdade.

Os estudantes que responderam as perguntas estão na faixa etária dos:

QUADRO 9- FAIXA ETÁRIA DOS ADOLESCENTES

IDADE	QUANTIDADE	PORCENTAGEM %
12	0	0%
13	1	2%
14	1	2%
15	8	16%
16	16	32%
17	22	44%
18	2	4%

Quanto ao local de origem os adolescentes moram em:

QUADRO 10 – ORIGEM DOS ADOLESCENTES

LOCAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Foz do Iguaçu	2	4%
Curitiba	28	56%
Fazenda Rio Grande	2	4%
Pinhais	2	4%
Telêmaco Borba	2	4%
Antonina	1	2%
Campo Largo	1	2%
Piraquara	1	2%
Matinhos	1	2%
Campina Grande do Sul	1	2%
Lapa	1	2%
Cascavel	1	2%
Paranaguá	1	2%
Marechal Cândido Rondon	2	4%
	2	4%
São José dos Pinhais		
Colombo	2	4%

Perguntamos aos adolescentes com quem moram:

QUADRO 11 - COM QUEM MORAM OS ADOLESCENTES PESQUISADOS

COM QUEM MORA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Pai e mãe	10	20%
Somente a mãe	23	46%
Avô e avó	3	6%
Somente a avó	1	2%
Somente o avô	0	0%
Sozinho	3	6%
Abrigo	7	14%
Mulher e filho	2	4%
Outros	1	2%

Quanto ao grau de escolaridade dos pais os adolescentes responderam:

QUADRO 12 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS

GRAU DE ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Analfabeto	8	16%
Ensino Fundamental Completo	9	18%
		46%
Ensino Fundamental Incompleto	23	
		4%
Ensino médio incompleto	2	
Superior completo	7	14%
Superior incompleto	1	2%

Vale ressaltar que este quadro apresenta um resultado curioso: embora sejam alunos de baixa renda que, muitas vezes são vistos como oriundos de famílias com pouca escolaridade, a resposta dos adolescentes surpreendeu. Dos entrevistados apenas oito adolescentes possuem pais analfabetos. Dentre as respostas, dois alunos afirmaram que os pais possuem ensino médio incompleto. Outro aluno disse que os pais têm ensino superior incompleto e outros sete responderam que os pais concluíram a graduação.

Quanto ao número de irmãos os adolescentes responderam:

QUADRO 13- NÚMERO DE IRMÃOS

NÚMERO DE IRMAOS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
1 irmão	4	8%
2 irmãos	10	20%
3 irmãos ou mais	36	72%

Vale ressaltar que dos adolescentes entrevistados, 33 afirmaram que os irmãos freqüentam a escola. Os outros dezessete disseram que seus irmãos estão longe dos bancos escolares.

Questionados sobre se estavam estudando antes de chegar ao CENSE, 21 jovens disseram que sim, ou seja, antes do internamento freqüentavam a escola. Outros 29 adolescentes não estavam mais estudando. Em relação à série que estão

cursando os adolescentes foi detectado que: três estão entre a 1ª e a 4ª série; 43 entre a 5ª série e 8ª série; e apenas quatro estão no Ensino Médio.

Entre as perguntas propostas aos adolescentes uma questionava qual o motivo de estar no Cense. Dos meninos entrevistados:

QUADRO 14 – INFRAÇÕES COMETIDAS

CRIMES COMETIDOS	ADOLESCENTES	PORCENTAGEM
Tentativa de homicídio	3	6%
Furto	5	10%
Assalto à mão armada e roubo	17	34%
Venda de mercadoria ilegal e falsificada	1	2%
Porte ilegal de arma	2	4%
Tráfico de drogas	4	8%
Homicídio	5	10%
Não souberam responder qual o motivo pelo qual estão cumprindo medida socioeducativa	13	26%

Questionados sobre o total de vezes que passaram pelo CENSE, os adolescentes responderam:

QUADRO 15 – NÚMERO DE VEZES QUE O ADOLESCENTE PASSOU PELA UNIDADE

NÚMERO DE VEZES NA UNIDADE	ADOLESCENTES	PORCENTAGEM
Estão na unidade pela 1ª vez	30	60%
Estão na unidade pela 2ª vez	3	6%
Estão na unidade pela 3ª vez	1	2%
Estão na unidade pela 4ª vez	2	4%
Disseram que não é a 1ª vez, mas não especificaram o número de passagens	3	6%
Não responderam	10	20%
Já passou pela CENSE onze vezes	1	2%

A segunda parte da pesquisa, ainda com perguntas fechadas, buscou descobrir o interesse dos adolescentes pelo veículo de comunicação rádio. Objetivou-se saber se os adolescentes têm hábito de ouvir a programação radiofônica e que tipos de assuntos são do seu interesse.

Dos entrevistados: três ouvem rádio uma vez por semana; dois escutam duas vezes por semana; três adolescentes ouvem rádio três por semana; três nunca ouvem rádio; e um número esmagador de 39 adolescentes ouve rádio todos os dias.

Entre os assuntos de interesse dos jovens, por ordem de preferência são:

- Música. Escolhida por 42 adolescentes;
- Notícias. Escolhida por quatro adolescentes;
- Programas de Humor: Tema escolhido por três adolescentes;
- Esporte: escolhido apenas por um dos adolescentes.

Entre as perguntas abertas, questionamos os adolescentes sobre a forma como vêm a escola. Afinal, na visão dos adolescentes que cometeram atos infracionais, o que a instituição de ensino tem de bom e de ruim? Entre as coisas positivas apontadas pelos jovens estão: as meninas; os amigos; e a oportunidade de aprender. Entre as coisas negativas: os professores; os diretores; a estrutura precária; as brigas; e o fato de permanecerem sentados durante a aula sem poder questionar.

QUADRO 16- O QUE A ESCOLA TEM DE BOM E RUIM

Adolescente 1	Tem amigos e tem professores chatos. (W, 16 anos)
Adolescente 2	As mulheres é bom. Os guardas é ruim. Eles incomodam de mais. (C, 17 anos)
Adolescente 3	De bom o respeito que sempre eu terá com os funcionários e eles comigo. De mal as salas de aula com equipamentos muitos precários. (PC, 17 anos).
Adolescente 4	Os professores, amigos, "amigas" e algumas matérias. E de ruim as brigas. (RL, 17 anos).
Adolescente 5	Tem o nosso aprendizado melhor e de um e que as vezes e meio chato ficar so vendo a professora ficar falando. Na minha escola mudaria o diretor. (P, 17 anos).

Três adolescentes surpreenderam por suas respostas.

QUADRO 17- O QUE A ESCOLA TEM DE BOM E RUIM

Adolescente 1	De ruim nada. Bom. Ética no convívio escolar e um trabalho de desenvolvimento da democracia. (D.V, 17 anos)
Adolescente 2	De bom? É poder estar presente com pessoas pra educar, conviver se sentir familiarizado, com pessoas legais ao seu redor. De ruim eu não vejo nada, a não ser acordar cedo. (AD, 17 anos)
Adolescente 3	De bom são os professores educadores e técnicos. E de ruim só por que estamos presos. Se eu pudesse eu queria ter aulas toda hora por que é ruim ficar dentro da cela. (C, 15 anos)

Quando os adolescentes foram questionados sobre o que o estudar representava, foram taxativos: o estudo garante um futuro melhor e uma colocação no mercado de trabalho. Entre algumas das respostas:

QUADRO 18- O QUE ESTUDAR REPRESENTA

Adolescente 1	É tudo por que querendo ou não o cara que não quer estar na vida loka tem que no mínimo 2º grau comp, e eu quero fazer faculdade. (PGF, 17 anos).
Adolescente 2	Ter alguma ocupação e pra conseguir um trabalho melhor (V, 16 anos)
Adolescente 3	Aprender coizas novas, e é uma coiza muinto importante, para todas as pessoas e ajuda em tudo, no serviço, etc. (M, 17 anos)

Dois adolescentes correlacionaram o diálogo com o ato de aprender.

QUADRO 19- O QUE ESTUDAR REPRESENTA

Adolescente 1	Aprender a ter um diálogo com as pessoas. Aprender se relacionar e também ter um futuro pela frente. (DVA, 17 ANOS)
Adolescente 2	Estudar pra mim é mais que aprender. É viver se espessar aprender a respeitar, se desenvolver. E muito mais. (AD, 17 anos)

Dentre as respostas dois adolescentes vêem na educação uma forma de fugir da criminalidade. E relatam.

QUADRO 20- O QUE ESTUDAR REPRESENTA

Adolescente 1	E ser algei na vida o estudo e tudo na vida e eu estivesse estudado eu não estava ai a onde eu estou hoje aqui. (F, 17 anos).
Adolescente 2	O estudo e muito bom alias e otimo livra todos os a dolesenti das drogas etc e tam bem a genti podi arrumar um ótimo em prego e ter um bom esemplo para o meus irmãos e meus pais. (IS, 16 anos).

Perguntamos ainda aos adolescentes se há diferença entre as aulas no CENSE e da sua escola. As respostas foram:

QUADRO 21- DIFERENÇAS ENTRE A ESCOLA NORMAL E A DO CENSE

Adolescente 1	Si minha escola fosse assi nunca mais parava de estuda. (PB, 17 anos)
Adolescente 2	As professores e materiais são diferentes e mais legal. (DJ, 17 anos)
Adolescente 3	Sim por que faz diversas coisas que não escola não tem. Atividades muito legais. (W, 16 anos)
Adolescente 4	Aqui as professores tem mais paciência para esplica. E tem mais atenção com os alunos. (M, 16 anos)
Adolescente 5	Não diferenti não. A educação e a mesma. Algumas atividades é a mesma mais o qui e bom a convivencia dos profesoeres dos educadores, técnicas e colegas são muito ótimos. Somos todos educados. (IS, 16 anos).
Adolescente 6	Por aqui nois tem uma compãhia que la fora nois não tem. Aqui nois aprende muito na vida muita coiza que a jente não aprende la fora. Aqui nós tem capacidade de aprender. (F, 17 anos).
Adolescente 7	Diferente por causa do rádio. (M, 18 anos).

A última etapa do questionário referia-se a Rádio CENSE. Dentre as perguntas abertas, os alunos foram levados a responder se gostam da rádio e qual o motivo. Do total de entrevistados apenas três afirmaram não gostar da rádio. Os outros 47 afirmaram gostar da Rádio CENSE Curitiba. Entre as alegações estão.

QUADRO 22 – ALUNOS RESPONDEM SE GOSTAM DA RÁDIO CENSE E QUAL O MOTIVO.

Adolescente 1	Porque as professora são muito gente boa sem falar da qualidade da rádio que criaram.
Adolescente 2	Essa é uma radio que na minha opinião poderia ser até transmitidas para as me mais regioes informando sobre horário de funcionamento aqui.
Adolescente 3	Porque nos temos aulas na radio fazemos comercial e a radio cence aprendemos varias coizas.
Adolescente 4	Eu gosto de participar, por quê muda a suaintonação aprende a se expressar melhor e melhora sua voz.
Adolescente 5	Por que faiz o tempo passa e a gente pensa no que vai fazer quando sair daqui
Adolescente 6	Não gosto. Proque eu sou compositor de músicas, e eu queria passar para as pessoas o meu sentimento

Outra pergunta questionou sobre o que os adolescentes mais gostam na Rádio CENSE e se um projeto semelhante em sua escola o estimularia a voltar a estudar. Entre as respostas:

QUADRO 23 – O QUE OS ADOLESCENTES MAIS GOSTAM NA RÁDIO E SE VOLTARIAM A ESTUDAR CASO HOUVESSE UM PROJETO SEMELHANTE EM SUA ESCOLA.

Adolescente 1	Acho que ta legal rolando rap, tchuc, hino, pagode. Devia rolar um sertanejo. Assim a agenda diária de cada galeria seria legal. Se minha escola tivesse um projeto de rádio faria eu voltar sim a estudar. Mas nessa cituação que eu estou não precisa nem ter lanhe que eu vou ta lá. (E, 17 anos)
Adolescente 2	Fica mais fácil aprender. Por que a rádio transfere as palavras das pessoas e muito mais. O aprendizado e educação interessante. Voltaria a estudar se minha escola tivesse um projeto de rádio. Porque eu digo, desperta interesse em

	mim. (AD, 18 anos)
Adolescente 3	Gosto por que é bom a prender com a rádio e mecher na rádio. Se tiver uma rádio na minha escola seria ótimo. (IS, 16 anos).
Adolescente 4	Nos gostamos da rádio. Fica mais fácil aprender. Ensentiva mais os adolescentes. Se tive rádio na minha escola ia me dedicar mais. (P, 17 anos)
Adolescente 5	Fica mais fácil aprender por que expressa muita coisa boa para mente da gente. Voltaria estudar com uma rádio na minha escola. Por que fica só trancado na sala de aula é chato. (WC, 16 anos)
Adolescente 6	Ajuda nos estudos sim. Por que eu tenho mais liberdade e oportunidade. Com a rádio iria em ensentivar a ter mais interesse pelos estudos. (DV, 17 anos)
Adolescente 7	Gosto da rádio por que com ela aprendi a escrever melhor. Também é legal falar. (M, 15)
Adolescente 8	Gosto porque no futuro podemos ser programador de rádio. Mas acho que deveria ter mais sertanejo. Sou locuo por música romântica. (AJ, 17 anos).

6.8 PASSO 8: ANÁLISE DE CONTEÚDOS.

No processo de análise de conteúdo a mensagem é o ponto de partida. O pesquisador busca construir o conhecimento analisando o discurso, a disposição e os termos utilizados pelo emissor. Considera-se não apenas a semântica da língua, mas, sobretudo a interpretação. Portanto, a análise de conteúdo é a palavra, o aspecto individual da linguagem é uma relação intrínseca entre emissor e receptor.

Isso significa que no processo de decodificação das mensagens o receptor utiliza não só o conhecimento formal lógico, mas também um conhecimento experiencial onde estão envolvidas sensações, percepções, impressões e intuições. O reconhecimento desse caráter subjetivo da análise é fundamental para que possam ser tomadas medidas específicas e utilizados procedimentos adequados ao seu controle. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.41).

Deusdará & Rocha (2008) definem análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise da comunicação que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder da heterogeneidade de seu objeto. Os autores destacam que:

Trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos. (...) O analista seria, portanto, um detetive munido de instrumentos de precisão para atingir a significação profunda dos textos. (DEUSDARÁ & ROCHA, 2008, p. 308 e 309)

Inicialmente criado como uma técnica de pesquisa para descrição objetiva e quantitativa de comunicações, a análise de conteúdo é cada vez mais empregada para análise de material qualitativo obtido através de entrevistas de pesquisa. (MACHADO, 1991). Minayo (2003) enfatiza que:

(...) o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto. A análise e a interpretação dos conteúdos obtidos enquadram-se na condição dos passos (ou processos) a serem seguidos. (MINAYO, 2003, p, 74)

Partindo da concepção desses autores, os 50 questionários respondidos pelos adolescentes em privação de liberdade, foram tratados objetivando o sigilo de identidade. Os estudantes foram identificados pelas iniciais do nome ou mesmo iniciais dos apelidos, bem como pela idade.

Por se tratar de pesquisa de caráter qualitativo buscou-se fazer análises a partir da observação, bem como da aplicação de questionários. Dentro do contexto da pesquisa foi possível chegar a conclusões externadas pelos próprios estudantes do Centro de Socioeducação Curitiba.

Pela análise dos dados foi possível verificar que os adolescentes em privação de liberdade são jovens, que na sua maioria, estão inseridos em famílias fragmentadas. Entre os entrevistados apenas dez informaram que vivem com o pai e a mãe. Os demais convivem com apenas um membro da família, ou até mesmo em abrigos.

Nesta proporção também foi possível detectar que a família dos adolescentes é composta por um grande contingente de pessoas, sobretudo com baixa escolaridade. Apenas quatro, entre cinquenta jovens, possui pais com ensino

superior completo. Isso nos faz refletir sobre as análises de Pierre Bourdieu (1998) referentes ao capital cultural. Cria uma necessidade em compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. Reflexão sobre o capital cultural, principalmente no seu estado incorpóreo, como explica Bourdieu (1998), no que tange os componentes das influências familiares. Afinal, até que ponto a baixa escolaridade desses pais pode definir o futuro escolar de seus descendentes?

Outro dado importante na análise da pesquisa refere-se à reincidência desses jovens e os crimes praticados por eles. Em um dos casos mais preocupantes, um adolescente condenado por roubo e com onze passagens pela unidade de socioeducação. Esse mesmo adolescente, de apenas 17 anos, cujas iniciais são DVA, não estudava ao adentrar pela 11ª primeira vez na unidade. Em suas alegações estão “dificuldades por falta de roupas, problemas com drogas e falta de vontade”.

Além de DVA, a escola deixou de ser um atrativo para outros 28 adolescentes que informaram durante a pesquisa, não estarem mais estudando. Professores “chatos”, diretores, brigas e o tédio por ficarem horas sentados apenas acompanhando a explicação do professor, são apontados pelos adolescentes como pontos negativos da escola. Em suas falas os adolescentes reconhecem a importância da educação, entretanto não se sentem motivados pelo ambiente escolar.

Embora num sistema de privação de liberdade, os adolescentes consideram a escola instalada no CENSE como mais atrativa do que a “escola normal”. Atividades diversificadas, propostas de materiais diversos, contato direto com o professor, melhor convivência entre os adolescentes e a Rádio CENSE são apontados como diferencial.

A Rádio CENSE, por sua vez é descrita pelos adolescentes como um ambiente aonde é possível se expressar melhor. Um espaço de aprendizagem. Uma ferramenta que desperta interesse. Um local aonde se tem mais oportunidade e liberdade e, sobretudo aonde se pode, até mesmo aprender a escrever melhor.

A descrição dada pelos próprios adolescentes recai sobre as palavras de Freire ao afirmar que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. (FREIRE, 2005, p. 78). E conclui que “ninguém

educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (*ibidem*, p. 71)

Vale ressaltar que as letras de rap, compostas durante as aulas, mostram adolescentes preocupados com a violência, com sua condição social, com as dificuldades de sair do mundo do crime, com a sua relação com a fé.

Embora ainda não estejam totalmente inseridos no projeto do uso da Rádio CENSE Curitiba, os professores da unidade reconhecem a importância da ferramenta como prática para uma educação que prima pela liberdade e pelo uso da palavra.

Após a conclusão da pesquisa foi possível detectar que os professores gostam do que fazem e escolheram o CENSE como um desafio dentro de suas profissões. Os docentes consideram os adolescentes perspicazes, educados e esforçados, pois demonstram interesse em aprender. Confiando na motivação em sala de aula e, sobretudo na educação, os professores acreditam que, após passarem pela experiência do CENSE, os educandos retomarão o interesse pelos estudos.

Entre as respostas apresentadas pelos professores foi possível perceber que consideram o uso dos Meios de Comunicação como válidos, pois enriquecem as aulas e favorecem a abordagem do conteúdo. Consideram como excelente e de sucesso o projeto da Rádio CENSE.

Entretanto, mesmo sabendo dos benefícios da rádio, poucos professores se dispõem a participar do projeto. Uns por falta de conhecimento outros por falta de interesse. Isso ficou claro, não apenas pela aplicação dos questionários, mas até mesmo durante o processo de observação em sala de aula. Em poucos momentos, com exceção da coordenadora da Rádio CENSE, os professores se mostraram interessados em participar ativamente do projeto. Alguns apenas perguntavam sobre quando a rádio voltaria a funcionar. Outros até sugeriam temas, mas não se comprometeram com o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo partiu da inquietação da pesquisadora sobre o uso do rádio no Centro de Socioeducação Curitiba como ferramenta pedagógica dentro de uma proposta de educação como prática para a liberdade.

O processo de construção da pesquisa tornou-se, desde o início, desafiador tendo em vista o universo estudado, ou seja, uma unidade de privação de liberdade. Questões burocráticas, incertezas em relação à aceitabilidade dos professores e, principalmente dos adolescentes foram questões que causaram angústia e ao mesmo tempo se tornaram desafiadoras e motivadoras. Afinal, poucos estudos estão relacionados ao uso dos meios de comunicação de massa em unidades de socioeducação.

Desde a coleta de dados foi possível vislumbrar o rádio como ferramenta para uma educação como prática de liberdade. Evidenciou-se até mesmo pela proposta apresentada pela Secretaria de Estado da Criança e da Juventude. O rádio, no contexto do projeto, foi escolhido por ser considerado um veículo de comunicação com recurso privilegiado e facilitador do processo ensino-aprendizagem e, ainda por ter uma linguagem mais acessível. Em suma, o uso do rádio sendo utilizado para melhoria da qualidade de comunicação e auxiliando na transmissão de conhecimento.

Numa unidade de socioeducação, esse veículo de comunicação mostra ainda mais a sua mais força como veículo socializador. Através da Rádio CENSE Curitiba os jovens em conflito com a lei estão tendo a oportunidade de ouvirem, falarem e serem ouvidos num contexto de mobilização e organização da garantia de seus direitos, cumprimento de deveres e participação cidadã.

Embora com características de limitar o processo de comunicação, por se configurar como uma unidade de privação de liberdade, o que se pôde vivenciar durante a pesquisa no Centro de Socioeducação Curitiba, foi a garantia de um espaço escolar democrático, instigante, onde a palavra do adolescente que cometeu um ato infracional era respeitada.

Ao utilizar o espaço da escola e o uso do rádio na busca da ampliação e interação pessoal, os jovens reviveram um sentimento de liberdade. Conclusão que

pode ser justificada pelas próprias palavras dos adolescentes: “gosto da radio Sense por que aqui nois te a liberdade de fala o que pensa. Até rap a gente pode fazer” (LF, 15 anos)

O uso do rádio no sistema de privação de liberdade pode auxiliar ainda no sentido de diminuir o estigma em relação aos jovens em conflito com a lei perante a sociedade. Considerados muitas vezes como “bandidos”, “delinqüentes”, “irrecuperáveis”, durante o trabalho da Rádio CENSE, nada mais são do que adolescentes que querem fazer uso da palavra para criar, debater e mostrar suas expectativas, angústias, revoltas e decepções. Oportunidade nem sempre dada pela sociedade.

Para se fazer entender esses jovens utilizam-se das letras do rap, gravadas no estúdio da Rádio CENSE e retransmitida para todos os internos da unidade. Internos que, assim com o próprio autor da letra do rap, sofrem os mesmos problemas, as mesmas dificuldades, os mesmos pré-conceitos.

Através da pesquisa foi possível vislumbrar a importância do diálogo no processo ensino-aprendizagem. E recordar a fala de Freire (2005) ao afirmar que “o diálogo, este encontro de homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”, (FREIRE, 2005, p. 78).

Entretanto, o caminho a percorrer na unidade de socioeducação ainda é longo. Torna-se necessário estimular professores a se integrarem ao projeto. Até este momento os docentes apenas têm conhecimento sobre o uso do rádio e pouco se integram na proposta. Percebe-se que as aulas acabam sendo configuradas no mesmo estilo da escola que não está por trás das grades. O recurso rádio acaba sendo apenas utilizado no período da aula de Artes.

E, portanto, como afirma Citteli (2004)

A sala de aula ganhou a condição de lugar onde ocorre – ainda que de forma nem sempre visível ou sistemática – uma complexa intersecção de ordens discursivas diversas e não necessariamente ajustadas ou complementares. (...) O diálogo media-escola, mesmo quando assimétrico, pode ser alimento para dois objetivos importantes. Um, vinculado ao princípio da abertura do discurso pedagógico para os discursos das comunicações: outro, de inserção crítica da voz da diferença representada pela imposição sistematizadora e de produção dos saberes que devem motivar e estimular o mundo da escola. (CITTELI, 2004, p. 18)

REFERÊNCIAS

ALVES- MAZZOTTI, A. GEWANDSZNAJDER F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2004.

AMARAL, Adriana & DUARTE, Renata. **A subcultura cosplay no orkut: comunicação e sociabilidade online e offline**. In: BORELI, Sílvia & FILHO (Orgs), João Freire. **Culturas juvenis do século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

ANDRADE, LÍlian. **Educomunicação e Pedagogia de Projetos**. Universidade de São Paulo. Departamento de Comunicação e Artes. São Paulo: 2009. Disponível em: http://www.eca.usp.br/gestcom/pdf/Andrade_LBP.pdf. Acesso em: 22/01/2011.

ARENDT, H. (1972): **La crise de la culture**,. Paris, Gallimard, texto em inglês: **Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought**, Cleveland, World Publishing Co, 1961.

ARNHEIM, Rudolf. **Rádio: an art of sound**. In: MEDITSCH (Org), Eduardo. **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. Santa Catarina: Insular, 2005.

ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948 Disponível em: <http://www.xr.pro.br/ensaios/direitoshumanos.html>. Acesso em: 25/11/2010.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Rádio no Espaço da Escola**. São Paulo: Annablume, 2008.

BACCEGA, M. A. **Crítica de televisão: aproximações**. In: MARTINS, M.H. (Org). **Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente**. São Paulo: Senac, 2000.

_____. **Comunicação/educação: Lugar de Formação Crítica, de disputa pela Hegemonia os Significados e da Práxis da Comunicação**. In: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Márcio; MORAIS, Osvando (Orgs). **Comunicação, educação e cultura na era digital**. São Paulo: Intercom, 2009.

BALLE, Francis. **Médias et société**. In: GONET, Jacques. **Educação e Mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje rediofónico**. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. Santa Catarina: Insular, 2005.

BALTAR, Marcos Antonio Rocha; GASTALDELLO, Maria Eugênia; CAMELO, M.A; LIPP, B.M. **Rádio escolar uma proposta de interação sociodiscursiva**. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 08, p.8, 2008.

BASEI, Andréia Paula. **Escola e cultura (s): repercussões e possibilidades para uma prática pedagógica intercultural**. Revista Digital: Buenos Aieres- Año 12, nº 111, agosto de 2007.

BARBERO, Jesús Martin. **Comunicación Massiva: Discurso y poder**. Quito: editorial Época Ciespal, 1978.

_____. **De los Médios a lãs Mediaciones. Comunicación, Cultura e hegemonia**. Barcelona: Editora Gustavo Grili, 1987.

_____. **La Educación desde la Comunicaciòn**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

_____. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. IN: BORELLI, Silvia & FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e Das Penas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BEHRENS, Maria Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação para mídia. Manual do professor**. Florianópolis: UFSC, LANTEC, OPM/CED, 1996.

_____. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BEVENIDES, M.V.M. **Cidadania e direitos humanos**. In. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 104, 1998.

_____. **O desafio da educação para cidadania.** In: AQUINO, J. (Org). **Diferenças e Preconceitos na escola.** São Paulo: Summus, 1998a, p. 153 a 169.

BIANCO, Nelia. **O tambor tribal de McLuhan.** In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio: Textos e Contextos.** Santa Catarina: Insular, 2005.

BICUDO, F. **A entrevista- testemunho: quando o diálogo é possível.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=333DAC001>. Acesso em: 24/02/2011.

BOBBIO, N. **A era dos direitos.** Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Sociología y cultura.** México: Grijalbo/ Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1990.

_____. **Os três estados do capital cultural.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BORELLI, Sílvia & FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: Educ, 2008.

BOGODAN, R, C; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1999, p. 47-51.

BLANDIN, B. “ **Formateurs et formation multimedia**”. Paris, Les Editions d’ Organisation, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares.** São Paulo: Caderno de Pesquisa, volume 39, nº 138. Setembro e Dezembro de 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300003&script=sci_arttext. Acesso em: 21/01/2011.

CANÁRIO, Rui. “**A Escola tem Futuro? Das promessas às incertezas**”. Portugal: Artmed, 2006.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: as mutações juvenis nos corpos das metrópoles.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da inteireza. Uma visão holística da educação.** São Paulo: Summus, 1995.

CARRIEL, Paola. "**Menos adolescentes têm privação de liberdade**". Gazeta do Povo, Curitiba, Paraná. Caderno Vida e Cidadania. Disponível em: www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1003193. Acesso em: 11/06/2010.

CARVALHO, Renato Gil Gomes. **Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria.** Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf>. Acesso em 22/01/2011.

CENECA. **Educación para la comunicación: Manual latinoamericano de educación para los medios de comunicación.** Chile: Unesco, 1992.

CENSE Curitiba. **Informativo do Educando.** Curitiba, 2010.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento.** 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

_____. **Palavras, Meios de Comunicação e Educação.** São Paulo: Cortez, 2006.

COGHI, Cristina. **A casa de detenção.** Revista do Curso de Gestão de Processos Comunicacionais, São Paulo, Ano X – N. 1 – jan/abr 2005, p. 75 -95.

COGO, Denise Maria. **No ar... uma rádio comunitária.** São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Antonio C.G. da. **A Presença da Pedagogia: Teoria e prática da ação socioeducativa.** São Paulo: Global, 1999.

CUBBERLEY, Ellwood P. **Public School Administration**. In: SIROTNIK, K.A. **La escuela como centro del cambio**. In: CANÁRIO, Rui. “**A Escola tem Futuro? Das promessas às incertezas**”. Portugal: Artmed, 2006.

CUNHA, Maria Isabel. **Aula universitária: inovação e pesquisa**. In: MOROSINI, Marilis & LEITE, Denise (org). Universidade Futurante. Produção do ensino e inovação. Campinas: Papirus, 1997.

_____ **Relação ensino e pesquisa**. In: VEIGA, Ilma Alencastro (org). Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 1996.

DEBORD, G.A. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DEMO, Pedro. **Cidadania Tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados, 1995.

_____ **Desafios modernos da educação**: Pedro Demo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DEUSDARÁ, Bruno & ROCHA, Décio. **Análise de Conteúdo e Análise de Discurso. Aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória**. Alea. Estudos Neolatinos: julho e dezembro, volume 7, nº 2, 2008.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. In: MELO, José Marques de & TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DIAS, Ângela Correia. **Processos comunicacionais da cultura jovem na rede social do ciberespaço**. In: **Dossiê: Mídia e educação: a produção de novos sujeitos e novas pedagogias**. Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

DIAS, Francisco Carlos da Silva. **Educar e Punir. Um estudo sobre educação no contexto da internação do adolescente autor de ato infracional: dilemas contemporâneos**. Tese de doutorado da USP, 2007.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista. Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1996.

EGGERT, E; TRAVERSINI, C; PERES E; BONIN, I. **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

EVERTSON, Caroline e GREEN, Judith L. **Observation as inquiry and method**, in **M. C. Wittrock (ed.), Handbook of research and teaching**. New York: Macmillan, 1986.

FILHO, João Freire. **Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil**. In: BORELLI, Silvia & FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

FILHO, Sebastião Faustino. **No ar: comunicação e educação nas ondas da rádio escolar**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/artigos/gt14/artigo%20xvi%20semana%20de%20humanidades.pdf>. Acesso em: 28/09/2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. IN: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, nº. 1, jan./jun., 2002.

_____ **Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem**. In: **Dossiê: Mídia e educação: a produção de novos sujeitos e novas pedagogias**. Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

FORQUIM, Claude. **Escola e cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____ **Sociologia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____ **École et culture - les bases sociales**. Paris: Bruxelles, De Boek Université, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1980.

_____ **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia da indignação.** São Paulo: Unesp, 2000.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____ **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 31ª edição, 2008.

GADOTTI, Moacir. **A escola frente à cultura midiática.** IN: OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e Mediação e Escolar.* São Paulo: Cortez Editora, 2005.

GAMBOA, Silvio Sánchez, **Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica.** In: SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sanchez (orgs). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo: Cortez, 2000, p. 84-100.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora LTC, 1973.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias.** São Paulo: Loyola, 2004.

GHILLARDI, Maria Inês. **Mídia, poder e leitura.** In: ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Rádio no Espaço da Escola.** São Paulo: Annablume, 2008.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura, a: notas sobre as revoluções de nosso tempo.** *Educação & Realidade*, v 22, nº2, p. 15-46, 1997.

HAYE, Ricardo. **El arte radiofônico: algunas pistas sobre la constitución de su expresividad.** In: MEDITSCH (Org), Eduardo. **Teorias do Rádio: Textos e Contextos.** Santa Catarina: Insular, 2005, p. 347 – 354.

ILLICH, I. **Une société sans école.** Paris: Seuil, 1971.

INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL DO PARANÁ (IASP). **Pensando e praticando a Socioeducação**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

JACQUINOT, Geneviève. **Convergência Tecnológica, Divergências Pedagógicas: Algumas Observações sobre os “Nativos Digitais” e a Escola**. In: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Márcio; MORAIS, Osvando (Orgs). **Comunicação, educação e cultura na era digital**. São Paulo: Intercom, 2009.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba, Unimep, 1996.

_____ **Reflèxions sur l'education**. Paris: J. Vrin, 1980.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LESSARD- HÉRBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gerard. **Investigação qualitativa: fundamentos e prática**. Trd. Maria João Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. In: OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias: volume 2, nº 3, ano 2008.

MACHADO, M. N. M. **Entrevista de pesquisa: a interação entrevistador / entrevistado**. Tese. (Doutorado) - Belo Horizonte, 199.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____ **Rádio: o tambor tribal.** In: **Os meios de comunicação como extensões do homem.** In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio: Textos e Contextos.** Santa Catarina: Insular, 2005.

MAFRA, Leila. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MANZINI, E. J. **Entrevista: definição e classificação.** Marília: Unesp, 2004.

MARIET, François. **Laissez- lês regarder la télé.** Paris: Press-Pocket, 1990.

MATTAR, F.N. **Pesquisa de Marketing. Metodologia: metodologia, planejamento, execução e análise.** 2ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v, v2.

MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico, 1997.** Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>. Acesso em: 11/06/2010.

_____ **Teorias do Rádio: Textos e Contextos.** Santa Catarina: Insular, 2005.

MELO, José Marques de & TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MELLO, Guiomar Namó de. **Ensino de 1º grau; direção ou espontaneísmo. Temas em debate, renovação versus democratização. Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, 1981. v. 36. (apud).

MERRIAM, S. B. **Case study in education : A qualitative approach.** San Francisco: Jossey-Bass, 1988.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. CENTRO DE APOIO OPERACIONAL DAS PROMOTORIAS DE JUSTIÇA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Manual de orientação aos gestores Públicos.** Curitiba: Departamento de Informática, 2009.

MOREIRA, Antônio Flavio & CANDAU Vera Maria. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos.** Revista Brasileira de Educação: maio/junho e agosto, nº23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf>. Acesso em: 22/01/2011.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORIN, Edgard. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo-Neurose.** In. ROCHA, Rosa de & SILVA, Josimey. **Cultura Juvenil, violência e consumo, representações midiáticas e percepções de si em contextos extremos.** In. BORELLI, Silvia & FILHO, João (Orgs). **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: Educ, 2008.

MORGAN, Robert M. **Tecnologias Intermediárias.** In. OLIVEIRA E ARAUJO, José Batista (org). **Perspectivas da tecnologia educacional.** São Paulo: Pioneira, 1977.

NAZZARI, Kátia Rosana. **Empoderamento da Juventude no Brasil. Capital Social, Família, Escola e Mídia.** Cascavel: Coluna do saber, 2006.

OLIVEIRA, Almir. **Observação e entrevista em pesquisa qualitativa.** Publicado em 23/07/2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em: 25/02/2011.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características.** Travessias: volume 2, nº 3, ano 2008.

OLIVEIRA, P. S. **Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas.** In: OLIVEIRA, P. S. (Org.). **Metodologia das ciências humanas.** São Paulo: UNESP, 1998, v. 1, p. 17-26.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação Escolar – Pedagogia dos meios, participação e visibilidade.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PASTORELLI, Ivanéa. **Manual de Imprensa e de Mídia do Estatuto da Criança e do Adolescente.** São Paulo: Biblioteca dos Direitos da Criança, 2001.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____ **Televisão e Escola. Conflitos ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA, Regina Coeli. **Educação na liberdade: Kant e a fundamentação da pedagogia.** Minas Gerais: UFJF, 2006. Disponível em: www.ufjf.edu.br/defesa. Acesso em: 21/01/2011.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma Escola Sem\ Com Futuro: educação e multimídia.** Campinas: Papyrus, 1996 (Coleção Magistério- Formação e trabalho pedagógico).

_____ **Escritos sobre Educação, Comunicação e Cultura.** Campina: Papyrus, 2008.

PORTO, Tânia Maria. **Educação para a mídia/ Pedagogia da comunicação: caminhos e desafios.** In. PENTEADO, Heloísa Dupas (Org). **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas.** São Paulo: Cortez, 2001.

PÓVOA, Andréia. **A arte de fazer questionários.** Universidade do Porto. Disponível em: <http://www.jcpaiva.net/getfile.php?cwd=ensino/cadeiras/metodol/20042005/894dc/f94c1&f=a9308>. Acesso em: 24/02/2011.

RAPOSO, Gustavo de Resende. **A educação na Constituição Federal de 1988.** Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 641, 10 abr. 2005. Disponível em: <http://jus.uol.com.br/revista/texto/6574>>. Acesso em: 22 jan. 2011.

RAYOU, P. **Crianças e jovens, atores sociais na escola: Como os compreender?** Educação e sociedade: Campinas, v. 26, n. 91, p. 465-484, 2005.

ROCHA, Rosa de & SILVA, Josimey. **Cultura Juvenil, violência e consumo, representações midiáticas e percepções de si em contextos extremos.** In. BORELLI, Silvia & FILHO, João (Orgs). **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: Educ, 2008.

SALES, Apolinário Mione. **(in) Visibilidade perversa. Adolescentes infratores como metáfora da violência.** São Paulo: Cortez, 2007.

SANCHO, Juana M. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SAINTOUT, Florência. **Jóvenes: el futuro llegó hace rato: comunicación y studios culturales latinoamericanos**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2006.

SAVIANI, Demerval. “**Brasil**” **Educação para a elite e exclusão para a maioria**”, em *Comunicação & Educação*, nº 8. São Paulo: CCA- ECA- USP Moderna, 1997.

SECRETARIA DE ESTADO DA CRIANÇA E JUVENTUDE. **Projeto socioeducativo de educomunicação**. Curitiba, 2008.

_____. **Caderno do Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator (CIAADI)**. Curitiba: 2010.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Brasília- DF: CONANDA, 2006.

SIROTNIK, K.A. **La escuela como centro del cambio**. In: CANÁRIO, Rui. “**A Escola tem Futuro? Das promessas às incertezas**”. Portugal: Artmed, 2006.

SOARES, Ismael de Oliveira. **Comunicação/ Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. *Revista Contato*: Brasília, ano 1, n2. jan/mar. 1999.

_____. **Programas de rádio feitos por alunos de escolas públicas em São Paulo mostram o alcance pedagógico da educomunicação**. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe,7,674>. Acesso em: 23/11/2010.

SOUSA, Mauro Wilton de. **Novas Linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2003.

SOUZA, Ângelo Ricardo. **A escola por dentro e por fora: a cultura da escola e a descentralização financeira**. *Revista Ibero-Americana de Educação*. Disponível em: http://www.campus-oei.org/revista/fin_edu3.htm. Consulta em: 22/01/2011.

SCHEIN, Edgard. **Organizational Culture and Leadership**. São Francisco: Jossey Bass, 1992.

STRAUSS, Claude Levi. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naif, publicação original em 1958.

TEIXEIRA, Enise Barth. **Análise de dados de pesquisa científica. Importância e desafios em estudos organizacionais**. Desenvolvimento em Questão: julho-dezembro, 2003, vol.1, número 002. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, p. 177-201.

TOURAINE, Alain. **Podemos Viver Juntos?** Petrópolis: Vozes, 1999.

_____ **A pedagogia de Freinet**. Mimiografado. Curitiba, 1992.

UNESCO. **Relatório de monitoramento de educação para todos. Educação para todos em 2015: alcançaremos a meta?** Brasília: Brasil, 2008.

VEJA ESPECIAL JOVENS. **A paranóia do Corpo**. 2001.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAREMBA, Lílian. **Idéia de rádio entre olhos e ouvidos**. **Cyberlegenda**, nº 2, 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/zaremba1.htm>. Acesso em: 11/06/2010.

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista concedida por Ricardo Peres da Costa, da Coordenação de Socioeducação da Secretaria de Estado da Criança e Juventude a mestrand Viviane Ongaro.

Curitiba, 11 de novembro de 2009.

Viviane Ongaro (V.O) Quando teve início o projeto de implantação de estúdios de rádios nos Centro de SócioEducação (CENSE) do Paraná?

Ricardo Peres da Costa (R. P): Foi mais ou menos há quatro anos. Para ser mais preciso em 2004. A idéia partiu de um socioeducador de Foz do Iguaçu. A unidade contava com 110 adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos. O socioeducador, que também era radialista, iniciou o trabalho com uma oficina de locução. Depois foram feitas gravações e entrevistas. Na época o secretário de Estado do Trabalho, Emprego e Promoção Social, Padre Roque Zimmermann aprovou o projeto. Para ter uma idéia do sucesso somente no ano retrasado foi destinado R\$ 150 mil para o projeto.

V.O – Qual o objetivo deste projeto?

R.P – O objetivo é reunir ferramentas de comunicação e educação. Utilizar a Educomunicação. Adolescentes que permanecem em tempo integral na CENSE têm das 8h às 17h como período destinado aos estudos e outras atividades de lazer. Através da utilização dos estúdios de rádio é possível adequar os conteúdos de escolarização usando para isso música, jingles, notícias e outros recursos de uma rádio.

V.O – Na unidade de Foz do Iguaçu como funciona a rádio? Todos participam?

R.P- Nem todos participam da rádio, mas todos estudam. Em todas as CENSE há um plano de Personalidade de Atendimento (PPA) que faz parte do processo socioeducativo. O PPA objetiva a realização de estudo de caso através do trabalho desenvolvido por uma equipe multidisciplinar. A equipe e o adolescente se reúnem e discutem habilidades e dificuldades. Após uma discussão que dura certa de uma hora e 40 minutos a decisão é enviado ao juiz. Posteriormente um termo de compromisso é assinado pelo adolescente. Se ele tem as habilidades para a rádio é encaminhado para participar dos trabalhos.

V.O - E a programação?

R.P- Há programas fixos, outros gravados e até mesmo ao vivo. Também tem oficina de seleção musical. Mas toda a programação é ouvida apenas dentro da unidade.

V.O – Como são selecionadas as pautas?

R.P – Através da metodologia utilizada em sala de aula. Há discussões entre o educador e os educandos. Mas a questão das pautas ainda não está bem definida.

V.O- Por quê?

R.P- Ainda falta treinamento aos educadores. Muitos ainda não conhecem a linguagem da comunicação. Para isso estamos buscando convênios e fazendo reuniões regionalizadas. Também pensamos em contratar pessoas habilitadas.

V.O – Os educadores que já participam como estão analisando o projeto? Gostam de trabalhar desta forma?

R.P – Os que têm habilidade para a comunicação aprovam a idéia. Os que não estão diretamente ligados à área vêm na rádio uma forma direta para melhorar o desempenho desses adolescentes. É um instrumento a mais em sala de aula.

V. O - Hoje apenas Foz do Iguaçu está desenvolvendo o projeto?

R. P- Não. Depois da experiência de Foz do Iguaçu outros centros também começaram a pensar em desenvolver as rádios. Hoje já são mais oito unidades: Curitiba no Tarumã; São Francisco, em Piraquara; Ponta Grossa; Cascavel; Laranjeiras do Sul; e duas em Londrina.

V.O – O projeto ainda será ampliado nos próximos anos?

R.P- Essa é a nossa meta. Outros seis centros devem ter também estúdios de rádio até o final do próximo ano. Temos que passar ainda por processo de licitação para equipamentos do estúdio e acústico. Entre as localidades a receber uma rádio estão: Curitiba, no CENSE Joana Richa que só atende meninas; em Fazenda Rio Grande; em Maringá; em Campo Mourão; em Paranavaí; e em Umuarama.

V.O- Nos centros e que já está em funcionamento os estúdios de rádio, como está sendo a receptividade desses adolescentes?

R.P – Os adolescentes adoram. Essa é uma ferramenta pedagógica primorosa. Através da rádio esses adolescentes extravasam. É uma forma de expressão para o indivíduo.

V.O – Quais outros Centros de Socioeducação no Brasil realizam um trabalho semelhante ao do Paraná?

R.P- Que seja do meu conhecimento nenhum. Acredito que apenas no Paraná se realiza este trabalho.

ANEXO 2

Entrevista concedida pelo promotor de Justiça Murilo José Digiacoño do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e Adolescente do Paraná a mestrandia Viviane Ongaro.

Curitiba, 12 de novembro de 2009.

Viviane Ongaro (V.O)- O que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trouxe de benefícios à sociedade brasileira?

Murilo Diagiacoño (M.D)- A lei sozinha não traz benefício nenhum. Ela é apenas um instrumento para que homens públicos de boa vontade a coloquem em prática. O ECA segue as normas internacionais. Não é um privilégio brasileiro. O diferencial em relação ao ECA e o antigo Código de Menores é que a nova lei trabalha em cima da prevenção. A lei anterior não determinava isso. Quando o adolescente de 12 a 18 anos cometia um delito era apenas encaminhado para uma determinada instituição para cumprir sua pena. Hoje é diferente. Há um trabalho de prevenção para que o adolescente não seja mais reincidente. Para isso é necessário desenvolver um acompanhamento de prevenção junto à família dessa criança e junto à comunidade da qual ela pertence.

V.O – Os homens públicos, ao qual o senhor se refere, tem a boa vontade para que o ECA funcione efetivamente?

M.D – Nem sempre. O Ministério Público tem cobrado desses governantes. Trabalhar em prol da efetivação do ECA não é apenas beijar as crianças no período eleitoral. O gestor público deve prever no orçamento políticas públicas que garantam os direitos dessas crianças e adolescentes. A lei não vai adiantar se não houver políticas públicas eficientes. Muitas vezes se acredita que a responsabilidade é apenas de um determinado órgão, por exemplo, os Conselhos Tutelares. Num caso de drogadição o Conselho tem que ter o apoio de programas que prevejam a recuperação desse adolescente. Portanto o poder público deve investir na criança.

V.O - Há uma punição para os governantes que não cumprirem a lei?

M.D – A lei é clara. Não há punição apenas civil, mas criminal caso o gestor não cumpra com o que é determinado pela lei. O gestor pode ser punido até mesmo por dano moral. Por isso é essencial desenvolver uma política pública preventiva e que pense no coletivo.

V.O – A sociedade num geral conhece o ECA?

M.D- Não conhece e por isso muita gente fala o que não sabe. É fácil criticar quando não se conhece a lei.

V.O – Muito se discute sobre a redução da maioridade penal. Qual a sua opinião em relação ao tema?

M.D- Besteira. Não tem propósito. Quem não conhece a lei acredita que reduzir a maioria penal é a solução para acabar com a violência. O que a sociedade desconhece é que há uma punição para esses adolescentes muitas vezes mais severa que para os adultos. Para se ter uma idéia a maioria penal, segundo as normas internacionais, inicia aos 14 anos. Só que no Brasil inicia bem antes, ou seja, aos 12 anos. Além disso, o tempo máximo de internação é de 3 anos. Se considerarmos que a adolescência, para fins legais, vai dos 12 aos 18 anos o adolescente infrator corre o risco de ficar metade de sua adolescência em privação de liberdade. Portanto colocar este adolescente no sistema penitencial não vai resolver o problema. Muito pelo contrário. Ele vai aprender com os adultos e não haverá um propósito de solução efetiva. Nos Centros de Socioeducação esses adolescentes terão a oportunidade de encontrar uma luz no fim do túnel através de um trabalho que visa à recuperação.

V.O- Como o senhor analisa o trabalho de recuperação desenvolvido pelos Centros de Socioeducação?

M.D- O ideal é que nesses locais haja reincidência zero. Se tiver 1% tem que se identificar o problema e reiniciar o trabalho. Durante a recuperação os jovens que cumprem pena devem ser ouvidos. Com a participação deles é possível encontrar soluções que sejam ideais. Querer se livrar dessa criança ou adolescente não vai resolver o problema. Esse jovem não é o problema. Ele apenas tem um problema.

ANEXO 3

Entrevista concedida por Rosângela dos Santos Arbigaus Kreusch, pedagoga do Centro de Socioeducação Curitiba a mestranda Viviane Ongaro.

Curitiba, 24 de novembro de 2010.

Viviane Ongaro (V.O) – Há quanto tempo a senhora trabalha com socioeducação?

Rosângela dos Santos (R.S) – Faz 30 anos. Minha mãe morava em Curitiba e vim visitá-la. Na oportunidade fiquei sabendo que estavam precisando de professores no CEDIT. O centro atendia crianças carentes e infratores. Fiz estágio, gostei e acabei me efetivando. Nunca havia saído de casa. Não conhecia o outro lado da vida. O trabalho me empolgou. Pude perceber que este era o meu caminho.

V.O – Para a senhora o que é a socioeducação?

R.S- Hoje a socioeducação é uma forma de ensinar para que o adolescente possa voltar a viver em sociedade. Esse é o papel.

V.O- Mas isso acontece na prática?

R.S- Não funciona. Quando trabalhamos com eles temos vínculo apenas dentro da unidade e não fora dela. Falta política pública. O primeiro passo deveria ser a prevenção. Mas quando o adolescente já passou por aqui deve haver um trabalho junto à família o que na prática não acontece. Nas nossas regionais são 300 adolescentes para um trabalho de apenas duas psicólogas. É humanamente impossível trabalhar com as famílias.

V.O- Para esses meninos em privação de liberdade o que é a escola?

R.S- A escola é vista como algo ruim. A grande maioria pertence às estatísticas de evasão escolar. São várias as questões que fazem com que esses adolescentes não gostem da escola. Entre elas o fato de serem excluídos pelas instituições de ensino tanto por causa de sua faixa etária quanto pelo comportamento. Muitas vezes eles mentem para os pais dizendo que vão à escola, mas de fato vão para as ruas. Aqui no CENSE a situação é diferente. Aqui, ao contrário da escola convencional, eles têm atendimento individualizado. Por isso muitas vezes preferem o CENSE.

V.O- Então a escola não está preparada para esses alunos?

R.S- De fato hoje a escola não está preparada para esses adolescentes. É difícil a instituição de ensino que tenha como meta trazer a realidade do estudante para dentro da sala de aula. Há um despreparo. O que vejo é que boa parte dos professores procuram o magistério apenas como uma forma de arrumar um emprego, um trabalho fixo. Por isso não tem grande comprometimento com esses alunos. Não buscam novas alternativas para melhorar a qualidade do ensino.

V.O- O uso dos meios de comunicação nas escolas ajudaria a melhorar a qualidade de ensino e estimular esses estudantes?

R.S- Depende. Há muitos professores que usam o recurso apenas para matar aula. Primeiro o professor tem que conhecer o recurso. Se for passar um filme, por exemplo, tem que saber qual a finalidade de utilizar esse filme. Não adianta usar coisas aleatórias. A pessoa tem que conhecer o conteúdo. Para utilizar os meios e saber exatamente como fazer, o docente deve ter iniciativa e procurar se especializar. Não é só esperar uma iniciativa do poder público.

V.O- E quanto ao poder público ele está ciente da importância do uso desses meios como recurso pedagógico? Há investimentos para qualificação de professores?

R.S- O poder público não sabe nem mesmo como capacitar de forma adequada cada área da educação. Há apenas uma capacitação geral no Estado. Só que todos sabemos que cada professor atende públicos diferentes. Um professor da área rural, por exemplo, deveria ser capacitado para saber trabalhar conforme a realidade de sua clientela. O mesmo deveria acontecer com os professores do CENSE. Só que na prática isso não acontece.

V.O- Como a senhora vê o trabalho desenvolvido pela rádio CENSE Curitiba?

R.S- Quando a idéia da rádio surgiu pensamos num fim pedagógico para ela. Criar a rádio não foi apenas para descobrir talentos, mas também para proporcionar conhecimentos novos. Antes do funcionamento da programação os meninos apenas ouviam RAP. Só que agora esse mesmo menino passou de ouvinte a produtor. Ele pode participar ser o locutor, cantar, mexer nos equipamentos.

V.O- E o que isso trouxe de melhoria na prática?

R.S- A motivação é tanta que os adolescentes querem ir para rádio. Lá selecionam o que gostam. Isso prende a atenção deles. A rádio ainda serve como reflexão. À noite a programação conta com mensagens de reflexão o que ajuda na recuperação desses meninos. Em relação à questão pedagógica eles agora têm mais motivação para produzir textos. Sabem que esses textos serão editados na rádio. Não escrevem mais por escrever, mas por terem um motivo para isso. É uma maneira de escrever o que se pensa de forma prazerosa.

V.O- E os professores? Participam? Sugerem novidades para rádio?

R.S- A rádio no CENSE Curitiba é ainda algo novo. Foi realmente muito pensado o funcionamento da rádio na unidade. Embora seja uma ferramenta importante no processo ensino-aprendizagem a determinação da Secretaria de Educação é que os professores das disciplinas curriculares não podem estar totalmente interligados com a rádio. Podem colaborar, mas não podem executar diretamente as atividades. Desta forma, foi destacada a professora Stela para a rádio. Mas todos os professores participam de alguma forma, principalmente na produção e correção de textos. A rádio ainda está em fase experimental. Estamos ainda na fase do namoro.

Temos um trabalho grande pela frente. Acredito que será a própria professora Stela a maior motivadora dos outros professores.

ANEXO 4

ENTIDADE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)
MESTRANDA: VIVIANE ONGARO
ORIENTADORA: ROSA DALLA COSTA

Este questionário é parte integrante da pesquisa sobre o uso do rádio no processo ensino-aprendizagem no Centro de Socioeducação (CENSE) de Curitiba. **EM NENHUM MOMENTO DA PESQUISA SERÁ REVELADA A IDENTIDADE DOS PARTICIPANTES.** O presente material será utilizado apenas para análise de dados e conclusão do trabalho.

1) Qual seu primeiro nome?

2) Quantos anos têm?

- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos

3) Em qual cidade mora?

- Curitiba
 - Outra cidade. Qual?
-

4) Mora com:

- Pai e mãe
 - Somente a mãe
 - Somente o pai
 - Avô e Avó
 - Somente a avó
 - Somente o avô
 - Outros. Qual?
-

5) Qual a profissão de seus pais ou do seu responsável?

6) Quanto tempo seus pais ou responsável estudaram?

- Analfabeto
- Ensino Fundamental Incompleto (1ª a 8ª série).
- Ensino Fundamental Completo (1ª a 8ª série).
- Ensino Médio Incompleto (antigo 2ª grau).
- Ensino Médio Completo (antigo 2ª grau).
- Ensino Superior Incompleto.

Ensino Superior Completo.

7) Tem irmãos? Quantos?

- 1 irmão
 2 irmãos
 3 irmãos ou mais.

8) Seus irmãos estudam?

- Sim
 Não

9) Qual o motivo de você estar aqui no CENSE? É a primeira vez que está aqui?

10) Você estudava antes de estar no CENSE?

- Sim
 Não. Por quê?
-

11) Qual série está cursando atualmente?

- 1ª a 4ª série (Ensino Fundamental)
 5ª a 8ª série (Ensino Fundamental)
 Ensino Médio (Antigo 2ª grau).

12) Você gosta de estudar?

- Sim
 Não. Por quê?
-

13) Você já repetiu o ano?

- Sim. Qual o Motivo?
-

Não.

14) Qual a série repetiu?

15) O que é estudar para você?

16) O que a escola tem de bom? E de ruim?

17) Se pudesse o que mudaria na sua escola?

18) As aulas que você tem no CENSE são diferentes da sua escola? O que é diferente?

19) Quando está em casa você costuma ouvir rádio?

- Sim
- Não

20) Durante quantos dias você ouve rádio:

- Uma vez por semana;
- Duas vezes por semana;
- Três vezes por semana;
- Quatro vezes por semana;
- Cinco vezes por semana;
- Seis vezes por semana;
- Todos os dias;
- Nunca ouço.

21) Qual a emissora de rádio você mais gosta? Por quê?

22) O que mais gosta na programação da sua rádio preferida?

- Música
 - Notícias
 - Programas de humor
 - Esporte
 - Outros. Quais? _____
-

23) Quanto tempo costuma ouvir rádio quando está em casa?

- Até uma hora
- De duas a três horas
- Mais de três horas

24) Você gosta da Rádio CENSE? Gosta de participar?

- Sim
 - Não. Por quê?
-

25) O que você mais gosta na Rádio CENSE?

- Música
 - Programas
 - Gravação de Comerciais
 - Outros.
- Quais _____
-

26) O que você menos gosta na Rádio CENSE?

27) Você acha que fica mais fácil aprender utilizando a Rádio CENSE?

- Sim
- Não. Por quê?

28) Você gosta dos temas abordados durante o programa de rádio?

Sim

Não

Por quê?

29) Cite temas que você gostaria que fossem abordados pela Rádio CENSE.

30) Você gostaria que sua escola tivesse um estúdio como o da Rádio CENSE?

Sim

Não. Por quê?

31) Participar de um projeto de rádio na sua escola faria você voltar a estudar?

Sim

Não.

Por quê?

OBRIGADA POR PARTICIPAR!

ANEXO 5

ENTIDADE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)
MESTRANDA: VIVIANE ONGARO
ORIENTADORA: ROSA DALLA COSTA

Este questionário é parte integrante da pesquisa sobre o uso do rádio no processo ensino-aprendizagem no Centro de Socioeducação (CENSE) de Curitiba. **EM NENHUM MOMENTO DA PESQUISA SERÁ REVELADA A IDENTIDADE DOS PARTICIPANTES.** O presente material será utilizado apenas para análise de dados e conclusão do trabalho

1) Qual seu nome?

2) Qual a sua idade?

3) Qual seu grau de escolaridade?

- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto.
- Ensino Superior Completo.
- Especialização
- Pós-Graduação.

4) Há quanto tempo é professor?

- Menos de 1 ano;
- De 1 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- De 10 a 20 anos
- Mais de 20 anos.

5) Qual disciplina ou em que série leciona no CENSE Curitiba?

6) Qual o motivo de escolher essa profissão?

7) Você gosta do que faz? Por quê?

8) O que você mais gosta na sua profissão?

9) O que menos gosta na sua profissão?

10) Quais são as principais dificuldades profissionais que você encontra no dia-a-dia? Como costuma resolvê-las?

11) Há quanto tempo é educador no CENSE Curitiba?

- Menos de 1 ano;
- De 1 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- Mais de 10 anos

12) Você escolheu lecionar no CENSE Curitiba?

- Sim.
 - Não. Qual o motivo de ser indicado para lecionar neste local?
-

Como você descreve o comportamento dos adolescentes do CENSE Curitiba?

13) Qual é o interesse desses adolescentes pelos estudos?

14) Em sua opinião o conteúdo abordado em sala de aula é satisfatório conforme a necessidade desses adolescentes?

15) Em sua opinião qual o motivo de muitos adolescentes, tanto em liberdade como privados dela, não terem interesse por determinados conteúdos abordados em sala de aula?

16) O que você costuma fazer para enriquecer suas aulas?

17) Qual sua opinião sobre o uso dos meios de comunicação em sala de aula?

18) O que você acha do projeto de rádio desenvolvido pelo CENSE Curitiba?

19) Você participa do projeto da rádio CENSE Curitiba?

- Sim. De que forma?
-

- Não. Por quê?
-

19) Como educador se considera apto a utilizar os meios de comunicação (jornal, rádio, televisão, etc) para enriquecer sua aula?

- Sim.
 Não. Por quê?
-

20) Em sua opinião, quais as maiores dificuldades encontradas pelos professores na utilização dos meios de comunicação em sala de aula?

- Falta de interesse dos alunos;
 Falta de preparação adequada dos professores para a utilização do meio.
 Falta de estímulo da instituição de ensino;
 Outra. Qual?
-

21) Você sabe como utilizar os meios de comunicação? Recebeu treinamento para utilizar essa ferramenta?

- Sim
 Não.

22) No caso do projeto da Rádio CENSE, quais os pontos positivos já foram identificados com esse trabalho junto aos adolescentes?

23) Há pontos negativos? Quais?

24) Houve mudança no comportamento desses adolescentes com o uso da rádio?

- Sim
 Não. Por quê?
-

25) Em sua opinião outros meios de comunicação poderiam ser utilizados pelo CENSE para melhorar a qualidade do ensino bem como a convivência entre adolescentes e educadores?

- Sim. Quais meios de comunicação você sugere? Por quê?
-

- Não. Por quê?
-

26) Você estaria disposto a utilizar os meios de comunicação em suas aulas?

- Sim. De que forma?
-

- Não. Por quê?
-

ANEXO 6**SEQUÊNCIA DA OBSERVAÇÃO**

1) Como foi realizado o trabalho antes da ida ao estúdio de rádio?

Os alunos participaram (discutiram, sugeriram, opinaram) na criação dos programas.

Os alunos não participaram da criação dos programas. Por quê?

2) Quem mais participou da elaboração dos temas dos programas de rádio do CENSE Curitiba?

Apenas a coordenadora;

A coordenadora e o operador de áudio;

A coordenadora, os alunos e demais professores;

Somente os alunos.

3) Quais os motivos de serem selecionados tais temas para os programas?

4) Como os adolescentes estão dispostos no estúdio de rádio?

em pé;

sentados;

do lado de dentro do estúdio;

observando apenas pelo vidro do estúdio;

5) Quantos adolescentes estão no estúdio?

de 2 a 4 adolescentes;

de 4 a 6 adolescentes;

de 6 a mais adolescentes.

6) Como é o comportamento dos adolescentes antes da gravação do programa?

estão agitados;

estão comportados;

conversam sobre o programa;

conversam sobre assuntos paralelos.

7) Os adolescentes mostram interesse durante a gravação?

Sim

Não. Por quê?

8) Os adolescentes são convidados a operar a mesa de som?

Sim

9) Não. Por quê?

10) Como é realizada a gravação?

Com a participação dos adolescentes;

Sem a participação dos adolescentes. Por quê?

11) Durante a gravação novos temas sugeridos pelos adolescentes?

Sim. Quais?

Não. Por quê?

12) Como é o comportamento da professora e do operador de som durante a gravação.

Pedem a opinião dos adolescentes;

Não requisitam a ajuda dos adolescentes;

13) Após a gravação qual a reação dos estudantes?

Aparentam satisfação após o trabalho realizado.

Não mostram interesse pelo programa que foi gravado.

14) Quando o programa vai ao ar qual a reação dos estudantes nas galerias?

Prestam atenção nas informações repassadas pelo programa gravado em estúdio;

Não mostram interesse no programa realizando outras atividades.

ANEXO 7

**IPM – GRADE HORÁRIO DO SETOR PEDAGÓGICO
PERÍODO DA MANHÃ - GALERIA 01**

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	A	Oficina da palavra	XXX	Artes	XXX	Português
1º HORÁRIO	B	Oficina da palavra	XXX	Fase I	XXX	Fase I
2º HORÁRIO	A	Oficina da palavra	Português	XXX	Português	XXX
2º HORÁRIO	B	Oficina da palavra	Fase I	XXX	Tapeçaria	XXX

Fonte: Cense Curitiba.

PERÍODO DA MANHÃ - GALERIA 02

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	C	Oficina da palavra	Fase I	XXX	Fase I	XXX
1º HORÁRIO	D	Oficina da palavra	Português	XXX	Pirógrafo	XXX
2º HORÁRIO	C	Oficina da palavra	XXX	Fase I	XXX	Tapeçaria
2º HORÁRIO	D	Oficina da palavra	XXX	Português	XXX	Português

Fonte: Cense Curitiba.

PERÍODO DA MANHÃ - GALERIA 03

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	E	Oficina da palavra	XXX	Educação Física	XXX	Artes
1º HORÁRIO	F	Oficina da palavra	XXX	Educação Física	XXX	Tapeçaria
2º HORÁRIO	E	Oficina da palavra	Pirógrafo	XXX	Gesso	XXX
2º HORÁRIO	F	Oficina da	Gesso	XXX	Pirógrafo	XXX

palavra

Fonte: Cense Curitiba.

PERÍODO DA MANHÃ - GALERIA 04

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	G	Oficina da palavra	Artes	XXX	Educação Física	XXX
1º HORÁRIO	H	Oficina da palavra	Tapeçaria	XXX	Educação Física	XXX
2º HORÁRIO	G	Oficina da palavra	XXX	Tapeçaria	XXX	Gesso
2º HORÁRIO	H	Oficina da palavra	XXX	Artes	XXX	Pirógrafo

Fonte: Cense Curitiba.

**IPM – GRADE HORÁRIO DO SETOR PEDAGÓGICO
PERÍODO DA TARDE - GALERIA 01**

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	A	XXX	Pirógrafo	XXX	Tapeçaria	Religião
1º HORÁRIO	B	XXX	Gesso	XXX	Artes	Religião
2º HORÁRIO	A	Educação Física	XXX	Gesso	XXX	Religião
2º HORÁRIO	B	Educação Física	XXX	Pirógrafo	XXX	Religião

Fonte: Cense Curitiba.

PERÍODO DA TARDE - GALERIA 02

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	C	Artes	XXX	Pirógrafo	XXX	Religião
1º HORÁRIO	D	Gesso	XXX	Artes	XXX	Religião
2º HORÁRIO	C	XXX	Educação Física	XXX	Gesso	Religião

2º HORÁRIO	D	XXX	Educação Física	XXX	Tapeçaria	Religião
------------	---	-----	-----------------	-----	-----------	----------

Fonte: Cense Curitiba.

PERÍODO DA TARDE - GALERIA 03

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	E	XXX	Matemática	XXX	Matemática	Religião
1º HORÁRIO	F	XXX	Artes	XXX	História	Religião
2º HORÁRIO	E	Matemática	XXX	Tapeçaria	XXX	Religião
2º HORÁRIO	F	História	XXX	História	XXX	Religião

Fonte: Cense Curitiba.

PERÍODO DA TARDE - GALERIA 04

HORÁRIO	GRUPO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
1º HORÁRIO	G	Matemática	XXX	Matemática	XXX	Religião
1º HORÁRIO	H	História	XXX	Gesso	XXX	Religião
2º HORÁRIO	G	XXX	Pirógrafo	XXX	Matemática	Religião
2º HORÁRIO	H	XXX	História	XXX	História	Religião

Fonte: Cense Curitiba.

ANEXO 8

**GRADE HORÁRIA
RÁDIO CENSE**

MANHA	SEGUNDA- FEIRA	TERÇA- FEIRA	QUARTA- FEIRA	QUINTA- FEIRA	SEXTA- FEIRA
1º Horário		Rádio		Rádio	
2º Horário				Rádio	Rádio

FONTE: Rádio Cense Curitiba

TARDE	SEGUNDA- FEIRA	TERÇA- FEIRA	QUARTA- FEIRA	QUINTA- FEIRA	SEXTA- FEIRA
1º Horário	Rádio		Rádio		
2º Horário		Rádio		Rádio	

Fonte: Cense Curitiba

ANEXO 9

GRADE DE PROGRAMAÇÃO – RÁDIO CENSE

NOME DO PROGRAMA	HORÁRIO	DIA DA SEMANA	TEMÁTICA
Sessão Ta ligado	8h20 e 13h15	Segunda a sexta-feira	Noções de higiene e ordem sobre o alojamento como: levantar o colchão, dobrar as cobertas, etc... Informações sobre a Gripe A (H1N1).
Lá vem história	9h	Segunda-feira	Contar histórias ou lendas com enfoque preferencialmente paranaense, de forma individual e coletiva.
Canta cantos	14h	Segunda e quinta-feira	Uma nova forma de se ouvir sobre geografia brasileira e história brasileira, vivendo os lugares através do conhecimento da música.
Saúde com Ciência	13h30	Terça-feira	Proposta de educar e formar hábitos que promovam a saúde e o bem estar.
Toque de Poesia	13h30	Quarta-feira	Um programa para quem gosta de poesia, com leitura de textos poéticos dos autores clássicos da Literatura Brasileira. Declamação na voz do professor Eli.
Cense repórter	15h20	Segunda a sexta-feira	Notícias sobre o desenvolvimento do trabalho cotidiano do CENSE com destaque para os setores.
Nosso andar diário	8h15, 11h40 e 18h	Segunda a domingo	Mensagens de reflexão bem como preces para as refeições.
É bom saber	15h	Segunda, quarta e sexta-feira	Sessão de curiosidades sobre profissões e outros assuntos como ruas e logradouros da cidade: origem dos nomes.

Hoje é dia	10h	Diário	Sessão de divulgação de aniversariantes, promoções, festas e outras atividades de destaque.
------------	-----	--------	---

Fonte: Cense Curitiba.